

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RODOLFO CABRAL DOS ANJOS

TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO E NOVAS PERSPECTIVAS DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: FILOSOFIA E EMANCIPAÇÃO NO ENSINO MÉDIO
TÉCNICO

CURITIBA

2020

RODOLFO CABRAL DOS ANJOS

TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO E NOVAS PERSPECTIVAS DE
ENSINO/APRENDIZAGEM: FILOSOFIA E EMANCIPAÇÃO NO ENSINO MÉDIO
TÉCNICO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Filosofia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientadora: Prof.a. Dra. Verônica Verônica
Ferreira Bahr Calazans

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Anjos, Rodolfo Cabral dos

Teoria do Agir comunicativo e novas perspectivas de ensino/aprendizagem :
filosofia e emancipação no ensino médio técnico. / Rodolfo Cabral dos Anjos. –
Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Profª. Drª. Verônica Ferreira Bahr Calazans

1. Habermas, Jurgen, 1929 – Crítica e interpretação. 2. Filosofia – Ensino e
Estudo – Ensino médio. 3. Filosofia – Conhecimento e aprendizagem.
I. Calazans, Verônica Ferreira Bahr, 1979 -. II. Título.

CDD – 193



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO FILOSOFIA -
40001016170P6

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em FILOSOFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **RODOLFO CABRAL DOS ANJOS** intitulada: **Teoria do Agir Comunicativo e Novas Perspectivas de Ensino/Aprendizagem: Filosofia e Emancipação no Ensino Médio Técnico**, sob orientação da Profa. Dra. VERÔNICA BAHR CALAZANS, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 04 de Março de 2020.

Veronica F.B. Calazans
VERÔNICA BAHR CALAZANS

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ)

Anderson de Alencar Menezes
ANDERSON DE ALENCAR MENEZES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS)

Eduardo Sallés de Olmeira Barra
EDUARDO SALLES DE OLMEIRA BARRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho,

À minha mãe Maria do Carmo, mulher de fibra nordestina, por isso inquebrantável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus Nosso Senhor pelo dom da vida, à Santíssima Virgem, nossa Mãe, que sob o título de Virgem de Fátima sempre me acompanhou e a São José modelo e exemplo de virtudes, que sempre me inspirou;

Aos meus parentes e amigos que sempre me acompanharam com estímulos e preces, em especial minha mãe Maria do Carmo Cabral da Silva, que não obstante a distância geográfica, fez-se presença amiga e materna;

Aos colegas de turma, pelas frutuosas conversas, responsáveis, direta ou indiretamente, pelo amadurecimento da nossa pesquisa;

Agradeço ao professor Marcelo e a toda a turma do terceiro ano do ensino médio técnico da UTFPR, com os quais tive um frutuoso convívio e foram indispensáveis para o desenvolvimento da nossa aplicação prática;

Aos professores e colegas da disciplina transversal de História e Filosofia da Ciência, com os quais tive o privilégio de trabalhar e que lançaram muitas luzes sobre o nosso trabalho;

Na pessoa do professor Edmilson Paschoal agradeço a todos os professores do nosso programa de pós graduação;

Ao professor Eduardo Barra, de quem aprendi valiosas lições, não somente filosóficas, mas sobretudo de compromisso, dedicação e urbanidade;

Ao Goethe-Institut, através do qual aperfeiçoei meus conhecimentos de alemão, tornando-se uma ferramenta imprescindível para a presente dissertação;

Ao DAAD pela bolsa de estudos que me possibilitou uma imersão na língua e cultura alemã *in loco*;

À professora Verônica, não somente pelas valiosas orientações acadêmicas, mas também pela preocupação com minha adaptação nas terras frias de Curitiba.

Agradeço por fim ao Centro Cultural e Universitário Marumbi, verdadeiro oásis que encontrei em Curitiba, lá fiz bons amigos e vivi um intercâmbio cultural e espiritual de altíssimo nível.

Somente quando a filosofia descobre no curso dialético da história os traços da violência deformantes de um diálogo continuamente tentado, leva avante o progresso do gênero humano rumo à emancipação. (...) A unidade do conhecimento com o interesse verifica-se numa dialética que reconstrua o elemento reprimido a partir dos traços históricos do diálogo proibido (Habermas, 1975, p. 300).

RESUMO

Esta dissertação é o resultado da pesquisa que desenvolvemos durante o curso Mestrado Profissional em Filosofia, na linha de pesquisa filosofia e ensino, para a obtenção do grau de mestre. O objetivo geral deste trabalho é analisar as potencialidades presentes na teoria habermasiana do agir comunicativo de promover um ensino emancipatório de filosofia. Este, diferentemente da proposta idealista kantiana, centrada nos imperativos categóricos e *a priori* do sujeito, propõe-se *a posteriori*, por via dialógica, levar a um consenso racionalmente motivado. Participaram desta pesquisa, em sua aplicação prática, 28 (vinte e oito) alunos entre 17 e 18 anos, que compunham uma turma de terceiro ano, do curso de educação profissional técnica de nível médio da UTFPR. Recorremos a questionários e entrevistas com grupos focais antes e depois da nossa intervenção prática, a fim de conseguirmos mensurar a nossa hipótese, a saber: o quanto a teoria habermasiana, seja enquanto referencial teórico presente no currículo, seja enquanto teoria que ilumina a prática docente, auxilia em uma maior autonomia ante uma percepção crítica da sociedade. Percebemos, com a ajuda de critérios pré-estabelecidos, que o apelo provocado por uma racionalidade comunicativa nos moldes habermasianos nos alunos amplia tanto quantitativamente, quanto e sobretudo qualitativamente a sua formação da vontade e conseqüentemente, dando-lhes mais autonomia de análise e posicionamento. Aqui pretende-se apontar para novas possibilidades de abordar a relação ensino/aprendizagem e emancipação, partindo de uma racionalidade comunicativa, e não encerrar um debate que ecoa no horizonte do ensino de filosofia no Brasil há tantos anos.

Palavras-chave: Agir Comunicativo. Emancipação. Ensino de filosofia.

ABSTRACT

This dissertation is the result of the research that we have developed during the Professional Masters in philosophy, in the "philosophy and teaching" research line, in order to accomplish the master's degree. The main objective of this work is to analyze the potentialities which are in the habermasian theory of communicative action in promoting an emancipatory philosophy teaching. This one, differently from Kant's Idealism's proposal, centered on categorical imperatives and the subject's a priori, proposes itself a posteriori, through dialogical way, to take to a rationally motivated consensus. Twenty-eight (28) between 17 and 18 year old students, that were part of a third grade high school at the course of professional technical education of UTFPR, have participated at this research. We have made use of questionnaires and interviews with focalized groups before and after our practical intervention, in order to be able to measure our hypothesis, which is: how much the Habermasian theory, either as theoretical reference present in the curriculum, or as theory that illuminates the teaching practice, helps to achieve a bigger autonomy before a critical perception of the society. We have realized, with the aid of pre-established criteria, that the provoked call for a communicative rationality on the students along the lines of Habermas enlarges, both quantitatively and mainly qualitatively, its will-formation and, consequently, providing them more analysis and positioning autonomy. It's intended here to point to new possibilities of approaching the teaching/learning and emancipation relationship, starting from a communicative rationality, and not finishing a debate that echoes in the horizon of the philosophy teaching in Brazil for so many years.

Keywords: Communicative action. Emancipation. Philosophy teaching.

RÉSUMÉ

Cette thèse est le résultat des recherches que nous avons développées dans le cadre du Master professionnel de philosophie, dans la filière de recherche "philosophie et enseignement", afin d'accomplir le master. L'objectif général de ce travail est d'analyser les potentialités présentes dans la théorie habermasienne de l'action communicative pour promouvoir un enseignement émancipateur de la philosophie. Contrairement à la proposition idéaliste kantienne, centrée sur les impératifs catégoriques et a priori du sujet, elle propose a posteriori, par voie dialogique, d'aboutir à un consensus rationnellement motivé. Dans cette application pratique, 28 (vingt-huit) élèves âgés de 17 à 18 ans, qui faisaient partie d'une classe terminale, ont participé au cours technique du Lycée de l'UTFPR. Nous avons utilisé des questionnaires et des entretiens avec des groupes de discussion avant et après notre intervention pratique, afin de pouvoir mesurer notre hypothèse, à savoir: combien la théorie habermassienne, soit comme référence théorique présente dans le curriculum, soit comme une théorie qui éclaire la pratique pédagogique, contribue à une plus grande autonomie face à une perception critique de la société. Nous avons réalisé, à l'aide de critères préétablis, que l'appel provoqué par une rationalité communicative chez les étudiants à l'instar de Habermas élargit, tant quantitativement, que principalement qualitativement leur formation de la volonté et, par conséquent, leur donnant plus d'autonomie d'analyse et de positionnement. Ici, nous entendons pointer vers de nouvelles possibilités d'aborder la relation enseignement / apprentissage et émancipation, à partir d'une rationalité communicative, et sans mettre fin à un débat qui fait écho à l'horizon de l'enseignement de la philosophie au Brésil depuis tant d'années.

Mots-clés: Action Communicative. Émancipation. Enseignement de la philosophie.

ZUSAMMENFASSUNG

Diese Dissertation ist das Ergebnis der Forschung, die wir während des Professional Master Studiums in Philosophie in der Forschungslinie "Philosophie und Lehre" entwickelten, um den Master Abschluss zu erreichen. Das Hauptziel dieser Arbeit ist die Analyse von Möglichkeiten, die sich aus der habermasianischen Theorie des kommunikativen Handelns zur Förderung eines emanzipatorischen Philosophieunterrichts ergaben. Dieser, anders als Kants` Vorschlag des Idealismus, der sich auf kategoriale Imperative und das a priori des Subjekts konzentriert, bietet sich a posteriori auf dialogische Weise dafür, zu einem rational motivierten Konsens zu gelangen. Achtundzwanzig (28) Schüler zwischen 17 und 18 Jahren, die eine dritte Klasse an einer Hochschule im Rahmen der technischen Fachausbildung von UTFPR besuchten, nahmen an dieser Studie teil. Wir wandten vor und nach unserer praktischen Intervention Fragebögen und Interviews bei fokussierten Gruppen an, um unsere Hypothese messen zu können: Wie weit hilft die habermasianische Theorie, entweder als theoretische Referenz im Lehrplan oder als Theorie, die die Unterrichtspraxis beleuchtet, dabei, eine größere Autonomie vor einer kritischen Wahrnehmung der Gesellschaft zu erreichen. Wir erkannten mit Hilfe vorgegebener Kriterien, dass der provozierte Ruf nach einer kommunikativen Rationalität der Schüler nach dem Vorbild von Habermas sowohl quantitativ als auch hauptsächlich qualitativ ihre Willensbildung erweiterte und ihnen folglich mehr Analyse und Positionierung Autonomie garantierte. Hier soll auf neue Möglichkeiten hingewiesen werden, sich der Beziehung zwischen Lehren, Lernen und Emanzipation zu nähern, ausgehend von einer kommunikativen Rationalität, und nicht eine Debatte zu beenden, die seit so vielen Jahren am Horizont des Philosophieunterrichts in Brasilien wiederhallt.

Schlüsselwörter: Kommunikatives Handeln. Emanzipation. Philosophieunterricht.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Resultados das entrevistas com o grupo 01.....	90
GRÁFICO 2 – Resultados das entrevistas com o grupo 02.....	91
GRÁFICO 3 – Resultados das entrevistas com o grupo 03.....	92
GRÁFICO 4 – Resultados das entrevistas com o grupo 04.....	93
GRÁFICO 5 – Resultados das entrevistas com o grupo 05.....	94
GRÁFICO 6 – média dos resultados das entrevistas com todos os grupos.....	95

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Plano de aula 01.....	62
QUADRO 2 – Critérios para análise de dados	75
QUADRO 3 – Resultados da primeira entrevista com o grupo 01	77
QUADRO 4 – Resultados da segunda entrevista com o grupo 01	78
QUADRO 5 – Resultados da primeira entrevista com o grupo 02	79
QUADRO 6 – Resultados da segunda entrevista com o grupo 02	81
QUADRO 7 – Resultados da primeira entrevista com o grupo 03	82
QUADRO 8 – Resultados da segunda entrevista com o grupo 03	83
QUADRO 9 – Resultados da primeira entrevista com o grupo 04	85
QUADRO 10 – Resultados da segunda entrevista com o grupo 04	86
QUADRO 11 – Resultados da primeira entrevista com o grupo 05	88
QUADRO 12 – Resultados da segunda entrevista com o grupo 05	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. RACIONALIDADE COMUNICATIVA: possibilitadora do entendimento e promotora da integração social	15
1.1 A virada pragmático-linguística	17
1.2 A Teoria do Agir Comunicativo	18
1.2.1 Weber, Kohlberg e Teoria Crítica a serviço da Teoria do Agir Comunicativo.	19
1.2.2 A dimensão performática da linguagem e a reconstrução da racionalidade através da Teoria do Agir Comunicativo.....	24
1.3 Teoria do Agir Comunicativo no ensino de filosofia	29
1.3.1 Ciência, técnica e esfera pública.....	32
1.3.2 A racionalidade comunicativa e os caminhos para o ensino de filosofia.....	36
2. APLICAÇÃO PRÁTICA	39
2.1 Introdução	39
2.1.1 Do método da aplicação.....	39
2.1.2 Do método para a coleta de dados.....	41
2.1.3 Dos grupos.....	42
2.1.4 Do moderador.....	43
2.2 Da aula	45
2.2.1 Ensinar filosofia ou ensinar filosofar? O papel da história da filosofia.....	46
2.2.2 A aplicação prática: aula 01.....	51
2.2.3 A aplicação prática: aula 02.....	56
2.3 Considerações finais acerca da aplicação prática	60
3. ANÁLISE DA PESQUISA	63
3.1 Introdução	63
3.2 A transcrição	64
3.3 A análise dos resultados	66
3.3.1 Análise das entrevistas do grupo 01.....	68
3.3.2 Análise das entrevistas do grupo 02.....	71
3.3.3 Análise das entrevistas do grupo 03.....	74
3.3.4 Análise das entrevistas do grupo 04.....	76
3.3.5 Análise das entrevistas do grupo 05.....	79
3.4 Interpretação dos resultados	82
3.4.1 Interpretação dos resultados do grupo 01.....	83

3.4.2 Interpretação dos resultados do grupo 02	84
3.4.3 Interpretação dos resultados do grupo 03	85
3.4.4 Interpretação dos resultados do grupo 04	86
3.4.5 Interpretação dos resultados do grupo 05	87
3.4.6 Interpretação dos resultados gerais	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	94
APÊNDICE	98
ANEXO 01	100
ANEXO 02	103

INTRODUÇÃO

O objeto de estudo do presente trabalho, consiste, valendo-se do método reconstrutivo habermasiano, e a partir de uma releitura crítica oferecida por ele, propor outras formas de se ensinar filosofia. Estas, orientadas, como ressalta a Base Nacional Comum Curricular, à promoção da autonomia e consciência crítica¹.

Diante do contexto concreto de sala de aula sobrevieram a nós algumas inquietações, responsáveis, em boa parte, por motivar a nossa dissertação. Assiste-se, inerte, à crescente instrumentalização da educação básica, principalmente da sua última etapa, o ensino médio. Neste cenário, o ensino converte-se em ferramenta de aprovação em exames vestibulares. Ensinar é hoje, mais do que nunca, oferecer tanto quanto possível e da forma mais eficaz, conteúdos para viabilizar o ingresso dos estudantes nas universidades.

Há um descolamento patente entre o que se é ensinado e o cotidiano. Um dos efeitos primários dessa separação é a diminuição da motivação dos alunos em sala de aula, de modo mais intenso em disciplinas sem um apelo comercial forte, como é o caso da filosofia. Junto à tarefa, por si só já árdua, de ensinar os conteúdos normativos da disciplina, impõe-se ao professor de filosofia ainda a tarefa de despertar o interesse dos alunos.

Os desafios tornam-se ainda mais robustos quando nos deparamos com o curso de educação profissional técnica de nível médio. Há nesse ambiente um explícito privilégio do conhecimento técnico, tanto por parte dos alunos, quanto por parte da instituição. Aqui não pretendemos colocar o ensino de filosofia e o ensino técnico em posições antinômicas, do contrário, a nossa proposta consiste justamente em apontar caminhos para uma aproximação de ambos, que possibilite um reacoplamento da teoria e a práxis cotidiana da vida. Reconhecemos porém, que isto só será possível mediante a superação de um modelo pautado, exclusivamente, em interesses mercadológicos.

Em um primeiro momento, a proposição de um ensino de filosofia que cumpra simultaneamente, a missão de transmitir os conteúdos normativos, desperte o interesse dos alunos e promova uma reaproximação entre teoria e vida, parece por demais utópico. Mas, ao perceber que um maior interesse dos alunos, está diretamente vinculado à aproximação entre a

¹ “Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Base Nacional Comum Curricular, n. 6. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>, acessado em: 26 de setembro de 2018 às 08:03 horas.

teoria e a vida, essa proposta ganha, imediatamente, contornos mais factíveis. O grande desafio consiste agora em apresentar meios que viabilizem isto.

Encontramos na teoria da ação comunicativa habermasiana uma possibilidade viável, capaz de iluminar o fazer pedagógico do ensino de filosofia, reconciliando a teoria e a vida, até mesmo em um contexto eminentemente técnico, como são os cursos técnicos de nível médio. Vemos ainda que através dessa proposta, torna-se possível conciliar o ensino dos conteúdos estruturantes do currículo com a dimensão social e crítica, própria da filosofia. Valendo-se desse referencial teórico, procuramos iluminar as nossas inquietações práticas, narradas acima.

Para tanto, partimos de um diagnóstico sobre o modelo de racionalidade que guia as ações na sociedade ocidental, e, conseqüentemente, o ensino de filosofia. Acreditamos que assim, é possível encarar com maior clareza as luzes e sombras que cercam este grande desafio, que é ensinar filosofia. Com isso, será possível propor caminhos mais afinados com a realidade concreta.

Em um primeiro momento, dedicamo-nos a reconstruir os conceitos-chave presentes na teoria habermasiana da ação comunicativa. Evidenciar os diálogos estabelecidos pelo autor, e as contribuições trazidas por seus interlocutores é fundamental para uma apresentação à teoria.

Habermas encara a modernidade como um projeto inacabado, por isso dedica-se a reconstruí-lo. Para tanto, revisita teorias como a da racionalização social de Max Weber, a teoria crítica da Escola de Frankfurt, da qual é tributário, e a teoria dos atos de fala de Austin, que ressalta o caráter performático da linguagem. Entendemos esse processo empreendido pelo autor como, nas palavras de Marcos Nobre e Luíz Repa,

não uma tentativa de restituir o sentido particular ou o conteúdo particular de um determinado construto simbólico, [...] [ou] reproduzir o que é factualmente, mas refletir sobre as regras que têm de ser supostas como princípio para a compreensão do sentido e mesmo do não sentido do que é construído social e simbolicamente.²

A partir deste diálogo reconstrutivo de teorias, Habermas lança as bases do seu diagnóstico da modernidade. Com Weber, aponta a modernidade como fruto de uma reorganização racional da cultura e da sociedade sob imperativos de uma lógica instrumental. Dito de outra forma, para Weber o processo de racionalização marca o surgimento da era moderna. Esse processo significa a capacidade de governar por cálculo, como pode ser demonstrado acima de tudo no racionalismo técnico-científico do controle da natureza. A

² NOBRE, M.; REPA, L.(Org.), **Habermas e a Reconstrução**: sobre a categoria central da teoria crítica habermasiana. Campinas: Papirus, 2012. p. 18.

sistematização de contextos de significado leva a um modo de vida metódico, contaminando as ações sociais com as quais as pessoas orientam suas vidas.

A razão decisiva para o progresso da organização burocrática foi sempre a superioridade puramente técnica sobre qualquer outra forma de organização. O mecanismo burocrático plenamente desenvolvido compara-se às outras organizações exatamente da mesma forma pela qual a máquina se compara aos modos não- mecânicos de produção.³

Este panorama proposto por Weber aproxima-nos de uma compreensão da gênese, da dinâmica e do impacto social da economia capitalista, clímax insuperável do processo de racionalização. Desenvolveu-se na sociedade ocidental, a partir da Reforma Protestante, um desencantamento do mundo. A mística, tão cara ao período medieval, é desnudada e lançada ao chão da vida cotidiana, sinais da predileção divina são entendidos, cada vez mais, em termos materiais. Com a doutrina da predestinação calvinista, categorias como trabalho são elevadas à vocação, e os seus frutos convertem-se em provas da eleição divina.

Ao assumir o vocábulo *Berufung* como equivalente alemão ao vocábulo latino *Vocatio* nas traduções da Bíblia, os reformadores explicitam a intenção de associar trabalho (*Beruf*) e vocação. A consequência imediata disto é a supervalorização do trabalho, e do capital que ele movimenta, enquanto há um arrefecimento das práticas místicas e devocionais. Essas são, segundo Weber, as bases sobre as quais desenvolve-se a modernidade.

À constatação da racionalidade moderna, possibilitada pela teoria weberiana, soma-se, em Habermas, a análise das implicações sociais deste modelo instrumental de razão viabilizada pela Teoria Crítica. Com ela o autor contrapõe aspectos normativos da reflexão filosófica com questões sociais relevantes.

O contexto no qual a teoria crítica emergiu pode ser caracterizado pela confluência de três momentos, a saber: primeiro, a crise do movimento operário no início dos anos 20, combinada com o fracasso da ideia de uma revolução proletária mundial; segundo, a crise do marxismo, que não pôde explicar esse fracasso e se reificou (marxismo-leninismo); terceiro, a crise do capitalismo, que em poucos anos levou ao fascismo. A teoria social crítica tem como sujeito o todo, isto é, os homens socializados, entendidos enquanto produtores de todas as suas formas históricas de vida. A partir daí dirige-se a apreender os potenciais emancipatórios presentes nas sociedades capitalistas contemporâneas, bem como identificar os obstáculos que barram o desenvolvimento desses potenciais.

³ WEBER, M. Rejeições religiosas do Mundo: In: **Ensaio de sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p. 249.

A teoria crítica não equivale a um sincretismo de Kant, Hegel, Marx e Freud, embora esses quatro constituam os pilares sobre os quais ela se apoia. Horkheimer e Adorno não se envolvem em neokantismo, neohegelianismo ou neomarxismo. Essa seria uma abordagem a-histórica, que eles criticam como uma teoria tradicional. Para além destes, contribuições de Max Weber, Georg Lukács, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche figuram como aparatos teóricos suplementares na Teoria Crítica. Outrossim, tais teorias não são tratadas como uma caixa de ferramentas que poderia ser facilmente usada, do contrário, formam uma constelação de teorias, em cooperação mútua, a fim de sanar eventuais fragilidades das mesmas quando consideradas individualmente. Vale ainda ressaltar que todas passam, como se é de suspeitar, pelo crivo de Marx.

Perceber a constelação na qual a coisa se encontra significa o mesmo que decifrar aquilo que ele porta em si enquanto algo que veio a ser. Por sua vez, o *chorismos* [separação, cisão] entre fora e dentro é condicionado historicamente. Somente um saber que tem presente o valor conjuntural do objeto em sua relação com os outros objetos consegue liberar a história no objeto; atualização e concentração de algo já sabido que transforma o saber. O conhecimento do objeto em sua constelação é o conhecimento do processo que ele acumula em si. Enquanto constelação, o pensamento teórico circunscreve o conceito que ele gostaria de abrir, esperando que ele salte, mais ou menos como os cadeados de cofres-fortes bem guardados: não apenas por meio de uma única chave ou de um único número, mas de uma combinação numérica.⁴

A teoria crítica não reduz-se a uma mera crítica imanente, entendida sob uma perspectiva fatalista. Se por um lado ela dirige críticas contundentes à sociedade existente, por outro, pretende com isso denunciar os excessos, e sugerir modos melhores de ação.

A teoria crítica declara que o mal, em primeiro lugar na esfera social, mas também nos indivíduos, pode ser identificado, mas que o bem não pode. O conceito do negativo contém [...] o positivo como seu oposto. Em outras palavras: a denúncia de um ato como mal ao menos sugere a direção que um mundo melhor tomaria. [...] Se alguém quiser definir o bem como uma tentativa de abolir o mal, este pode ser determinado. E este é o ensinamento da teoria crítica. Mas o oposto – definir o mal a partir do bem – seria uma impossibilidade.⁵

É próprio a este tipo de crítica a denúncia dos males existentes e, ao mesmo tempo, a expressão de que a supressão deles não é utópica, mas inteiramente factível. O historiador e teórico crítico canadense Moishe Postone, ao dizer que: “O ponto de partida da crítica é imanente ao seu objeto social; ele está baseado no caráter contraditório da sociedade capitalista,

⁴ ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009. pp. 141-142.

⁵ HORKHEIMER, Max. **Notizen 1950 bis 1969 und Dämmerung**. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1974. p. 215.

o qual aponta para a possibilidade de sua negação histórica”⁶ reforça aquilo que transparece na fala acima de Horkheimer, a saber: que este modelo de crítica não necessita erigir para si um modelo alternativo e ideal de sociedade para contrapor ao modelo existente, mas, tão somente por meio da negação daquilo que já está posto, aponta para as múltiplas possibilidades em oposição ao real.

Na esteira desta tradição, Habermas volta seu olhar para a modernidade, pretendendo com isso propor caminhos que viabilizem o projeto emancipatório por meio da razão. Distingue-se dos frankfurtianos justamente pela sua crença na razão moderna. Não obstante, reconhece e denuncia o aspecto instrumental deste modelo, que tem por consequência a despolitização da vontade e a separação entre esfera pública e privada.

A sua proposta concentra-se em resgatar a dimensão comunicativa da racionalidade moderna. A razão entendida em termos comunicativos atuará como mecanismo de resistência frente aos influxos colonizadores dos sistemas. Além disso, possibilitará o resgate da autonomia da vontade, por meio de um processo intercomunicativo e dialógico. Para tanto, Habermas pretende realçar a dimensão pragmática da linguagem, concebendo a realidade, a partir de agora, como linguisticamente estruturada.

Esta proposta está profundamente enraizada na dimensão social da vida, pois aponta o cotidiano vivido, expresso em termos fenomenológicos por Habermas como *Lebenswelt*⁷ (Mundo da Vida), como lugar privilegiado para o diálogo. Disso resulta uma tentativa de repolitização do *Lebenswelt*, reaproximando teoria e práxis, esfera pública e esfera privada.

Tal necessidade surge a partir do diagnóstico da modernidade feito por Habermas, no qual constata um modelo instrumental de racionalidade, responsável por guiar as ações no mundo ocidental. Neste diagnóstico, a ciência e a técnica aparecem como ferramentas que intensificam a separação entre esfera pública e privada, através da criação de uma cultura de especialistas.

Esta separação traz consigo sérias patologias. Temas, antes tratados na esfera pública e acessíveis ao debate para todos, tornam-se funções de especialistas, que sob a prerrogativa de neutralidade científica, acabam por reger e burocratizar ainda mais a estrutura social e o Estado.

⁶ POSTONE, M. *Time, labor and social domination: a reinterpretation of Marx's critical theory*. Cambridge, 1993. p. 140.

⁷ Mundo da vida: importante conceito em Habermas ao que se refere às infinitas vicissitudes das relações humanas. O referido termo foi apresentado por Husserl em *Krisis*, para designar o mundo em que vivemos intuitivamente, com suas realidades, de modo como se dão, primeiramente na experiência simples e depois também nos modos em que sua validade se torna oscilante (oscilante entre ser e aparência) *Krisis*, § 44. Husserl contrapõe o mundo da vida ao mundo da ciência. ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 689.

Com isso, aos cidadãos, quando muito, é relegado o posto de personagens coadjuvantes na administração pública. Tudo isso reverbera dramaticamente na estrutura escolar, transformando-a em mera reprodutora da cultura científica dominante, o que acaba por reforçar a separação da dimensão social constitutiva de todo conhecimento.

Apenas resgatando a dimensão comunicativa da razão é que se devolverá ao homem a autonomia da vontade, dando-lhe possibilidades de resistência ante os influxos de colonização sistêmica do *Lebenswelt*. O ensino de filosofia entendido nestes termos encara os estudantes como uma comunidade de comunicação, e a sala de aula como local privilegiado do diálogo voltado ao entendimento. Decorre disso uma maior autonomia e comprometimento dos alunos, bem como um maior senso crítico.

Como é próprio ao programa de mestrado ao qual estamos vinculados, o presente trabalho consta de uma parte teórica e de uma parte prática. Esta visa testar as hipóteses levantadas e discutidas naquela.

Assim sendo, estruturamos a nossa aplicação prática em três momentos, realizados com uma turma de 28 alunos, do terceiro ano do ensino médio técnico, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Os alunos dividiram-se espontaneamente em 5 grupos, 2 dos quais contavam com 5 integrantes e os demais com 6.

O primeiro momento da nossa aplicação consistiu em realizarmos, separadamente com os grupos, entrevistas semi-estruturadas. Para este momento, seguimos um roteiro, com um texto e 06 perguntas, a fim de coletarmos dados sobre a percepção dos alunos sobre a relação entre progresso técnico e progresso humano, em suas diversas nuances, relacionando-os com a filosofia. As entrevistas aconteceram fora do horário de aula, em um pátio da universidade. Todas elas foram gravadas e devidamente transcritas por nós.

Para o segundo momento, reservamos 2 aulas de 100 min cada, espaçadas entre si por um intervalo de uma semana. Nestas aulas, adaptamos um modelo de aula invertida. Na primeira, deixamos-os a par dos assuntos que seriam por nós trabalhados, oferecendo-lhes chaves de leitura para facilitar a compreensão da teoria habermasiana.

A disposição dos alunos em formato circular em sala, facilitou uma maior participação dos mesmos. Ao final da aula, sugerimos que os alunos lessem o material de apoio, enviado a eles por *WhatsApp* com antecedência, no qual continha recortes de passagens de livros escritos por Habermas, e que tratavam explicitamente dos temas propostos. Além disso, sugerimos

Podcasts e vídeo-aulas no *youtube*⁸, a fim de facilitar a ampliação dos conceitos. Pedimos que os grupos preparassem uma apresentação sobre os textos trabalhados, e esta apresentação valeria nota.

Na segunda aula, preservamos o formato circular da sala. Nela os alunos ampliaram os recortes de textos e temas propostos. As falas dos grupos foram do seu próprio lugar e não seguiu uma ordem convencional de apresentações de seminários. Todos comentaram sobre determinados aspectos do primeiro texto, depois do segundo e daí por diante. O nosso papel foi de esclarecer eventuais dúvidas que não conseguiram ser dirimidas nem nas investigações em casa nem no debate em sala.

O terceiro momento da nossa aplicação consistiu em refazer as entrevistas com os grupos, seguindo o mesmo roteiro e perguntas. Procuramos com isso encontrar meios objetivos nos quais poderíamos mensurar a plausibilidade das nossas hipóteses.

Após as entrevistas, analisamos todos os dados. Eles foram distribuídos dentro de um espectro conceitual por nós desenvolvido. A finalidade disto era viabilizar a medição do grau de percepção e análise crítica dos grupos sobre os temas previstos. Vale ressaltar a importância de estabelecermos limites atingíveis nesse espectro.

Seguiu-se a isso a interpretação dos resultados. Nessa etapa, recorrendo a recursos gráficos, evidenciamos as potencialidades e limites da nossa proposta. O método que orientou a nossa análise foi a comparação entre os resultados da primeira com os da segunda entrevista. Com isso, pudemos apontar o quanto a nossa proposta, iluminada pela teoria habermasiana, foi capaz de aprofundar a análise crítica e a percepção de mundo dos alunos.

⁸ - **LexCast §33:** Quem não se comunica se trumbica. Márcio Etiane. 30 out. 2015. Podcast. Disponível em:

<https://podcasts.apple.com/qa/podcast/lexcast/id974309462> acesso em: 07 fev. 2019.

- **Ideé:** Jürgen Habermas, *le défenseur de la modernité*. intervieweur: Pierre-Edouard Deldique. interviewé: Pierre Bouretz. RFI 25 mai. 2018. Disponível em: <https://rfi-idees.lepodcast.fr/jurgen-habermas-le-defenseur-de-la-modernite> acesso em: 07 fev. 2019.

- **Mere Rhetoric:** Habermas and the public sphere. interviewer: Mary Hedengren. interviewed: Laura Thain. 24 set. 2016. Podcast. Disponível em: <https://player.fm/series/mere-rhetoric/habermas-and-the-public-sphere-new-and-improved-Agaoh0v97pKWWCRF> acesso em: 07 fev. 2019.

- MARTONI, Juliano. **Filosofia - Jürgen Habermas - Oficina do Estudante**. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VV79_kiAfJo acesso em: 07 fev. 2019.

1. RACIONALIDADE COMUNICATIVA: possibilitadora do entendimento e promotora da integração social

A filosofia habermasiana vale-se de um processo reconstrutivo que conjuga em si dois aspectos complementares. Dá-se dessa forma, devido à crença de Habermas na racionalidade moderna, encarando-a como um projeto inacabado que guarda em si potencialidades inexploradas.

O primeiro aspecto trata da pragmática formal, ou pragmática universal, como era chamada anteriormente. Grosso modo, poderíamos defini-la, tomando de empréstimo as palavras dos professores Luís Repa e Marcos Nobre, como um “um programa de reconstruções hipotéticas das regras universais dos atos de fala orientados ao entendimento recíproco”⁹. Reconstruir as condições de possibilidade para o entendimento mútuo, mediado linguisticamente, é reconstruir as regras das estruturas de socialização que permitiram tais acordos.

Da necessidade de compreensão das instituições sociais formais, surge o segundo aspecto. A teoria da evolução social seria, nas palavras de Habermas,

[...] teorias que, falando hegelianamente, têm de pressupor a lógica do conceito, isto é, a reconstrução de sistemas de regras abstratas, para poder elucidar, por sua vez, sob condições empíricas, a lógica da evolução, portanto, as sequencias necessárias da aquisição e do estabelecimento daqueles sistemas de regras.¹⁰

Tal aspecto trata sobre o desenvolvimento das estruturas normativas que tornaram possível o surgimento das sociedades modernas, no núcleo das quais se pode verificar as regras da interação comunicativa. Por meio dela, torna-se possível a análise do processo de racionalização da sociedade, e de colonização sistêmica (ação racional que diz respeito a fins) do mundo da vida (as normas que conduzem as interações linguisticamente mediadas).

Em seu itinerário reconstrutivo, o autor em questão, apresenta ainda a necessidade de uma reconstrução da história da teoria. Aqui não se trata de empreender uma análise do contexto histórico, e/ou filosófico no qual uma determinada teoria foi elaborada, mas de buscar nela o potencial teórico para a explicação da situação contemporânea, mesmo que esse potencial tenha de ser

⁹ NOBRE, M.; REPA, L.(Org.), **Habermas e a Reconstrução**: sobre a categoria central da teoria crítica habermasiana. Campinas: Papyrus, 2012. p. 45.

¹⁰ HABERMAS, J., **Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie: Was leistet die Systemforschung?** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971. p. 175.

desenvolvido com categorias diferentes das propostas pelo autor da teoria. Trata-se de explorar à exaustão as potencialidades de uma teoria e a sua capacidade de responder aos problemas atuais.

O procedimento habermasiano busca identificar o sentido dos textos com base em um problema posto pelo próprio e determinar por que ele foi incapaz de resolver com os meios adotados, entre outros potencialmente disponíveis. Ao mesmo tempo, ele precisa apontar para alternativas encontráveis no mesmo autor, que mereciam, até onde possível, um desdobramento que ou colaborasse efetivamente para a reconstrução do conceito de racionalidade comunicativa ou tivesse de apontar para ela.¹¹

Habermas nomeia tais aspectos, de ciências reconstrutivas. Unindo-as à Teoria Crítica, à contribuição trazida por Austin, ao evidenciar o caráter performativo dos atos de fala, e, ainda, à teoria da racionalização weberiana, bem como à teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg, Habermas lança a base para o desenvolvimento, posterior, da Teoria do Agir Comunicativo. Aqui não se trata de meras apropriações, mas de ver potencialidades inexploradas nessas teorias e que, entendidas a partir da ação comunicativa, dariam respostas aos obstáculos para a emancipação encontrados na sociedade contemporânea. Isto revela sua fé no potencial inexplorado da modernidade e da racionalidade.

De fato, só com os conceitos da ação comunicativa se abre a perspectiva baseada na qual o processo da racionalização social aparece desde o início com contraditório. [...] O paradoxo da racionalização de que fala Weber se deixa, então, formular abstratamente do seguinte modo: a racionalização do mundo da vida possibilita um tipo de integração sistêmica que entra em competição com o princípio de integração do entendimento e, sob determinadas condições, reage de forma desintegradora sobre o mundo da vida.¹²

As mudanças na forma de conceber a linguagem, trazidas pela virada pragmático-linguística lançaram as bases para a construção da racionalidade comunicativa habermasiana. Por isso que a compreensão deste movimento filosófico é fundamental para um entendimento mais amplo da proposta de Habermas, pois delinea o horizonte no qual esta se situa. Dito isto, nas secções que seguem intentaremos apontar esse movimento filosófico tão importante e as suas repercussões.

¹¹ NOBRE, M.; REPA, L. (Org.), **Habermas e a Reconstrução** : sobre a categoria central da teoria crítica habermasiana. Campinas: Papyrus, 2012. p. 53.

¹² HABERMAS, J., **Teoría de La acción comunicativa I: racionalidade de La acción y racionalización social**. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003. pp. 458-459.

1.1 A virada pragmático-linguística

Em meados do século XIX, emerge no cenário filosófico um movimento que propõe um novo alicerce sobre o qual repousará grande parte da construção racional subsequente. Ele surge como reação ao idealismo, seja o transcendental de matriz kantiana, seja o absoluto de matriz hegeliana, assim como ao psicologismo de John Stuart Mill. Propõe, a partir de uma crítica da linguagem à linguagem, um novo eixo, sobre o qual orbita a realidade. O enfoque da filosofia deixa de ser, apresentar a autoconsciência como resultado de uma auto-relação mantida pelo sujeito cognoscente, que acessa a esfera interna das representações que ele tem dos objetos, e passa a ser a linguagem, pano de fundo do mundo da vida.

Nos últimos cem anos começou-se a juntar argumentos de diferentes tipos, que sugeriram, em geral, a passagem da análise introspectiva dos dados da consciência para a análise reconstrutiva de realidades gramaticais publicamente acessíveis.¹³

Este movimento da filosofia contemporânea constrói uma nova filosofia da linguagem, que tem como concepção básica a análise da linguagem e do processo de significação. Apresenta o mundo como linguisticamente estruturado, e com isso estabelece uma intrínseca e indissolúvel relação entre linguagem e mundo. Esta nova forma de conceber a relação linguagem/mundo apresenta-se em oposição à cosmovisão platônica, que vigorava no cenário filosófico de então. Esta tinha por pressuposto a existência de uma separação/oposição entre essência e representações linguísticas.

As relações entre linguagem e mundo, entre proposições e estados de coisas, substituem as relações sujeito-objeto. O trabalho de constituição do mundo deixa de ser uma tarefa da subjetividade transcendental para se transformar em estruturas gramaticais.¹⁴

A passagem da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem é preconizada por uma corrente de matriz analítica, que tem nas figuras de Frege e de Wittgenstein seus principais expoentes, tornando a linguagem ideal a peça-chave dos seus objetos de estudos. Em contrapartida a analítica da linguagem, surge uma outra

¹³ HABERMAS, J., **Pensamento Pós-metafísico**: Estudos Filosóficos. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. p. 32.

¹⁴ Ibid. p. 15.

vertente que orienta suas análises para o campo pragmático da língua, abordando a linguagem ordinária e seu uso efetivo nos diversos contextos, dentre os seus expoentes sobressaem-se o segundo Wittgenstein, Austin e Habermas.

a individuação não é representada como auto-realização de um sujeito auto-ativo na liberdade e na solidão, mas como um processo linguisticamente mediado da socialização e, ao mesmo tempo, da constituição de uma história de vida consciente de si mesma. A identidade de indivíduos socializados forma-se simultaneamente no meio do entendimento linguístico com outros e no meio do entendimento intra-subjetivo-histórico-vital consigo mesmo. A individualidade forma-se em condições de reconhecimento intersubjetivo e de auto-entendimento mediado intersubjetivamente. A inovação decisiva em relação à filosofia do sujeito tornou-se possível também nessa direção, graças a uma guinada pragmático-formal, a qual atribui a primazia à linguagem que explora o mundo - tida como o meio do possível entendimento, da cooperação social e dos processos de aprendizagem auto-controlados - e não à subjetividade criadora de mundos. (...) A partir da estrutura da linguagem é possível esclarecer por que o espírito humano está condenado à Odisseia - por que ele não consegue encontrar-se a si mesmo a não ser através de um desvio que passa pela alienação, pela entrega completa a outros e a outras realidades. Ele só se torna consciente de si mesmo na singularidade insubstituível e sem par de um ser individuado quando se encontra na maior distância em relação a si mesmo.¹⁵

Interessa ao nosso trabalho apresentarmos, neste horizonte da pragmática da linguagem, o desenvolvimento da TAC habermasiana. A realidade passa a ser entendida como articulada pela intersubjetividade do entendimento linguístico, mediador de relações entre sujeitos em comunicação.

1.2 A Teoria do Agir Comunicativo

Para chegar ao conceito de agir comunicativo, Habermas conduz suas investigações filosóficas rumo a uma releitura reconstrutiva das peças-chaves do horizonte sociológico, como Max Weber, George Mead, Émile Durkheim e Talcott Parsons. Dentre eles o que desempenha maior influência na construção de sua proposta é Max Weber, com sua teoria da racionalidade.

Weber é o único que, mesmo tendo rompido com as premissas da filosofia da história e as hipóteses fundamentais do evolucionismo, concebeu, no entanto, a modernização social da velha Europa como resultado de um processo histórico universal de racionalização.¹⁶

¹⁵ Ibid. pp. 186-187.

¹⁶ HABERMAS, J., *Teoría de La acción comunicativa I: racionalidade de La acción y racionalización social*. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003. p. 159.

Como supracitado, também influenciaram o desenvolvimento da TAC a Teoria Crítica, legada pela escola de Frankfurt, a teoria do desenvolvimento genético de Piaget e Kohlberg, bem como as contribuições trazidas por Austin ao destacar o caráter performativo da linguagem. Tais influências reforçam o aspecto dialogal e reconstrutivo da teoria habermasiana, que se dedica a explorar as potencialidades de outras teoria, valendo-se, para tanto, do paradigma da racionalidade comunicativa.

1.2.1 Weber, Kohlberg e Teoria Crítica a serviço da Teoria do Agir Comunicativo

Após análises da teoria weberiana da racionalização, Habermas propõe uma teoria que tenha por parte constituinte, uma racionalidade comunicativa que prescindia de fundamentos últimos, nos moldes metafísicos, e que, simultaneamente, se oponha a instrumentalização da razão. Um modelo social que conjugue em si paradigmas das abordagens fenomenológica e sistêmica, em consequência disso ele apresenta os conceitos de *Lebenswelt* (Mundo da Vida) e sistema. Tais instrumentais teóricos estariam orientados a explicar fenômenos facilmente detectáveis na sociedade moderna, encarados por ele como patologias sociais. Dito de outra forma, as categorias de mundo da vida e sistema auxiliam a entender o processo que submete domínios da vida que são comunicativamente estruturados, a imperativos dos sistemas de ação que são formalmente organizados e que se tornam autônomos.

Na sua condição de pano de fundo das práticas comunicativas, de condição de possibilidade de qualquer forma de entendimento, enquanto conjunto de sentidos predeterminados, a partir do qual os indivíduos socializados se abastecem para compreender, interpretar e agir sobre os mundos.¹⁷

Este mundo da vida intersubjetivamente partilhado, que serve como pano de fundo para o agir comunicativo, forma um sistema de referências, que os atores, no ato da comunicação, recorrem para a obtenção do entendimento.

Os sistemas têm mecanismos especiais, que proporcionam-lhes uma organização e delimitação da coordenação das ações. Como exemplo Habermas elenca o sistema jurídico, que tem por mecanismo o direito, o sistema econômico que

¹⁷ ARAGÃO, L., **Habermas**: filósofo e sociólogo do nosso tempo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. p. 61.

tem por mecanismo preços de mercado e o sistema político enquanto estado que tem por mecanismo o poder.

Meios como o dinheiro e o poder extraem de vinculações cuja motivação é empírica: codificam um trato “racional com respeito a fins” com massas de valor susceptíveis de cálculo e possibilitam o exercício de uma influência estratégica generalizada sobre as decisões dos outros participantes na interação em um movimento de ilusão e rodeio dos processos de formação linguística do consenso. Como não só simplificam a comunicação linguística, mas a substitui por uma generalização simbólica de prejuízos e ressarcimentos, o contexto do mundo da vida em que sempre estão inseridos os processos de entendimento fica desvalorizado e submetido a interações regidas por meios: o mundo da vida já não é necessário para a coordenação da ação.¹⁸

Estes mecanismos especiais, são elevados ao posto de subsistemas, que reificam todos os níveis das relações interpessoais mantidas na sociedade. Este panorama privilegia a ação voltada para o sucesso em detrimento daquela que visa a intercompreensão.

Habermas constrói sua abordagem crítica acerca da sociedade, partindo de uma reconstrução do materialismo histórico¹⁹, que compreende, em sua análise, de Kant a Marx. Nesta empreitada ele despe a história de todo o caráter hipostático, fruto de uma perspectiva metafísica, e coloca-a sob o foco de uma projeção prática. Ele pretende desenvolver uma teoria da sociedade projetada com um propósito prático.

Nesta proposta constatamos uma ampliação do conceito weberiano de racionalidade, que no entender de Habermas, compartilhava uma noção atrofiada com Marx e os grandes expoentes da escola de Frankfurt, ao apresentar um conceito unilateral da racionalidade, entendendo-a, unicamente, como orientada para fins. O autor propõe um modelo de integração social que está alicerçado no *telos* inerente à linguagem, o entendimento, a intercompreensão entre, ao menos dois, sujeitos capazes de falar e de agir. Com isso, pretende superar as possíveis ambivalências

¹⁸ HABERMAS, J., *Teoria de La acción comunicativa II: crítica de razón funcionalista*. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003. pp. 258-259.

¹⁹ “Com este nome Engels designou o cânon de interpretação histórica proposta por Marx, mais precisamente o que consiste em atribuir aos fatores econômicos (técnicas de trabalho e de produção, relações de trabalho e de produção) peso preponderante na determinação dos acontecimentos históricos. O pressuposto desse cânon é o ponto de vista antropológico defendido por Marx, segundo o qual a personalidade humana é constituída intrinsecamente (em sua própria natureza) por relações de trabalho e de produção de que o homem participa para prover as suas necessidades. A ‘consciência’ do homem (suas crenças religiosas, morais, políticas, etc.) é resultado dessas relações, e não seu pressuposto” (ABBAGNANO, *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 663).

presentes na proposta weberiana, e lançar a pedra angular sobre a qual repousa sua reflexão filosófica, a razão comunicativa.

[...] em sua análise do processo de desencantamento da história das religiões universais, que satisfaz, a seu juízo, as condições internas necessárias para o surgimento do racionalismo ocidental, Weber recorre a um conceito complexo, ainda que não totalmente elucidado, de racionalidade. Mas quando analisa a racionalização social, tal como se efetua no mundo moderno, Weber, ao contrário, se guia por um conceito restrito de racionalidade com respeito a fins.²⁰

O processo de reconstrução conduzido por Habermas não é uma mera descrição de desenvolvimentos passados, que analisa, simplesmente, a estrutura do materialismo histórico. Pelo contrário, ele utiliza dessa reconstrução como arcabouço teórico que lhe proporcionará tecer uma crítica à sociedade contemporânea.

Ao deparar-se com a complexa configuração da sociedade moderna, ele sente a necessidade de estabelecer um conceito, igualmente complexo, que satisfaça as exigências provindas das esferas da coordenação das ações, este conceito é o da Racionalidade Comunicativa. A partir dele, torna-se viável, via Teoria do Agir Comunicativo, uma estabilização do desenvolvimento individual e sociocultural mediante uma comunicação mediada linguisticamente.

Para que a proposta pautada numa reconstrução crítica do materialismo histórico se estenda às sociedades contemporâneas, é necessária uma análise exaustiva da sociedade tendo por base o agir comunicativo, pois com ele, esta teoria crítica adquire fundamentos normativos. Ao adotar tal postura, Habermas, inscreve a racionalidade na prática cotidiana do mundo da vida.

O diagnóstico realizado por Habermas, revela, no seio da sociedade atual, uma monetarização e burocratização da ação cotidiana. Esta patologia, chamada por Lukács de reificação social, não é ocasionada, exclusivamente, pela racionalização do mundo da vida, nem, muito menos, resulta apenas da separação do mundo da vida do sistema, mas é consequência de uma racionalidade econômica que passa a coordenar esferas das ações responsáveis por transmitir o saber cultural, a integração social e a educação. Com isso o papel de *medium* ocupado pela linguagem é outorgado ao dinheiro e ao Estado.

Este *medium* da sociedade contemporânea poupa ao sujeito o esforço empreendido rumo ao entendimento, ao passo que mercantiliza todos os níveis de

²⁰ HABERMAS, J., *Teoría de La acción comunicativa I: racionalidade de La acción y racionalización social*. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003. pp. 159-160.

suas relações. Não obstante a isso, Habermas ainda acredita numa intercompreensão obtida via agir comunicativo, que coordena as ações nos domínios da cultura, integração social e da socialização.

Uma vez que os teóricos do sistema consideram a comunicação linguajar e, com ela, a intercompreensão (como mecanismo de coordenação da ação), apenas sob o ponto de vista da regulação, eles só podem partir do pressuposto de que todo tipo de mediuns de regulação pode se diferenciar a partir da linguagem. Eles não consideram nem mesmo a possibilidade de que a própria estrutura da linguagem coloque limites a tal processo. Eu gostaria de mostrar que, pelo contrário, só as esferas funcionais da reprodução material se deixam diferenciar do Mundo da Vida através de mediuns de regulação. As estruturas do Mundo da Vida só podem se reproduzir através do médium fundamental do agir orientado para a intercompreensão.²¹

O agir orientado para o entendimento, além de reproduzir o mundo da vida, permite no horizonte da cultura, que haja, mediante uma postura crítica, uma aceitação ou revisão do saber. No horizonte da sociedade, apresenta as pretensões de validade como coordenadoras da ação, ao se expressarem criticamente. No âmbito da personalidade, permite a formação da identidade através da socialização e educação. Neste panorama em que a racionalidade está voltada para o entendimento a integração social é guiada pelos recursos do mundo da vida. É no mundo da vida que se misturam linguagem e cultura, é ele o pano de fundo onde se desdobra a realidade.

O entendimento, visto como o *telos* da comunicação, desempenha a função de guardião e protetor frente à tecnicização do mundo da vida. Aqui surge um outro conceito vital para a compreensão da relação entre mundo da vida e sistema que é o de *Kolonialisierung der Lebenswelt* (colonização do mundo da vida). Este conceito pode ser entendido como os constantes influxos sistêmicos de dominação e colonização do mundo da vida.

A garantia de que a vontade alcança o esclarecimento que de fato requer e a de que o esclarecimento, ao mesmo tempo, penetra efetivamente essa vontade tanto quanto lhe é possível no quadro de circunstâncias dadas, desejadas e factíveis. Essas expectativas principiológicas não nos deixam certamente esquecer que faltam ao modelo pragmatista as condições empíricas para sua aplicação. A despolitização das massas populares e a decadência da esfera pública política são partes integrantes de um sistema de dominação que tende a excluir as questões práticas da discussão pública. O

²¹ Idem. *Teoria de La acción comunicativa II: crítica de razón funcionalista*. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003. p. 391.

exercício burocrático do poder corresponde, antes, a uma esfera pública demonstrativa, na qual se busca o mero consentimento de uma população mediatizada. Mas mesmo se abstrairmos essas barreiras sistêmicas e supusermos que as discussões públicas encontram ainda hoje uma base social no grande público, ainda assim a provisão de informações científicas relevantes não seria assunto simples.²²

A problemática da sociedade atual, concentra-se, congruente a Habermas, no ponto de intersecção entre mundo da vida e sistema, que acaba estendendo aspectos de uma ação estratégica, orientada para fins, para o âmbito de coordenação da ação. Neste horizonte, no qual é apresentada uma certa nebulosidade no que tange os limites desses dois mundos, e a interação existente entre eles, é que Habermas vê a eficácia de sua proposta, como modo de reação a estes conflitos.

Ele elabora tal proposta seguindo as influências do estruturalismo genético da psicologia do desenvolvimento, notadamente influenciado por Kohlberg e Piaget. Ele acredita que, analogamente ao que ocorre no horizonte individual, uma reconstituição dos modelos de desenvolvimento, tanto moral quanto cognitivo, permitirá uma análise fidedigna do desenvolvimento da sociedade, e a conduzirá a uma interação universal reflexiva. Este empreendimento apropria-se dos demais métodos, que forneciam uma análise unilateral do paradigma em questão, desde a sociologia da religião de Weber, passando pela teoria da comunicação de Mead, até à teoria da integração social de Durkheim.

[...] cujo ponto de partida se liga tanto ao saber pré-teórico dos sujeitos que falam, agem e julgam com competência, quanto a sistemas transmitidos de saber coletivo, a fim de captar as bases da racionalidade da experiência e do julgamento, do agir e da intercompreensão linguajar. (...) Sob a perspectiva da história das teorias, tentei mostrar, com ajuda dos trabalhos de G. H. Mead, Max Weber e E. Durkheim, como as tarefas de experimentação científica e de análise filosófica-conceptual se engrenam mutuamente, neste tipo de teoria construída simultaneamente de forma empírica e reconstrutiva. A Teoria genética do Conhecimento de J. Piaget é o melhor exemplo desta divisão do trabalho cooperativa.²³

Dado a evolução simultânea de aspectos do agir comunicativo com as relações que proporcionam a edificação moral do indivíduo, presente nesta teoria, há uma

²² Idem. **Técnica e Ciência como ideologia**. São Paulo: Unesp, 2014. p. 170.

²³ Idem. **Teoría de La acción comunicativa II: crítica de razón funcionalista**. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003. pp. 587 - 588.

passagem, via comunicação, da interação ocorrida no estágio pré-convencional²⁴, para um agir orientado por normas. Ao inserir a teoria do agir comunicativo na teoria de Kohlberg, Habermas afirma que os verdadeiros interesses dos indivíduos só se tornam objeto do discurso prático, graças a uma ética universal linguisticamente estruturada.

Decerto, este fluxo comunicativo exige sensibilidade, capacidade de libertar-se dos limites, das dependências. (...)A identidade do Eu indica a competência de um sujeito capaz de linguagem e de ação para enfrentar determinadas exigências de consistência (...) a identidade é gerada pela socialização (...) e vai se processando à medida em que o sujeito - apropriando-se de seus universos simbólicos - integra-se, antes de mais nada, num certo sistema social.²⁵

Estabelecendo tal relação, ele propõe a emancipação como finalidade inerente ao indivíduo, que fazendo usufruto de sua liberdade, transforma, através da argumentação discursiva, seu mundo social. A partir do momento que o indivíduo, entendido como identidade do Eu, ultrapassa o horizonte das ações conflitivas, a estruturação da consciência moral que decorrerá desta processo, será promotora de ações sociais, sempre embasadas em um profundo comprometimento ético.

1.2.2 A dimensão performativa da linguagem e a reconstrução da racionalidade através da Teoria do Agir Comunicativo

É certo que as ações geradoras de entendimento e promotoras de integração social têm que trazer consigo pretensões de validade, de sinceridade, verdade e correção, para que assim, obtenha o êxito ilocucionário do ato de fala. Não obstante

²⁴ Quanto à estruturação em níveis da Teoria do desenvolvimento, Habermas segue a proposta de Kohlberg. “A descrição do desenvolvimento moral proposta por Kohlberg (1984) sobrepõe-se parcialmente à de Piaget, mas prolonga-se para a adolescência e idade adulta. Para explorar o raciocínio sobre questões morais, Kohlberg criou uma série de dilemas. Os participantes de suas pesquisas deveriam avaliar e se posicionar frente aos dilemas, justificando suas posições. Com base nas respostas/justificativas oferecidas, Kohlberg concluiu que existem três níveis principais de raciocínio moral. Cada nível comporta dois estágios: Nível pré-convencional - 1º estágio - moralidade heterônoma; 2º estágio - moralidade individualista/instrumental. Nível convencional - 3º estágio - moralidade normativa interpessoal; 4º estágio - moralidade do sistema social. Nível pós-convencional - 5º estágio - moralidade dos direitos humanos; 6º estágio - moralidade dos princípios éticos universais” (SOUTO, R.P. **Julgamento moral e argumentação**: uma abordagem dialógica aos processos do desenvolvimento da moralidade. Orientador: Profa. Dra. Selma Leitão Santos. 2009. 234 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - CFCH Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. p. 24).

²⁵ HABERMAS, J., **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983. pp. 54 e 72.

a isso, Habermas reconhece que há pessoas que em seu ato de fala prescindem, consciente ou inconscientemente, de uma ou de todas essas pretensões. Ao agir assim orientam-se ou para o sucesso, ou por normas e valores comuns, ou pela representação do eu.

Tão logo, porém, as forças ilocucionárias das ações de fala assumem um papel coordenador na ação, a própria linguagem passa a ser explorada como fonte primária da integração social. É nisso que consiste o “agir comunicativo”. Neste caso, os atores na qualidade de falantes e ouvintes, tentam negociar interpretações comuns da situação e harmonizar entre si os seus respectivos planos através de processos de entendimento, portanto pelo caminho de uma busca incondicionada de fins ilocucionário.²⁶

A essas formas de ação, que têm por ponto de intersecção a unilateralidade da abordagem do mundo, Habermas denomina-as, respectivamente de, agir teleológico, privilegiando o mundo objetivo; agir normativo, privilegiando o mundo social; e o agir dramaturgico, privilegiando o mundo subjetivo.

Os tipos de interação distinguem-se, em primeiro lugar, de acordo com o mecanismo de coordenação da ação; é preciso saber, antes de mais nada, se a linguagem natural é utilizada apenas como meio para a transmissão de informações ou também como fonte de integração social. No primeiro caso trata-se, no meu entender, de agir estratégico; no segundo de comunicativo.²⁷

No que tange a abordagem que privilegia o mundo objetivo em detrimento aos demais, encontra-se uma forma de ação que coordena as relações do autor segundo uma racionalidade estruturada como meio/fim. Este modelo, que pressupõe a existência de um único mundo, o objetivo, conduz as ações dos autores ao sucesso.

Interações estratégicas são determinadas pelas decisões de atores orientados ao sucesso, que se observam mutuamente. Eles se encontram sob condições de uma dupla contingência, como antagonistas que, no interesse dos planos de ação de cada um, exercem influência um sobre o outro.²⁸

Com isso os atores não se vêem como membros de uma comunidade de comunicação, intersubjetivamente partilhada, mas como sujeitos isolados num mundo objetivo. Estes fazem uso da linguagem como maneira de persuadir o outro de suas convicções, a partir de seus cálculos. Com isso tencionam não a comunicação, mas

²⁶ Idem. *Teoría de La acción comunicativa I: racionalidad de La acción y racionalización social*. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003. p. 36.

²⁷ Idem. *Pensamento Pós-metafísico: Estudos Filosóficos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. p. 7.

²⁸ Idem. *Verdade e justificação: ensaios filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 123.

o sucesso, a aceitação de seu proferimento por parte do interlocutor. Neste modelo de agir, a coordenação da ação depende do grau de influência que os atores exercem uns sobre os outros, e à linguagem cabe o papel de mera transmissora de informação.

O agir regulado por normas, como o próprio nome sugere, é característico de indivíduos que pautam suas ações segundo normas e valores. Submetem a racionalidade à obediência a normas e deste modo, tolhem-a de suas inúmeras possibilidades.

Neste modelo, as interações entre os indivíduos estão pautadas em dois “mundos”, o objetivo, no qual nos deparamos com as coisas e os fatos existentes, e o mundo social, que ordena as interações segundo contextos normativos que operam em conformidade com as relações interpessoais legítimas.

Encontra também neste horizonte, o conceito de agir dramatúrgico. Esta maneira de agir pode ser entendida como uma auto-representação do sujeito diante dos demais. A partir dessa autorrepresentação, o ator desvela, conscientemente ou não, sua subjetividade. Esta forma de ação admite a existência de um mundo subjetivo ao lado dos outros dois. Abriga, por sua vez, uma pretensão à veracidade subjetiva, ainda que não haja um comprometimento com sinceridade por parte do ator.

Só em relação a um mundo social comum, fruto do acordo intersubjetivo entre os atores sociais, podem ser avaliadas como justas ou incorretas, as frases regulativas. Da mesma forma, apenas quando se tem como pano de fundo um mundo subjetivo particular a cada falante, podem as sentenças expressivas, de que ele se utiliza, ser julgadas como sinceras ou verazes.²⁹

Consoante a Habermas, para uma abordagem que atente aos ditames da sociedade complexa que nos deparamos atualmente, é mister a adoção de uma perspectiva que abarque em si os demais conceitos de ação. Apenas assim, os indivíduos deixar-se-ão guiar pelas intenções estruturadas linguisticamente, que visam o entendimento mútuo racionalmente motivado e não uma adesão causal aos seus proferimentos.

Incluo no agir comunicativo aquelas interações mediatizadas pela linguagem, onde todos os participantes visam, através de suas ações de fala (*Sprechhandlungen*), objetivos ilocutórios, e apenas estes. Considero, pelo contrário, como agir estratégico mediatizado pela linguagem, as interações onde pelo menos um dos participantes quer

²⁹ ARAGÃO, L., **Habermas**: filósofo e sociólogo do nosso tempo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. p. 113.

suscitar, através de suas ações de fala, efeitos perlocutórios sobre seu interlocutor.³⁰

Por não se tratar do objeto propriamente dito da nossa pesquisa, não abordaremos tais formas de ação em profusão, mas nos referimos a elas a fim de ressaltar que a proposta habermasiana não é idealista, e por isso ingênua. Ao contrário, considera em seu bojo, que os partícipes de uma comunidade de comunicação podem prescindir voluntariamente de um ou de todas as condições ideais do ato de fala. Disso resultam as formas de ação a cima mencionadas.

Frente à impossibilidade de assegurar a estabilidade do significado aos diversos contextos nos quais o mesmo se insere, a construção da Teoria do Agir Comunicativo parte da proposta da pragmática universal da linguagem, em reação as múltiplas interpretações de cunho relativista. Para tanto, Habermas opera uma virada paradigmática no âmbito da teoria da verdade. Não mais compreendendo-a como mera correspondência ao real, mas, mormente, em sua íntima associação com o convencimento e a justificação pragmática. Assim, ele não eleva a linguagem ao estágio de fundamento, mas revê a sua concepção.

a argumentação permanece o único meio disponível para se certificar da verdade, porque não há outra maneira de examinar as pretensões de verdade tornadas problemáticas [...] No trato prático com um mundo objetivo suposto como idêntico e independente, os atores dependem de certezas de ação. E estas implicam, por sua vez, que se tenham por absolutamente verdadeiras aquelas opiniões que governam a ação. Não pisamos em pontes cuja estática nos parece duvidosa [...] É apenas com a transição da ação para o discurso que os participantes adotam uma atitude reflexiva e, à luz das razões pró e contra apresentadas, disputam pela verdade tematizada de enunciados controversos.³¹

A linguagem, entendida como intersubjetiva/dialógica, possibilita a superação do relativismo sem que se faça necessário estabelecer um fundamento último. Entender algo por verdadeiro exige dos interlocutores apresentar as condições que o validam, em seus atos de fala, sempre que forem assim solicitados. Nesta nova conjuntura do mundo da vida, a teoria do agir comunicativo assume a função de propiciar a construção de uma teoria crítica da sociedade, dado o seu engajamento social.

³⁰ Idem. *Teoría de La acción comunicativa I: racionalidade de La acción y racionalización social*. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003. p. 396.

³¹ Idem. *Verdade e justificação: ensaios filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 49.

Habermas entende, juntamente com Austin, que todo proferimento linguístico implica em uma forma de ação que, por sua vez, pressupõe uma relação entre os membros envolvidos no diálogo. Esta rede de relações, estabelecida intersubjetivamente, tem a pretensão de gerar o entendimento entre os sujeitos envolvidos nesse processo de interação.

O agir comunicativo depende do uso da linguagem dirigida ao entendimento, ele deve preencher condições mais rigorosas. Os atores participantes tentam definir cooperativamente os seus planos de ação, levando em conta uns aos outros, no horizonte de um mundo da vida compartilhado e na base de interpretações comuns da situação.³²

A noção de entendimento sugerida por Habermas possui um conteúdo normativo que vai além da compreensão sintático-semântica da expressão. O consenso que implica no entendimento, só pode ser estabelecido mediante o reconhecimento intersubjetivo dos critérios de validade dos proferimentos, levantados pelos falantes e que, por sua vez, devem estar aberto à crítica.

Habermas constata uma tríplice relação travada entre significado de um determinado proferimento linguístico e 1) o que se entende com ele; 2) o que se diz nele 3) o modo de sua utilização no ato de fala. A guinada dada por Habermas em relação aos filósofos que lhe precederam, consiste em apresentar todas as funções da linguagem atuando concomitantemente, e repletas de pretensões de validade.

Com isso, o aspecto global do significado, não mais, é analisado sob o prisma de uma única função da linguagem, como pressupunha a semântica intencionalista de Grice, a semântica formal de Frege e a teoria do significado enquanto uso do segundo Wittgenstein. Ele compreende toda sua inteireza, e toma como ponto de partida os três aspectos de significação que se encontram na linguagem amarrados em feixes.

Habermas apresenta a interação como condição de possibilidade para o êxito do agir comunicativo. Partilhando da proposta de Gadamer, ele entende a linguagem como *médium* de interação, que possibilita o encontro entre o falante, a realidade, a sociedade, a natureza interna e ela mesma. O mundo assim estruturado tem por elo que une os membros da comunidade de comunicação, a vocação para o entendimento.

³² Idem. **Pensamento Pós-metafísico**: Estudos Filosóficos. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. p.72.

A teoria do agir comunicativo destranscendentaliza o reino do inteligível a partir do momento em que descobre que a força idealizadora da antecipação nos pressupostos pragmáticos inevitáveis dos atos de fala, portanto, no coração da própria prática do entendimento. (...), a ideia do resgate de pretensões de validade criticáveis impõem idealizações, as quais, caídas do céu transcendental para o chão do mundo da vida, desenvolvem seus efeitos no meio da linguagem natural.³³

As estruturas linguísticas têm em sua constituição fundamental uma finalidade que obriga, aquele que age tendo em vista a comunicação, a uma mudança de perspectiva. Isso ocorre através do deslocamento do enfoque orientado para conseguir “algo no mundo”, para o de um falante que tem o intuito de entender-se com uma “segunda pessoa sobre algo”.

1.3 Teoria do Agir Comunicativo no ensino de filosofia

Habermas com sua teoria aposta na capacidade extraordinária da linguagem, como meio privilegiado, no qual se articulam muitos sujeitos capazes de ação e fala, bem como saberes de múltiplas naturezas, e diversos em sentidos. A força que coordena essa interação atua nas muitas vozes, que participam da construção intersubjetiva, não somente de novos conhecimentos, mas da integração social pacífica.

1. É uma teoria que rechaça a noção positivista de racionalidade, objetividade e verdade, introduzindo um conceito ampliado de racionalidade, muito frutífero para a análise e a compreensão da realidade social atual, como é o caso da educação. Ademais, Habermas não tem, em sua construção teórica, apenas o interesse técnico de resolver os problemas, mas vê as ciências sociais com uma oportunidade de realização da emancipação dos participantes;
2. É uma teoria emancipadora na medida em que fundamenta na ação comunicativa dos indivíduos em interação os significados sobre a realidade e o mundo vivido. As proposições dos teoremas críticos são fundamentadas na linguagem e na experiência de uma comunidade auto-reflexiva e atendem aos critérios da inteligibilidade, da autenticidade, da veracidade e da verdade.
3. É uma teoria crítica que institui processos de auto-reflexão e que tem como propósito distinguir ideias e interpretações ideológicas sistematicamente distorcidas das não distorcidas;
4. É uma teoria que se propõe a expor e superar aqueles aspectos sociais que frustam a relação racional;

³³ Idem. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1990. p. 89.

5. É uma teoria prática, pois procura levar os indivíduos, em situações concretas, a superarem suas dificuldades e frustrações.³⁴

Isto aplicado ao horizonte do ensino da filosofia, graças a transdisciplinaridade da proposta habermasiana, proporcionaria dentre outras coisas, uma reflexão crítica aos alunos sobre a colonização sistêmica do mundo da vida. Para Habermas este é um sintoma característico das patologias sociais que atingem a sociedade atual, que pode ser descrito como cientifização da política. Este estado de coisas exige da filosofia uma mudança de comportamento,

[...] precisa travar relações com a auto compreensão falibilista e com a racionalidade metódica das ciências experimentais; ela não pode pretender um acesso privilegiado à verdade, nem um método próprio ou um campo de objetos próprio nem mesmo um estilo próprio de intuição. Somente então poderá ela entrar numa divisão de trabalho não exclusivo e render o melhor de si própria, a saber, um questionamento universalista, mantida teimosamente, bem como um processo de reconstrução racional que toma como ponto de partida o saber intuitivo, pré-teórico, de sujeitos dotados da competência de falar, agir e julgar - ao fazer isto, ela despe a anamnese platônica de seu caráter não discursivo. Este dote torna a filosofia recomendável como uma participante insubstituível no processo de cooperação daqueles que se esforçam por uma teoria da racionalidade.³⁵

A filosofia deixa de ser compreendida como aquela forma de saber privilegiado, que fornece fundamentos absolutos para as demais ciências, enraizada em suas certezas de indubitabilidade de seus princípios fundamentais. Frente à finitude, falibilidade e provisoriedade do saber humano, a filosofia é impelida a reinventar-se, enquanto forma de saber que se sobrepõe aos demais, por intermédio de uma metacrítica dirigida à racionalidade moderna. Apenas entendida assim ela conseguirá articular as múltiplas vozes que ecoam na sociedade hodierna, e propor caminhos para o esclarecimento frente à crescente tecnificação das formas de saberes.

[...] é certo que nossos estudantes [referindo-se aos estudantes universitários alemães], ao serem instruídos nos procedimentos de uma ciência positiva, recebem logo informações tecnicamente indispensáveis sobre processos que devem ser dominados, mas nenhuma orientação que auxilie nas situações práticas da vida.³⁶

³⁴ CARR, W.; KEMMIS, S., *Teoria crítica de la enzenanza*. Barcelona: Martínez Roca, 1988. pp. 168 *et seq.*

³⁵ HABERMAS, J., *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1990. p. 47.

³⁶ Idem. *Teoria e práxis: estudos de filosofia social*. trad. Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 547.

À medida em que a práxis do cotidiano é substituída pela técnica, os sujeitos e suas relações são reificados. Confiar decisões que afetam direta ou indiretamente a vida cotidiana à especialistas, além de alienar o indivíduo do processo político que regula a sociedade, torna a ciência, e a racionalidade instrumental que a fundamenta, uma ideologia, utilizada como ferramenta para a manutenção do *status quo* dos sistemas dominantes. Torna-se ideologia justamente pelo fato de substituir questões práticas do cotidiano por questões burocráticas, técnicas sobre a melhor forma de funcionamento da sociedade.

A história da racionalidade desenvolvida no Ocidente nesses três últimos séculos mostra que ela tem conduzido a humanidade muito mais para implementar novas formas de barbáries do que para promover a emancipação dos povos. Nesse contexto, a educação, baseada em critérios de uma racionalidade reduzida, instrumental, positivista, não escapou do mesmo destino, tornando-se instrumento de condicionamento e de adestramento dos indivíduos aos interesses econômicos e ideológicos prevaletentes.³⁷

A teoria social crítica que constitui a teoria do agir comunicativo orienta o sujeito ao esclarecimento, à emancipação e à autonomia. Em contrapartida à crença ingênua iluminista na racionalidade moderna, reconhece limites e descaminhos que uma racionalidade instrumental pode conter e conduzir.

[...] no processo de esclarecimento cheio de consequências em termos políticos, as interpretações podem ser transformadas somente se as condições institucionais para os discursos práticos forem preenchidas por um amplo público de cidadãos; na medida em que este não for o caso, as coerções restritivas, ou seja, as próprias restrições à comunicação produzida nas estruturas do sistema, constituem um problema que precisa ser teoricamente esclarecido.³⁸

Apenas uma racionalidade comunicativa, que encontra seu substrato no mundo da vida linguisticamente estruturado, pode oferecer resistência aos contínuos influxos de dominação dos subsistemas. Descer o sujeito e a racionalidade do céu metafísico ao chão da realidade, à práxis cotidiana do mundo da vida, é o movimento, no entender de Habermas, que conduz ao esclarecimento. O horizonte de igualdade entre os sujeitos, inseridos nessa comunidade de comunicação, é mantido mesmo diante do movimento de levar outros ao esclarecimento. Em outros termos, não deve haver nenhuma força coercitiva que deturpe a comunicação, nem mesmo na relação

³⁷ MÜHL, E., **Habermas e a educação**: ação pedagógica como agir comunicativo. Passo Fundo: UPF, 2003. p. 53.

³⁸ HABERMAS, J., **Teoria e práxis**: estudos de filosofia social. trad. Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 28.

entre professor e aluno, pois ambos são participantes do movimento que leva ao esclarecimento.

A superioridade reivindicada do esclarecedor sobre aqueles que ainda precisam ser esclarecidos é teoricamente inevitável, mas aos mesmo tempo fictícia e necessita de uma autocorreção - em um processo de esclarecimento encontram-se apenas participantes.³⁹

Entender a função da filosofia nesse cenário exige, antes, uma compreensão propriamente dita daquilo que Habermas entende pela tecnificação das relações sociais, da conseqüente despolitização da práxis cotidiana e dos interesses que subjazem ao conhecimento.

1.3.1 Ciência, técnica e esfera pública

Para Habermas a visão positivista em sentido amplo, marcadamente cientificista, restringe o conhecimento ao nível da ciência. Há aqui uma separação entre ciência e mundo da vida. Só pode ser admitido como um conhecimento racionalmente válido, aquilo que é verificável pelos métodos científicos. Agindo dessa forma, o positivismo submete todas as dimensões da vida do sujeito aos ditames da racionalidade que experiencia os problemas tecnicamente. Com o positivismo também ganha força a utilidade prática do conhecimento, assim há uma valorização do conhecimento técnico em detrimento ao conhecimento teórico.

Do empirismo, Comte toma de empréstimo o ponto de vista segundo o qual os conhecimentos científicos têm de ser tecnicamente aplicáveis: ele está convicto de que “todas as nossas teorias são [necessariamente estão ligadas] à melhoria constante de nossas condições coletivas de vida - em oposição à satisfação nula de uma curiosidade infecunda”.⁴⁰

Sob a premissa de neutralidade científica cada vez mais espaços da administração da esfera pública são delegados à especialistas, passando a serem geridos por uma racionalidade binária do tipo meio e fim. As instituições de administração são penetradas por esta racionalidade, a tal ponto de haver uma institucionalização do progresso da ciência e da técnica, e a conversão deles em força produtiva.

³⁹ Ibid. p. 80.

⁴⁰ HABERMAS, J., **Conhecimento e interesse**. trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 129.

A racionalidade da dominação se mede pela manutenção de um sistema que permite ter o aumento das forças produtivas atrelado ao desenvolvimento técnico-científico, como fundamento de sua legitimação, muito embora o estágio das forças produtivas indique, por outro lado, a potencialidade para que “os encargos e as renúncias impostos aos indivíduos pareçam cada vez mais desnecessários e irracionais”.⁴¹

Habermas caracteriza esse processo como tecnocracia. Neste novo modelo social a legitimação da dominação não está mais atrelada à relação política, como outrora o era nas sociedades tradicionais, quem assume esse papel é a racionalidade do Mercado, com suas relações de produção. Estas novas formas de legitimações, revestidas de um caráter científico, surgem como crítica às precedentes.

É assim que nascem as ideologias em sentido estrito: elas substituem as legitimados tradicionais da dominação ao se apresentarem com a pretensão da ciência moderna e se justificarem como crítica da ideologia. As ideologias possuem a mesma origem que a crítica da ideologia.⁴²

Age dessa forma por arrogar a si o pressuposto de neutralidade. Essa força produtiva técnico-científica torna-se alienante ao colocar-se fora do domínio da práxis do mundo da vida, ao travestir-se como crítica à ideologia. Sobre isso Habermas tece uma crítica contumaz ao dizer que:

O conceito de racionalidade que ela [a crítica da ideologia do positivismo] impõe decididamente implica ao final, sobretudo, uma organização total da sociedade em que uma tecnologia independente no domínio usurpado da práxis também dita o sistema de valor em nome da neutralidade axiológica, sistema que é o seu próprio. [...] A redução subjetivista dos interesses que servem de orientação para a ação aos “sentimentos” não mais passíveis de serem racionalizados é uma expressão exata do fato de que a neutralidade axiológica do conceito técnico de racionalidade se fundiu no sistema de trabalho social e mediou todos os demais interesses da vida prática em virtude do próprio interesse na efetividade das operações e da economia na valorização dos meios. Para hipostasiar os valores, as situações de concorrência entre os interesses são excluídas da discussão. É característico que, segundo os padrões de racionalidade tecnológica, o acordo em torno de um sistema coletivo de valores nunca pode ser obtido em virtude de uma discussão esclarecida a esfera pública política, isto é, de um consenso construído de maneira racional, mas apenas mediante agregação e compromisso - valores são basicamente indiscutíveis.⁴³

⁴¹ Idem. **Técnica e Ciência como ideologia**. São Paulo: Unesp, 2014. p. 78.

⁴² Ibid. pp. 100-101.

⁴³ HABERMAS, J., **Teoria e práxis**: estudos de filosofia social. trad. Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2013. pp. 490 e 492.

Disso resulta a substituição do processo democrático de formação da vontade, que considera o sujeito em sua idiosincrasia como capaz de ação e fala, e através do consenso racionalmente motivado, entende-se com outro sobre algo no mundo. Em seu lugar surge um quadro de administradores, que decide pela população.

A despolitização da massa da população, legitimada pela consciência tecnocrática, é ao mesmo tempo uma auto-objetificação do homem em categorias tanto da ação racional com respeito a fins quanto do comportamento adaptativo: os modelos reificados da ciência imigraram para o mundo da vida e ganharam um poder objetivo sobre a auto-compreensão social.⁴⁴

Este quadro pode ser caracterizado da seguinte forma: O Estado converte o progresso técnico-científico como primeira força produtiva. Destina recursos para o seu contínuo aperfeiçoamento, majoritariamente no campo militar. Disso resulta, por vezes, tecnologias que têm um uso prático na sociedade. As pessoas associam o bem-estar social a este progresso, fazendo assim coincidir os interesses sociais com os interesses sistêmicos.

Neste quadro resumido fica claro como o Estado legitima a usurpação da vontade democrática da população, em nome daquilo que chama de progressos científicos úteis ao bem-estar social. Limitando ao máximo a ingerência da população no processo decisório dos processos administrativos, restringindo-os a uma elite científica, o Estado usa dessa máquina para perpetuar seu poder diante de uma massa despolizada. Aquilo que Habermas chama de “lealdade das massas”⁴⁵ é assegurada pela garantia das necessidades individuais, bem como da não interferência do Estado na disposição do dinheiro e do tempo livre do cidadão, excluindo do alcance dos indivíduos as questões sociais.

Este movimento se retroalimenta e se sofisticava com o passar do tempo. Assim a separação entre teoria, o conhecimento científico, e a práxis do cotidiano do mundo da vida é consolidada. A intransponibilidade dessa barreira advém de diversos fatores, dos quais sobressaem-se a linguagem técnico-científica adotadas para a administração pública, acessível apenas para uma casta seleta de indivíduos, bem como a rotina de trabalho e consumo impostas pela sociedade capitalista. Esta, força a grande parcela da população a jornadas excessivas de trabalho, para garantir sua

⁴⁴ Idem. **Técnica e Ciência como ideologia**. São Paulo: Unesp, 2014. p. 119.

⁴⁵ Idem. **Técnica e Ciência como ideologia**. São Paulo: Unesp, 2014. p.118.

sobrevivência, obrigando-os a delegar as suas competências de decidir sobre a administração da coisa pública ao próprio Estado.

[...] é fácil perceber o perigo de uma civilização exclusivamente técnica que abriu mão da conexão da teoria com a práxis: ela é ameaçada pela cisão da consciência e pela decisão dos homens em duas classes - engenheiros sociais e prisioneiros de instituições fechadas.⁴⁶

Para Habermas, toda pesquisa científica está inserida numa totalidade social, e por isso não pode outorgar a si um pressuposto de neutralidade axiológica. Em outros termos, todo conhecimento é prenhe de interesse, e o conhecimento advindo da lógica instrumental, satisfaz aos interesses capitalistas. Em oposição a esta colonização instrumental deve-se resgatar o interesse emancipatório do diálogo reprimido.

A irracionalidade da dominação, que representa hoje um perigo coletivo mortal, apenas poderia ser domada através de uma formação política da vontade ligada ao princípio de uma discussão geral e isenta de dominação. Só podemos esperar a racionalização da dominação a partir de relações que propiciem ao poder político uma reflexão vinculada ao diálogo. A força libertadora da reflexão não pode ser substituída pela ampliação do saber tecnicamente utilizável.⁴⁷

Destarte, a proposta habermasiana é também uma resistência contra a substituição da emancipação, que a reflexão crítica traz, pelo progresso técnico irrefletido. A teoria do agir comunicativo carrega em si um modelo de racionalidade que torna-se condição de possibilidade para o *Aufklärung* (esclarecimento), pois organizada intersubjetivamente leva os indivíduos, através de uma metacrítica da razão, a posicionarem-se refletidamente sobre algo no mundo.

Apenas uma razão que sabe que toda discussão racional é inerente um interesse irrefreável que trabalha pelo progresso da reflexão em direção à maioria, obterá, a partir da consciência de sua própria implicação materialista, a força transcendente. Apenas ela refletirá sobre a dominação positivista do interesse técnico do conhecimento a partir do contexto de uma sociedade industrial que integra a ciência na qualidade de força produtiva e se protege completamente contra o conhecimento crítico. Apenas ela pode recusar que uma racionalidade da linguagem já obtida dialeticamente seja sacrificada nos padrões profundamente irracionais de uma racionalidade do trabalho limitada em termos tecnológicos.⁴⁸

⁴⁶ Idem. **Teoria e práxis**: estudos de filosofia social. trad. Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 506.

⁴⁷ Idem. **Técnica e Ciência como ideologia**. São Paulo: Unesp, 2014. p. 159.

⁴⁸ Idem. **Teoria e práxis**: estudos de filosofia social. trad. Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 505.

Este movimento que decorre da racionalidade comunicativa, repolitiza o mundo da vida, reaproxima teoria e práxis e denuncia criticamente o interesse técnico no conhecimento, a serviço da sociedade industrial capitalista. Habermas diz que: “Ao dogmatizar a fé das ciências em si mesmas, o positivismo adota a função proibitiva de proteger a pesquisa contra uma autorreflexão a ser realizada em termos de teoria do conhecimento”⁴⁹, assim sendo apenas uma racionalidade comunicativa pode refletir criticamente sobre o conhecimento técnico advindo da tecnocracia, gerada pela fé incondicional positivista no poderio da ciência.

Habermas denuncia, em sua teoria, a visão parcial da racionalidade científica, bem como, anuncia, à luz do potencial crítico contido na racionalidade comunicativa, a possibilidade de recuperação a unidade de sentido perdida. Ao dizer que, “O aumento das forças produtivas não coincide com a intenção da vida boa, pode, no entanto, pôr-se ao seu serviço”⁵⁰, ele não questiona propriamente a técnica e a ciência, mas a sua forma positivista, que manifesta-se como consciência tecnocrata e assume o papel de ideologia.

1.3.2 A racionalidade comunicativa e os caminhos para o ensino de filosofia

O diagnóstico habermasiano da modernidade revela, dentre outras coisas, a forte ingerência da racionalidade instrumental na esfera escolar. A educação nesses moldes é um simples meio de reprodução das legitimações de dominação sistêmica. Esta adesão fidedigna aos ditames técnicos-científicos traz consigo as diversas patologias, por nós aqui já apresentadas. Apresenta-se nesse horizonte um desafio de conjugar este tipo de conhecimento com aquele pré-teórico, advindo do mundo da vida.

A pergunta que se coloca para a educação é como ela estabelece a relação entre o saber científico e o saber popular, entre a cultura dos especialistas e o mundo, sem entregar-se aos encantos do domínio ou do romantismo. Como encaminhar a exigência da democratização do ensino quando se sabe de antemão que poucos poderão efetivamente participar das decisões. O sistema educativo se vê diante do dilema de orientar-se para um saber teórico de elite que não teria serventia para a grande maioria que fatalmente estaria fora de qualquer

⁴⁹ Idem. **Conhecimento e interesse**. trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 118.

⁵⁰ Idem. **Técnica e Ciência como ideologia**. São Paulo: Unesp, 2014. p. 128.

processo decisório ou para um saber prático, de segunda ordem, que a exclui de antejo desse mesmo processo.⁵¹

A racionalidade orientada para fins, fortemente presente na filosofia da consciência, restringe a práxis educacional à dimensão cognitiva-instrumental. Desta forma, ignora que o sujeito cognoscente é um ser inserido no mundo, com suas múltiplas vozes e contribuições, e que interage incessantemente com outros sujeitos. A relação proposta por esta razão instrumental, é sempre de dominação sobre a natureza, relação de sujeito-objeto, transformando o "outro" da interação social em uma coisa.

Decerto, este fluxo comunicativo exige sensibilidade, capacidade de libertar-se dos limites, das dependências. (...) A identidade do Eu indica a competência de um sujeito capaz de linguagem e de ação para enfrentar determinadas exigências de consistência (...) a identidade é gerada pela socialização (...) e vai se processando à medida em que o sujeito - apropriando-se de seus universos simbólicos - integra-se, antes de mais nada, num certo sistema social.⁵²

Compreender o ambiente escolar estruturado comunicativamente, é perceber que, a instituição escolar não se constitui em um *lócus* exclusivo na formação do indivíduo, mas que estes indivíduos estão situados em um contexto histórico, social e econômico, compartilhando entre si, o que Habermas chama de mundo da vida e tais elementos não devem ser prescindidos neste processo.

Formar o aluno dentro de uma racionalidade comunicativa, exige que a escola o oriente para uma autonomia responsável e intersubjetiva. Conceder-lhe uma participação ativa e consciente no processo ao qual ele se submete, ajudando-lhe a ir além do caráter cognitivo-instrumental dos conteúdos normativos indispensáveis. Isso acontece quando há uma mudança da racionalidade sobre a qual o processo educativo repousa, quando há uma mudança da subjetividade moderna para a intersubjetividade da razão comunicativa.

A nossa proposta não consiste em uma mera substituição da ação de caráter sistêmico por uma de caráter comunicativo. Isto seria por demais idealista. Ingerências sistêmicas na esfera escolar são inevitáveis, mas podem, através da racionalidade

⁵¹ GOERGEN, P. L., **A crítica da modernidade e a educação**. *Pro-posições*, Campinas: Unicamp, v. 7, n. 2, [20], p. 26, jul. 1996 in MÜHL, E., **Habermas e a educação**: ação pedagógica como agir comunicativo. Passo Fundo: UPF, 2003.

⁵² Idem. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983. pp. 54 e 72.

comunicativa, ser mediadas. Assim estabelece-se um processo educativo que conscientiza e auxilia na construção de uma sociedade mais justa.

Neste processo, o ensino da filosofia tem papel decisivo, o de possibilitador e formador desta comunidade comunicativa na escola. Esse processo conduz à passagem da relação ensino/aprendizagem, caracterizada, nas palavras de Paulo Freire, por uma educação bancária, que encara o aluno como mero receptáculo de informações, para uma relação que admite o conhecimento como socialmente partilhado. O saber não é uma mera construção epistemológica, mas uma construção identitária, possibilitada pelos muitos falantes e ouvintes e pelos muitos saberes, integrados pela vocação ao entendimento.

Assim, *servatis servandis* o ensino de filosofia, quando iluminado pela proposta habermasiana, revela sua dimensão intersubjetiva e sua íntima ligação com o cotidiano do mundo da vida, lugar do saber pré-teórico. O esclarecimento a que se propõe conduzir os alunos, encontra na racionalidade comunicativa um novo caminho, e passa a ser entendido como construção e, simultaneamente, fruto de uma comunidade de comunicação orientada ao entendimento, tornando-se promotor de integração social.

2. APLICAÇÃO PRÁTICA

2.1 Introdução

A nossa proposta de intervenção prática foi realizada em uma turma de terceiro ano, do curso de educação profissional técnica de nível médio da UTFPR. A turma contava com 28 estudantes, com idades entre 17 e 18 anos, residentes em Curitiba e Região Metropolitana. Eles estudavam juntos desde o início do ensino médio.

A dimensão prática da nossa pesquisa foi distribuída em três momentos, dos quais o primeiro e o terceiro consistiram em atividades extra-classe e o segundo foi ambientado no espaço de sala de aula. Pretendemos, com a nossa pesquisa, propor novos caminhos para ensinar filosofia, de modo particular, em um contexto eminentemente técnico.

A confiança em um modelo educacional constituído através da racionalidade comunicativa habermasiana, inspirou-nos a testar seus limites e potencialidades em um horizonte escolar marcado pelo ensino técnico. Acreditamos que mesmo em um contexto, no qual a racionalidade técnico-instrumental se faz presente com maior intensidade, ainda assim, é possível despertar nos discentes uma consciência crítica, acerca das patologias que um modelo tecnocrata de sociedade e de ensino pode suscitar.

Tendo em vista a natureza da nosso projeto, e a sua fundamentação na racionalidade comunicativa habermasiana, optamos pelo método de pesquisa qualitativa com grupos focais, para as atividades extra-classe. Por meio dele é possível evidenciar com maior clareza as potencialidades comunicativas na educação. Já em sala de aula, pretendemos criar um ambiente que favorecesse uma maior autonomia dos alunos, recorrendo a modelos ativos de aula, adaptando-os à nossa realidade específica.

2.1.1 Do método da aplicação

A fim de suscitar um engajamento maior dos estudantes em nossa pesquisa, fizemos uma breve explanação sobre a natureza, estrutura e objeto do projeto em questão, bem como salientamos o papel deles de colaboradores. Informamos ainda que se trata de uma pesquisa com fins acadêmicos. Por isso, naturalmente, tratamos

com confidencialidade os dados por eles fornecidos, bem como as respostas e posicionamentos nas entrevistas expostos, e que foram coletados através de uma gravação de áudio e processados anonimamente.

Tudo isso para impossibilitar conclusões a respeito do participante como indivíduo, sua identificação ou a de outros participantes da pesquisa. Os dados não foram utilizados para outras finalidades que não esta da pesquisa.

Este movimento de inteira-los ao máximo sobre o nosso projeto, pretendeu dar-lhes mais autonomia no processo que eles estão participando. A nossa intervenção foi realizada em três momentos, e para tanto, sugerimos a criação de 5 grupos, dispostos da seguinte maneira: 2 grupos contendo 5 estudantes, e 3 grupos contendo 6 estudantes. A escolha dos integrantes foi espontânea e realizada pelos mesmos. Agindo assim, pretendeu-se usar o menos possível de coações sistêmicas que poderiam contaminar a nossa pesquisa.

O primeiro momento consistiu em um encontro prévio com os grupos, extra-classe, realizado separadamente. Através dele, nos propomos a ouvir as impressões e reações dos estudantes diante de um texto, que visava em linhas gerais apresentar características contrastantes da sociedade atual, evidenciando o desenvolvimento da técnica, e ao mesmo tempo, o crescimento da miséria.

O texto foi lido pelo mediador, no caso o propositor da pesquisa, e ao longo das reações manifestadas, foram feitas perguntas⁵³ que estimularam a análise deles em um âmbito mais filosófico. A explanação minuciosa desta etapa, bem como das demais, será apresentada nas subsecções a elas correspondentes.

A segunda etapa consistiu em aulas organizadas segundo metodologias ativas, nas quais reconstruímos juntos com os alunos a teoria habermasiana da racionalidade comunicativa, através de aproximações com o cotidiano deles. Apresentando-a como referencial teórico que possibilita uma releitura crítica do ensino de filosofia, e propõe outros caminhos. Para esta etapa, utilizamos em sala de aula o método hermenêutico-reconstrutivo-crítico, o mesmo empregado pelo autor em questão na teoria do agir comunicativo. Em resumo, nos propomos a apresentar uma aula habermasiana sobre as propostas reconstrutivas da sociedade, e por analogia nossa, do ensino de filosofia de Habermas.

⁵³ Tanto o texto quanto as perguntas podem ser encontrados no apêndice do presente trabalho. p.102.

A terceira etapa, consistiu na retomada dos tópicos apresentados aos grupos no primeiro momento. Aqui nos dedicamos a uma dupla percepção: o quanto uma aula, no que se refere à sua metodologia, organizada comunicativamente, contribui para uma melhor participação dos alunos no processo ensino/aprendizagem. E ainda, o quanto este modelo auxilia os estudantes a apropriarem-se dos referenciais teóricos a eles oferecidos. Bem como, o quanto o arcabouço teórico oferecido pela proposta habermasiana auxilia os discentes a aprofundarem sua percepção sobre aquilo que os cerca.

2.1.2 Do método para a coleta de dados

Para o primeiro e terceiro momento da nossa pesquisa, que consistiram em encontros extra-classe com os grupos, optamos pelo método de entrevista com grupos focais. Julgamos que este método agrega ao nosso trabalho, pois ressalta a dimensão dialogal da pesquisa.

A entrevista é concebida como um processo social dinâmico. Como a nossa proposta é trabalhar a racionalidade comunicativa, um método de pesquisa que tem por pressuposto esta dimensão é de todo propício.

Os alunos dispostos em 5 grupos, dos quais 2 contavam com 5 integrantes e 3 contavam com 6 integrantes, participaram de encontros, no formato de entrevista, com o proponente da presente pesquisa, que atuou, por sua vez, como moderador, a fim de evitar divagações.

As entrevistas tiveram uma duração média de 35 minutos, tempo que se mostrou suficiente para que um grupo coeso pudesse se expressar com desenvoltura.

Uma entrevista tipo grupo focal é uma entrevista com um pequeno grupo de pessoas sobre um tópico específico. Em regra, os grupos são formados por 6 a 8 pessoas que participam da entrevista por um período de 30 minutos a 2 horas.⁵⁴

A escolha de um lugar que possibilite uma atmosfera descontraída e informal para a realização das entrevistas foi de fundamental importância, pois estimulou comentários espontâneos e contribui para a fluidez da conversa. Para a nossa pesquisa escolhemos os bancos do pátio, distribuídos em formato circular, sob a sombra das árvores. Acreditamos que esta escolha foi importante para deixá-los mais

⁵⁴ PATTON, M. Q. *Qualitative Evaluation and Research Methods*. London: Sage, 2002. p. 385.

confortáveis e marcar a separação da sala de aula, onde eles mais ouvem do que falam.

Somado ao ambiente aparece a missão do moderador, como decisiva para o bom desenvolvimento da pesquisa. Com ele é possível evitar divagações, mas com a prudência necessária para não tolher nenhum comentário dos participantes, sob o risco de constranger sua participação no grupo, e ao mesmo tempo, provocar os participantes, sem conduzir as suas reações.

A entrevista do tipo focal é, antes de tudo, uma entrevista. Não é uma sessão para resolver problema. Não é um grupo de tomada de decisões. Não é originalmente uma discussão, embora normalmente ocorram interações ente os participantes. É uma entrevista.⁵⁵

Apesar de não ser, como supracitado na transcrição das palavras de Patton, “originalmente uma discussão”, as interações entre os partícipes do grupo são discursivamente estruturadas. Assim sendo, o nosso próprio método de pesquisa será comunicativamente constituído, ajudando-nos a ressaltar a relevância da racionalidade comunicativa que fundamenta nosso projeto.

Um pequeno número de indivíduos reunidos como um grupo de discussão ou de ajuda vale muito mais do que qualquer amostra representativa. Um grupo como esse, discutindo coletivamente sua esfera de vida e aprofundando-se nela assim tão logo se deparar com divergências entre si, fará mais para erguer as máscaras que cobrem a esfera da vida do que qualquer outro dispositivo que eu conheça.⁵⁶

Com a organização de pequenos grupos, os alunos puderam ressaltar múltiplos aspecto de um mesmo tema, chamando a atenção entre si para a diversidade de interpretações que uma leitura da sociedade pode ter. Através de ampliações ou de discordâncias, ficou claro que, mesmo que em muitos momentos sem uma consciência explícita, direcionavam suas ações para atingir um consenso.

2.1.3 Dos grupos

Os grupos foram formados espontaneamente por alunos de uma mesma sala, que partilhavam entre si, ao menos em um contexto escolar, um mesmo horizonte do mundo da vida. Com isso, são grupos naturais, já existentes na vida cotidiana, neste

⁵⁵ PATTON, M. Q., *Qualitative Evaluation and Research Methods*. London: Sage, 2002. pp. 385-386.

⁵⁶ BLUMER, H., *Symbolic Interactionism: Perspective an Method*. Berkeley and Los Angeles: University of California. p. 141.

caso como turma, homogêneos, pois os seus integrantes estão na mesma faixa etária, e são da mesma instituição de ensino e integrantes do mesmo curso técnico.

A naturalidade do grupo auxilia a pesquisa, a medida em que não se faz necessário um momento de apresentação prévia, bem como, os integrantes, por já conviverem entre si, ficam mais à vontade para manifestarem seus posicionamentos. No que se refere à homogeneidade do grupo, esse é um fator importante para a análise posterior dos dados, tendo em vista que as variáveis entre os participantes é consideravelmente menor do que em um grupo heterogêneo. Acreditamos que a homogeneidade dos grupos não afetou a pluralidade de visões sobre o tópico proposto, pois os participantes resguardaram suas idiossincrasias.

Ao longo das entrevistas os participantes dos grupos mantiveram sempre um tom amistoso entre si, mesmo em momentos de discordância. Por serem companheiros de turma, as entrevistas fluíram com tranquilidade, sempre procuravam ampliar o que o colega dizia, ou ressaltar um outro aspecto.

Em primeiro lugar, os grupos focais geram discussões, e, portanto, revelam tanto os significados supostos pelas pessoas no tópico de discussão como a maneira pela qual elas negociam esses significados. Em segundo lugar, os grupos focais geram diversidade e diferença, tanto dentro dos grupos como entre os grupos, e, assim, revelam o que Billig (1987) chamou de a natureza dilemática dos argumentos cotidianos.⁵⁷

Como para nossa pesquisa os grupos foram considerados como uma unidade, os integrantes deveriam buscar um consenso diante das opiniões divergentes. Mesmos diante das perguntas que exigiam um posicionamento mais pessoal, eles ajudaram-se mutuamente. Em todos os casos esse posicionamento aconteceu como uma reação natural deles, sem um apelo prévio do moderador.

2.1.4 Do moderador

Considerando o aspecto interacionista do grupo e a necessária objetividade que a entrevista com grupos focais deve ter, a fim de viabilizar a análise dos dados, a figura do moderador foi essencial. A nossa proposta consistiu em apresentar ao grupo um problema concreto, um tópico específico, para motiva-los à discussão.

⁵⁷ LUNT, P., LIVINGSTONE, S. *Rethinking the Focus Group in Media and Communications Research*. *Journal of Communication*, 46, 1996. p. 96.

Apresentamos um breve panorama da sociedade no séc. XXI, especificamente da relação entre o avanço tecnológico e o contexto social.

O século XXI é notadamente marcado por um ritmo frenético de progresso técnico-científico. Assistimos diariamente às demonstrações do poderio humano. Aquilo que há 50 anos fora considerado o maior feito da humanidade, a saber: a chegada à lua, hoje, graças aos avanços da ciência, é visto por nós quase como trivial. Recentemente conseguimos imagens de um buraco negro que está a uma distância de 50 milhões de anos-luz da Terra. Tudo isso parece apontar para a ausência de fronteiras para o gênio humano. Avançamos não somente em direção ao macro, mas também ao micro. Microbiologia, mapeamento e manipulação genética são amostras disso. O homem tem cada vez mais controle sobre aquilo que o cerca. Mas, como em tudo, há um outro lado. Contrasta com os surpreendentes avanços tecnológico um avanço ainda maior da miséria, que traz consigo privações do essencial à sobrevivência. Enquanto avanços científicos, dada a sua magnitude, chegam a nos maravilhar, avança também assustadoramente a pobreza. Esse é um paradoxo que parece caracterizar os tempos atuais.

- Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?
- Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?
- Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?
- Como vocês veem o papel/o comportamento do Estado nisso?
- Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?
- Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?⁵⁸

A postura por nós adotada enquanto moderador foi na maior parte do tempo não-diretiva, a fim de dar o máximo de liberdade ao grupo. Em momentos de divagações, ou de incompreensões diante dos questionamentos, uma postura mais diretiva foi adotada para com isso reaproximar o debate ao tópico, normalmente com mais questões provocativas, ou reformulando a questão.

O moderador deve estabelecer relação com os participantes, manter ativa a discussão e motivar os respondentes a trazerem à tona suas opiniões mais reservadas. Além disso, o moderador pode desempenhar um papel central na análise e interpretação dos dados.⁵⁹

⁵⁸ Tanto o texto quanto as perguntas foram desenvolvidos por nós.

⁵⁹ MALHOTRA, N., **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. p.158.

Entendemos a tarefa do moderador como um possibilitador do debate, aquele que cria um espaço aberto para que a discussão dos tópicos em questão aconteçam por via dialógica, através da troca de argumentos. As suas intervenções devem apenas ajudar o funcionamento e as dinâmicas do grupo. Agindo assim, procuramos dar o máximo possível de autonomia aos alunos durante as entrevistas, deixando-os livres para manifestarem suas impressões sobre o que estava sendo discutido.

2.2 Da aula

Após as primeiras entrevistas com os grupos, reservamos duas aulas de 100 minutos cada, para trabalharmos com os alunos a proposta habermasiana em tela. Uma das vantagens para a execução da nossa proposta, é que Habermas faz parte do conteúdo estruturante do currículo da escola em questão. Com isso, temos mais liberdade e tempo para aprofundarmos as propostas habermasianas que fundamentam a teoria do agir comunicativo.

O nosso plano de ação em sala de aula foi estruturado de modo a apresentarmos os pressupostos da racionalidade comunicativa. A nossa atenção não concentrou-se apenas na transmissão dos conteúdos, mas também em buscar criar um ambiente que privilegiasse uma relação equânime, tanto quanto possível, entre alunos e professor. Pretendíamos com isso, minimizar as coações sistêmicas comumente presentes nesta relação, como aquelas advindas da posição de autoridade do professor. Iniciativas simples como distribuir as cadeiras em formato circular na sala, tiveram como efeito uma participação mais ativa dos alunos, pois desconstruiu o padrão tradicional de disposição em sala de aula.

O método para a nossa aplicação em sala opera aproximando teoria e prática, para assim, com Habermas, realizarmos um reacoplamento do conhecimento técnico-científico com o cotidiano do Mundo da Vida. Para tanto, partimos sempre de situações concretas do cotidiano dos alunos e, a partir delas, iniciamos o processo reconstrutivo da teoria.

É um método que entende a relação teoria-prática como práxis comunicativa, pode ser descrito como hermenêutico-reconstrutivo-crítico. É entendido como um processo concreto que é vivenciado de

forma efetiva na vida diária de cada indivíduo, motivados por interesses e necessidades naturais e histórico-sociais.⁶⁰

Entendemos que um método de ensino assim estruturado, encara a escola como uma comunidade de comunicação e possibilita aos alunos, na interação entre si e com os professores, uma consciência crítica em relação aos conteúdos normativos ensinados, entendendo as suas consequências sócio-políticas e os interesses a eles subjacentes. A própria teoria habermasiana, dado o seu engajamento social age como um facilitador para este método.

Acreditamos que uma metodologia ativa, que privilegie e incentive uma maior participação dos alunos, traz grandes contribuições à nossa proposta. A fundamentação para esta nossa postura considera não apenas a nossa experiência em sala, ou a ampla literatura acadêmica⁶¹ que evidencia seus benefícios pedagógicos, mas também as primeiras entrevistas com os grupos, nas quais os alunos foram unânimes em associar o bom ensino de filosofia à uma maior autonomia de participação. Isto salta aos olhos na fala do grupo 03 ao dizer: “[o ensino de filosofia] Deve privilegiar a discussão em sala, nos estimular a pensar o porquê das coisas”.⁶² Movidos pela inquietação que esta afirmação provoca, retomamos inevitavelmente o debate em relação à aporia, ensinar filosofia ou ensinar a filosofar?

2.2.1 Ensinar filosofia ou ensinar filosofar? O papel da história da filosofia

⁶⁰ MÜHL, E., **Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo**. Passo Fundo: UPF, 2003. p. 267.

⁶¹ à guisa de exemplo apresentamos algumas produções sobre o tema:

- BARBOSA, E. & MOURA, D., Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013. Disponível em www.senac.br/media/42471/os_boletim_web_4.pdf.
- NOVAK, J. D.; GOWIN, D. B., **Aprender a aprender**. 2. ed. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. 1999.
- MORAN, J. M., Mudando a educação com metodologias ativas. In **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. Coleção Mídias Contemporâneas. 2015 Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf.
- HORN, M. B. e STAKER, H., **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

⁶² Anexo 02, p. 111.

Esta recorrente aporia sintetiza o constante debate estabelecido nas academias, nas escolas e entre os alunos. Ensinar filosofia ou ensinar a filosofar? Como em tudo em matéria de filosofia, a resposta não é tão óbvia quanto se possa parecer. Nas entrelinhas desse debate que dispõe posições em uma aparente antinomia, subjaz uma outra que dá contornos ainda maiores à discursão.

Poderíamos delinear os contornos desta aporia dizendo que: ensinar filosofia aparece atrelado à história da filosofia, a uma abordagem comumente cronológica dos filósofos e suas doutrinas ao longo do tempo. Enquanto que ensinar a filosofar, está associado ao estímulo de debates em sala de aula acerca de temas específicos.

Quando se avança para além da epiderme da aporia, rapidamente descrita nas linhas acima, percebe-se um outro problema de fundo, a saber: a concepção do docente acerca da história da filosofia. Quando o docente a concebe, assim como Nietzsche⁶³, como mera doxografia, um emaranhado confuso de opiniões ao longo do tempo, afasta-a da filosofia. Enquanto quando ele a concebe como o absoluto hegeliano a transforma em filosofia da história.

Parecemos estar diante de um dilema insolúvel. Equacionar este paradoxo é um desafio que se impõe ao professor. Cumpre ainda considerarmos alguns fatores externos, como o pouco tempo de aula destinado à disciplina de filosofia, o ensino mercadológico, cada vez mais voltado para a aprovação em vestibulares, intensificam esta tensão.

Aqui não pretendemos tratar sobre filiações à escolas historiográficas, mas do contrário, ressaltar o lugar que ocupa, e o papel que desempenha a história da filosofia na *Weltanschauung* (cosmovisão) do professor e, conseqüentemente na arquitetônica da aula. As múltiplas concepções sobre a história da filosofia, quais sejam, reverberam diretamente no uso que se faz do texto filosófico canônico⁶⁴ em sala de aula.

Os que associam a história da filosofia à uma doxografia, concedem, quando muito, um caráter acessório ao texto. Dá-se dessa forma, pois vêm tais leituras como um movimento de apropriação daquilo dito pelo autor, reproduzindo o conteúdo e, com isso, furtando-se da tarefa de construir sua própria opinião. Assim cria-se uma pseudo erudição, na qual as atividades mnemônicas exercem a principal função.

Não se deve imaginar que aqueles que envelhecem sobre os livros de Aristóteles e de Platão façam muito uso de seu espírito. Eles não

⁶³ Cf., NIETZSCHE, F. **Considerações intempestivas**. Trad. Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença.

⁶⁴ Daqui em diante nos referiremos aos textos filosóficos canônicos apenas como “textos”.

empregam ordinariamente tanto tempo à leitura desses livros senão para tratar de penetrar no sentimento de seus autores, e sua meta principal é saber na verdade a opinião que é preciso ter. Assim, a ciência e filosofia que eles aprendem é propriamente uma ciência de memória, e não uma ciência de espírito. Eles não sabem senão histórias e fatos, mas não verdade evidentes; e são antes historiadores que verdadeiros filósofos, homens que não pensam, mas que podem contar os pensamentos dos outros.⁶⁵

Em contrapartida, aqueles que desejam uma história da filosofia relevante filosoficamente, conferem ao texto um valor central na aula. É a partir do texto que elas são construídas. Aqui não se entende mais, com o senso comum, história da filosofia como apresentação cronológica de fatos históricos. Os partidários dessa forma de encarar a história da filosofia são tributários, em certa medida, de Hegel, pois vêem a história como inexoravelmente atrelada à filosofia, aquela exprime a natureza interior desta. Ensinar história da filosofia é ensinar a filosofar. Seria forçoso concluir que, neste horizonte, história da filosofia é filosofia da história?

A resposta a essa pergunta não é conclusiva, depende de quem a responda. Para Hegel, sim. O espírito absoluto conduz a história progressivamente rumo à realização plena, por isso não há filosofia alheia a este movimento histórico. A história aparece como condição de possibilidade para a existência mesma da filosofia. Há também as respostas dos estruturalistas que não absolutizam, como o faz Hegel, a história, apesar de considerarem seu papel vital para a filosofia.

Os filósofos estruturalistas, dentre os quais sobressaem-se como expoentes Brehier, Gueroult e Goldschmidt, ao oporem-se à concepção de história da filosofia como mera doxografia, pretendem ressaltar o caráter filosoficamente relevante da história, sendo assim, tornam-se tributários de Hegel. Também propõem um caráter “científico” a esta história, como antídoto à tentativa de transformar a história da filosofia em filosofia da história.

Para os estruturalistas a história é interna à filosofia, é parte visceral dela. Ao colocar a história no âmago da filosofia, torna-a ela mesma filosófica. Aqui a história da filosofia, enquanto conteúdo, está materializada no texto. Um texto não é filosófico em si mesmo, é o historiador que ao revelar o sistema contido nele, confere ao texto o caráter filosófico. Em outros termos, a missão daquele que vai trabalhar com o texto,

⁶⁵ MALEBRANCHE., *De la Recherche de la Vérité*. Paris: Vrin, 1967. t. I, 1. I, cap. 3, §2 in MOURA, C. A., *História stultitiae e história sapientiae*. Comunicação apresentada no Colóquio “Filosofia e História da Filosofia: Métodos”. organizado pelo Depto. De Filosofia da FFLCH-USP, em outubro de 1986. p. 160.

será a de reconstruir o sistema de razões presentes no mesmo, *ad mentem auctoris*. Eis um ponto chave do estruturalismo que o situa para além de um simples método: é no sistema, na estrutura em que se encontra a filosofia de um autor, não interessando o contexto ou outros elementos externos.

Inteligir um sistema exige a adoção dos mesmos métodos e procedimentos utilizados pelo filósofo para construí-lo, assim só se faz filosofia desde a história, e a partir dela se filosofa.

É por isso que, se é verdade que “não se pode aprender filosofia, se não historicamente”, esta leitura é ao mesmo tempo a única maneira de aprender a filosofar, porque ela conecta os dogmas aos seus princípios e, por isso, merecem o nome de *cognition ex principiis*. [...] chamo a estrutura de uma obra ou de uma doutrina o conjunto dos processos de pesquisa, de descoberta, de exposição e de demonstração que asseguram a coerência e conferindo-lhe sua inteligibilidade.⁶⁶

Os sistemas são as teses mais os movimentos internos que as produziram. Identificá-los exige um olhar que considere a obra do autor em seu conjunto, desconsiderando os textos secundários, por não revelarem explicitamente a intenção do autor. Eles são irredutíveis em si mesmos, não se comunicam. Dito de outra forma, para um estruturalista o estudo dos sistemas deve ser imparcial, a eleição de uma filosofia específica contaminaria a análise das outras.

Ao agir desta forma o estruturalismo imuniza-se contra a ideia de evolução presente em Hegel e, ao mesmo tempo, confere à história da filosofia um caráter científico. Esta cientificidade não está atrelada aos moldes cartesianos ou tão pouco positivistas, fundados numa crença da irreconciliação entre história e filosofia. Para estes a filosofia só é entendida como ciência enquanto opera através de padrões matemáticos. Já para os estruturalistas, é científica à medida em que analisa e reconstrói com “neutralidade” os sistemas filosóficos.

Mesmo se todos os autores estivessem de acordo, ainda não nos seria suficiente conhecer suas doutrinas; com efeito, para servir-me de uma comparação, nós não seremos jamais matemáticos, mesmo que saibamos de cor todas as demonstrações dos outros, se não somos capazes de resolver por nós mesmos toda espécie de problemas. Da mesma maneira, tivéssemos lido todos os raciocínios de Platão e Aristóteles, não seríamos filósofos se não pudéssemos dar sobre uma questão qualquer um juízo sólido. Nós pareceríamos, com efeito, ter aprendido não uma ciência, mas história.⁶⁷

⁶⁶ GOLDSCHMIDT, V., *Remarques sur la méthode structurale en histoire de la philosophie*, in *Écrits*. Paris: Vrin, 1984. p. 246.

⁶⁷ DESCARTES, *Règles pour la Direction de L'Esprit*, in *Ouvres*. Paris, Pléiade, 1953. p. 43.

Esta oposição cartesiana entre história e filosofia não faz mais sentido em um contexto estruturalista. Para o estruturalismo não há mais qualquer possibilidade de filosofia externa à história. A história da filosofia não só é filosoficamente relevante, mas é filosofia mesma.

A questão da relação da filosofia à história da filosofia é para a primeira uma questão vital. Ou a filosofia existe como ciência original, tal como a conceberam todos os seus representantes, e ela mantém com a história da filosofia relações não exteriores, mas essenciais; ou ela repudia toda conexão intrínseca com a história da filosofia, e nesse caso ela não se distingue mais das ciências positivas, ela se confunde com elas; na realidade ela se esvai. Ou, para viver, ela bebe na fonte da história da filosofia, ou ela não existe.⁶⁸

É a história da filosofia, entendida à luz dos sistemas, que diferencia a filosofia das demais ciências. Enquanto a história das ciências pode ser caracterizada, como o fez Koyré⁶⁹, como uma sucessão de “coisas mortas”, a história da filosofia tem sempre um valor atual, pois não é vista como sucessão, mas em seus sistemas.

O estruturalista encara os sistemas como mônadas, sem portas ou janelas. O sistema é explicável a partir dele mesmo, através de movimentos internos de reconstrução das intenções do autor no texto. Isto leva o estruturalismo a situar-se fora das discussões sobre as influências dos contextos sobre o pensamento de um autor.

Se o contexto é relevante para entender a obra de um autor, qual o critério de escolha do contexto? o do autor? o nosso? Por sua vez, qual o contexto que influenciou a escolha do leitor? ou ainda, diante de inúmeros filósofos que só tiveram suas obras compreendidas séculos após a sua morte, pode-se escolher um outro contexto que não seja o do autor, ou o nosso? Percebe-se que são destes questionamentos secundários que o filósofo estruturalista quer fugir, ao dedicar-se apenas ao texto, apenas ao sistema.

⁶⁸ BOUTROUX, É., *Rôle de L'Histoire de la Philosophie dans L'Étude de la Philosophie*. Comunicação apresentada no Congresso de Genebra, em 1904, Atas publicadas por Claparède. 1905, p. 56, *apud* Gueroult, *Philosophie de L'Histoire de la Philosophie*, Paris, Aubier, 1979. p. 20.

⁶⁹ KOYRÉ, A., *apud* WOLLF, F., *Peut-on Distinguer ce qu'il y a de Mort et ce qu'il y a de Vivant dans une Philosophie?*. Manuscrito, Campinas, v. VII. n.º 1. 1985, p. 13. *in* MOURA, C. A., *op. cit.*, p.154: A história das ciências não é, certamente, uma história morta. Ela é, todavia, *grosso modo*, a história das coisas mortas. A astronomia copernicana ou newtoniana não interessa mais a ninguém, ela não tem nenhum valor atual. É nisto que ela difere profundamente da história da filosofia. É que nós estimamos, com ou sem razão, que os pensamentos de Aristóteles ou de Platão têm um valor atual”.

Por considerarmos a relevância da discussão aqui iniciada, cumpre a nós ampliarmos-a uma vez mais. A nós não compete eleger qualitativamente uma forma de se ensinar filosofia, mas mostrar as muitas potencialidades e desafios que a antinomia, ensinar filosofia ou ensinar a filosofar, responsável por suscitar a nossa análise até aqui, carrega.

A opção por um ensino “histórico”, ou nas palavras do professor Frank Leopoldo⁷⁰, que tenha a história da filosofia como centro, deve evitar a tentação de empreender uma análise cronológica minuciosa e, por isso exaustiva. Neste ponto, o recorte histórico feito pelo professor é de fundamental importância, para que através dele, os alunos possam contemplar satisfatoriamente a “origem” da filosofia, e os desdobramentos das questões filosóficas.

Quando se opta por um método temático, ou, mais uma vez, nas palavras do professor Frank Leopoldo, a utilização da história da filosofia como referencial, as questões são abordadas com liberdade em relação aos sistemas filosóficos. Tal liberdade permite ao professor confrontar o modo como os mais variados filósofos refletem sobre uma questão. Com isso, torna-se mais frequente o debate filosófico a cerca de temas da atualidade. Mas tal método exige de quem pretende aplicá-lo um vasto conhecimento acerca da história da filosofia, a fim de bem conjugá-lo nas questões atuais. Dá-se dessa forma, porque o não recurso à história da filosofia acarretaria, na maioria das vezes, a permanência no campo das opiniões, no senso comum.

2.2.2 A aplicação prática: aula 01

Situamos a nossa aplicação prática em um horizonte reconstrutivo. Procuramos junto aos alunos reconstruir os aspectos basilares da teoria habermasiana em sala. Com isso, garantimos não só uma maior fidelidade ao próprio método empregado pelo autor, como suscitamos um maior interesse dos alunos pelo tema proposto.

Para tanto, iniciamos a nossa primeira aula resgatando as contribuições dadas pelos alunos nas entrevistas em grupo. Análises sobre o uso estratégico do conhecimento técnico como forma de dominação, no caso da fala do grupo 05 ao dizer

⁷⁰ SILVA, Franklin Leopoldo., **HISTÓRIA DA FILOSOFIA: CENTRO OU REFERENCIAL?** Disponível em: <https://filosofiapidufabc.files.wordpress.com/2011/09/f-l-silva-historia-da-filosofia-centro-ou-referencial.pdf>. Acessado em: 15.04.2019 às 13:30.

que: “Utiliza-se este conhecimento técnico como forma de impor-se sobre os outros e sobre a natureza, como forma de dominação”⁷¹; ou o comentário do grupo 03 acerca da possibilidade de “fazer” ciência sem vínculo com a estrutura social, “A relação entre ciência e sociedade não exclui a possibilidade de um desenvolvimento científico por si só. Em outras palavras, é possível fazer ciência apenas pela ciência sem uma relação direta com contribuições para a vida em sociedade”.⁷²

Com isso avançamos em direção a um diagnóstico da sociedade. Em paralelo às contribuições trazidas tanto pelas entrevistas quanto pelo debate estabelecido em sala, foram apresentados gradativamente os elementos do diagnóstico da modernidade habermasiano. Ao agir assim, pretendemos mostrar a eles que as inquietações que os levaram àquelas análises também motivaram, *mutatis mutandis*, a outros filósofos, dentre os quais, Habermas.

Em conjunto procuramos primeiro delinear as principais características da Modernidade. Foram apontados pelos alunos elementos como o desenvolvimento exponencial das ciências e a passagem de um enfoque teocêntrico para um antropocêntrico. Com auxílio do diagnóstico habermasiano percebemos ainda, um aspecto que poderia ser apontado como denominador comum a toda grande transformação que a sociedade enfrenta nesse período, a saber: a centralidade da razão.

É típico da modernidade uma confiança irrestrita no crivo da razão. As investigações acerca da existência de Deus cedem espaço à investigações acerca do conhecimento. Este movimento intensifica-se com o Iluminismo, ao apontar a razão como único caminho para o esclarecimento. O Idealismo, seja o transcendental de matriz kantiana, seja o absoluto de matriz hegeliana, reforça a centralidade do sujeito na filosofia. A crença na razão, que descreve a realidade e a relação do homem com ela mesma com precisão matemática, ganha contornos dramáticos com o positivismo de Comte, o império da deusa razão está estabelecido.

A extraordinária proposta ou projeto da Modernidade era, a partir de uma razão emancipada, promover um humanismo autenticamente livre. Com isso pretendia-se edificar uma civilização da razão, uma sociedade constituída em princípios racionais,

⁷¹ Anexo 02, p. 116.

⁷² Anexo 02, p. 111.

na qual os indivíduos seriam agentes éticos, autônomos e críticos, desvinculados de superstições e cabrestos ideológicos.

Neste ponto muitos alunos apontaram o caráter utópico e o fracasso deste projeto. Partindo da crítica de Adorno e Horkheimer no livro que trabalharam recentemente em sala, a saber: *Dialética do Esclarecimento*, apontaram a racionalidade que fundamenta este projeto como um mito. Associaram, que sob a promessa de esclarecer a todos, ela converteu-se em ideologia que todos seguem passivamente. Explicitamos que esta análise, mote da teoria crítica, influencia fortemente a Habermas, bem como a teoria da racionalização de Max Weber.

Apresentamos a teoria weberiana como uma análise da transição do modelo de sociedade tradicional para o moderno, e o processo de modernização no interior das sociedades, nas quais vigora o sistema de produção capitalista. Esta análise de Weber não se detém na superfície deste processo de modernização, que ele chama, de forma equivalente, de racionalização. Procura diagnosticar as novas formas de dominação, perpetradas nas sociedade modernas, e aponta a invocação aos imperativos técnicos, como nova forma de manutenção do poder.

A partir deste ponto, tendo já apresentado o diagnóstico da modernidade feito por Habermas, bem como a influência tanto da Teoria Crítica da escola de Frankfurt, quanto da teoria da racionalização de Weber, explicitamos propriamente a teoria habermasiana. À luz da proposta da racionalidade comunicativa, Habermas amplia o conceito weberiano de racionalidade. Este, segundo ele, compartilhava uma noção atrofiada com Marx e com os grandes expoentes da escola de Frankfurt, da racionalidade, apresentando-a como um conceito unilateral, como unicamente orientada para fins.

O autor propõe um modelo de integração social que está alicerçado no *telos* inerente à linguagem, o entendimento, a intercompreensão entre, ao menos dois, sujeitos capazes de falar e de agir. Com isso, pretende superar as possíveis ambivalências presentes na proposta weberiana. Apresentamos a seguir no Quadro 02 o nosso plano de aula.

		PLANO DE AULA				
TEMA	OBJETIVO	CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO	METODOLOGIA	CRONOGRAMA	REFERÊNCIA
Introdução à Filosofia de Habermas.	apresentar os alunos à filosofia de Habermas	Contextualização histórica - segunda geração da escola de Frankfurt.	Situar Habermas como herdeiro da Teoria Crítica frankfurtiana.	Os alunos dispostos em círculo em sala de aula.	A aula teve duração de 100 min.	HABERMAS, J. Discurso filosófico da modernidade . Lisboa: Dom Quixote, 1990.
	Explicar os conceitos utilizados pelo autor	Herança da teoria crítica	Diagnóstico habermasiano da modernidade	Procurou-se sempre associar os conteúdos com as falas deles no primeiro momento da pesquisa		HABERMAS, J. Técnica e ciência como "ideologia" . trad. Felipe Gonçalves Silva. São Paulo: Unesp, 2014.
	Reconstruir a teoria habermasiana a partir das suas referências.	Influência da teoria da Racionalização de Weber	Relação entre Mundo da Vida e Sistemas. Influxos constantes de colonização sistêmica do mundo da vida.	Apesar do tema ser novo para eles, procurou-se reconstruir a filosofia habermasiana a partir de um diálogo com eles.		HABERMAS, J. A modernidade: um projeto inacabado . Lisboa: Nova Vega, 2013.

		PLANO DE AULA				
		Apresentação da racionalidade iluminista e positivista	A aporia da razão dos frankfurtianos da primeira geração e a crença no potencial inexplorado do projeto da modernidade de Habermas	Dado o forte engajamento social da teoria, eles puderam fazer várias conexões com suas análises da sociedade.		HABERMAS, J. Teoria e práxis: estudos de filosofia social. São Paulo: Unesp, 2013.
		Crítica à racionalidade instrumental	Passagem da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem.			HABERMAS, Teoría de La acción comunicativa : <i>racionalidade de La acción y racionalización social</i> . 4 ed. Madrid: Taurus, 2003.
		Proposta de resgate da dimensão comunicativa da linguagem	Reconstrução da racionalidade moderna e o resgate da dimensão comunicativa da razão.			

Quadro 01: Plano de aula 01

Apesar das frequentes apresentação e ampliação de conceitos realizada pelo professor, em nossa aula adotamos um método, como já referido no item 2.2, hermenêutico-reconstrutivo-crítico. Optamos por ele, por considerarmos que prioriza, no processo educativo, o contexto real da vida cotidiana dos discentes, ajudando-os a perceber a dimensão moral e político-social do conhecimento. Opera uma

reaproximação entre teoria e práxis, entendendo esta como comunicativamente estruturada, reacoplando o conhecimento técnico-científico ao mundo da vida.

Mesmo nos momentos de apresentação de uma teoria, nos quais é mais usual uma abordagem teórica e expositiva, nos esforçamos constantemente em fazer movimentos de aproximação com o cotidiano dos alunos. O forte engajamento social da teoria por nós escolhida auxiliou muito nesta empresa.

Como exemplo da nossa atuação destacamos a utilização de paralelos entre o dia-a-dia dos alunos e a teoria, como forma de explicar conceitos de Mundo da Vida e Sistemas. Associamos o Mundo da Vida com o cotidiano vivido por eles, lugar privilegiado onde se estabelecem relações, enquanto que os Sistemas foram associados às pressões externas que recebem da sociedade. As pressões perpetradas pela instituição escolar, exigindo disciplina e bom desempenho, as pressões vindas das famílias e mercado de trabalho para que tenham um bom currículo, e daí por diante.

As aproximações tornaram mais palatável aos alunos compreender os desdobramentos dos conceitos acima mencionados, como aquilo que Habermas chama de colonização sistêmica do mundo da vida. Exposto a eles como as constantes pressões que a sociedade faz sobre a nossa vida cotidiana, para que possamos nos adequar ao máximo às exigências desse modelo social.

Ao final da aula sugerimos a eles alguns excertos das obras de Habermas que foram por nós previamente selecionados e organizados. Sugerimos a eles ainda vídeo-aulas sobre o tema estudado, em plataformas de vídeo como o youtube. Os materiais e as sugestões podem ser encontradas no Anexo 02 da presente dissertação. Para estimular a pesquisa e a formulação de conceitos, solicitamos que os alunos, distribuídos nos respectivos grupos, elaborassem materiais para apresentarem na aula seguinte.

2.2.3 A aplicação prática: aula 02

Em nossa segunda aula mantivemos a disposição circular dos alunos em sala e contamos com um retroprojetor, fornecido pela instituição e um notebook, trazido por um dos alunos. Como todos os alunos trabalharam sobre os mesmos materiais de apoio e produziram suas apresentações sobre o mesmo tema, não teria sentido

organizarmos apresentações isoladas dos grupos, sob o risco de tornar a aula maçante.

Como alternativa, sugerimos que as apresentações ocorressem em um formato dialogal, divididas artificialmente em três etapas, de modo a favorecer a abordagem de cada um dos textos que lhes foram entregues. Para se pronunciar não precisaram ficar de pé, todos permaneceram nos seus respectivos lugares, e aqueles que gostariam de mostrar o seu trabalho no retroprojetor poderiam fazê-lo com naturalidade.

O início do debate aconteceu de forma espontânea, eles procuraram explicitar sobre o que o primeiro texto⁷³, extraído da obra *O discurso filosófico da modernidade*, falava. Não havia nenhuma ordem preestabelecida de fala, aqueles que queriam falar, simplesmente levantavam a mão e aguardavam o colega que fazia uso da palavra terminar. Neste formato eles assumiram o papel de protagonistas.

Iniciaram distinguindo os conceitos de racionalidade instrumental e racionalidade comunicativa. A fim de auxiliar a ampliação dos conceitos trazidos por cada um, dividimos o quadro em dois, uma parte para que eles possam caracterizar a racionalidade instrumental e outra para que possam caracterizar a racionalidade comunicativa.

Destacaram que a racionalidade instrumental desenvolve-se com maior intensidade, a partir da crença irrestrita no poderio da razão, presente nos ideais iluministas. Caracterizando-a como um modelo de racionalidade centrado no sujeito e que exerce uma relação de dominação com a natureza e com os outros homens. É uma racionalidade teleológica, porque age com interesses em direção a um fim pré-estabelecido. Em decorrência disso, é utilitarista, no sentido ver as pessoas e a natureza como objetos úteis para algum interesse. Opera segundo padrões científicos, e é a racionalidade que orienta os Sistemas.

A racionalidade comunicativa foi caracterizada como dialogal e voltada ao consenso. Apontaram ainda a sua natureza essencialmente comunitária, que age como uma força unificadora não coercitiva, ou seja, tem por vocação o entendimento que é fruto de um diálogo desinteressado. O mundo da vida é o lugar privilegiado onde a racionalidade comunicativa opera.

⁷³ HABERMAS, J., **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990. p. 293.

A nossa atuação concentrou-se em estimular a ampliação de conceitos por parte dos alunos, bem como esclarecer termos mais densos e por isso conflituosos, apenas quando solicitados. Chamamos atenção dos alunos para um novo conceito de sujeito apresentado logo na primeira linha, que o define como “sujeito falante e atuante [capaz] de adquirir e utilizar um saber falível”. Ao perceberem esta nova definição somada as características da racionalidade comunicativa, apontaram a centralidade da linguagem nesse processo.

Os alunos destacaram ainda uma peculiaridade da razão comunicativa quando comparada com a racionalidade instrumental, a saber: a sua maior abrangência. Para comprovar isso citaram o trecho no qual Habermas afirma: “O que se pode provar na interdependência das várias formas da argumentação é portanto o conceito processual da racionalidade que, por motivo da inclusão do moralmente prático assim como do esteticamente-expressivo”. Nesta citação perceberam que as dimensões do “moralmente prático” e do “esteticamente-expressivo” eram os elementos que faziam com que a racionalidade comunicativa fosse considerada mais rica. Apesar disso apresentaram dúvidas sobre o significado dessas expressões. Apresentamos-as como aspectos da vida cotidiana do sujeito, a racionalidade comunicativa parte do Mundo da Vida, privilegia as experiências práticas do sujeito.

Já no segundo texto⁷⁴ dirigiram algumas críticas ao pensamento de Marcuse, que entende a técnica, ela mesma, como ideologia. Apesar de terem visto consistência na argumentação empreendida pelo filósofo, eles acreditam que não necessariamente a técnica opera como dominação sobre o homem e sobre a natureza. Ocorre assim quando ela é colocada a serviço do sistema, mas há nela um potencial que pode ir contra essa lógica de dominação.

A ideologização da técnica, para eles, está no seu uso, e não em sua natureza mesma, como propõe Marcuse. Mesmo com as grandes limitações, pode-se utilizar do conhecimento técnico em prol das pessoas, desenvolver cadeiras de rodas cada vez melhores que facilitem o deslocamento daqueles que têm sua mobilidade reduzida, dentre tantos outros exemplos. Apontaram neste ponto a filosofia como um fator determinante para conduzir o conhecimento técnico por um caminho não ideologizante.

⁷⁴ HABERMAS, J., **Técnica e ciência como ideologia**. trad. Felipe Gonçalves Silva. São Paulo: Unesp, 2014. pp. 77; 80-81.

A apresentação do terceiro texto⁷⁵, que continha, grosso modo, as linhas gerais da proposta habermasiana, gerou um amplo debate em sala. Em relação às estruturas que sustentam a sociedade no capitalismo tardio, a saber: “ciência, técnica, exército e administração”, os alunos destacaram que esta é uma estrutura hermeticamente fechada e cíclica.

A administração destina grande parte dos recursos para pesquisas nas áreas de inteligência e aprimoramento militar, a ciência e a técnica prestam-se a esse serviço. Alguns eventuais desenvolvimentos tecnológicos são disponibilizados à sociedade, como exemplo disso destacaram o GPS, um aparato primariamente militar e que foi absorvido pela sociedade civil. Aqui retomaram a discussão das entrevistas, sobretudo o grupo 05 que tinha destacado essa dimensão ao dizer que,

Este é o grande patrocinador da ciência, mas direciona as pesquisas científicas para o desenvolvimento militar. Isto aconteceu desde sempre, desenvolvimentos de vacinas, desenvolvimento de mecanismos sofisticados de comunicação ou de localização foram desenvolvidos ou aprimorados em épocas de guerra. Um exemplo disso é o desenvolvimento e uso da internet pelo exército norte-americano.⁷⁶

Apontaram que essa estrutura representa o sistema e que organiza-se dessa forma por seguir os padrões da racionalidade instrumental. Neste momento surgiu um embate sobre as implicações éticas de um uso instrumental da técnica. Como pano de fundo dessa discussão apresentaram os inúmeros progressos técnicos, nas mais diversas áreas proporcionado pelos nazistas ao longo da Segunda Guerra.

Questionaram-se sobre a licitude da utilização dessas contribuições. Alguns se posicionaram favoráveis, uma vez de que as atrocidades já foram cometidas e dispunham de dados científicos que poderiam ajudar a outras pessoas. Alguns desses disseram que deveria-se julgar isso com o máximo de objetividade possível, porque desprezar os dados não desfaria as atrocidades cometidas. Outros enxergavam no uso dos dados uma forma de tributo àqueles que tiveram suas vidas ceifadas pela máquina de terror nazista.

Uma outra parte manifestou-se contrária ao uso dos dados, pois abririam precedentes a novas atrocidades e ao “vale-tudo” em nome do progresso. Diante deste cenário, no qual encontra-se a figura do Estado, que deveria ser o mediador

⁷⁵ HABERMAS, J., **Teoria e práxis**: estudos de filosofia social. São Paulo: Unesp, 2013. pp. 523; 538-539.

⁷⁶ Anexo 01, p. 09.

entre a sede irrefreável de progresso e às necessidades cotidianas e concretas das pessoas, mas que age para reafirmar a estabelecer este sistema, questionaram se há como resistir?

Em uma tentativa de responder a essa pergunta, uma das alunas destacou o trecho do terceiro texto, no qual Habermas aponta para a necessidade de “ (...) colocar em marcha uma discussão politicamente eficaz que relacione de modo racionalmente vinculante o potencial social do saber e do poder técnicos com nosso saber e querer práticos”. A proposta da racionalidade comunicativa, que age como uma força unificadora não coercitiva, voltada ao consenso, é uma alternativa para resistir à dominação dos sistemas.

Não obstante os alunos apontarem para o potencial emancipatório da racionalidade comunicativa, ao reconhecer nela possibilidades de resistência ante a dominação dos sistemas, enxergaram nessa proposta uma ingenuidade de Habermas. Caracterizaram essa ingenuidade pelas expectativas de sinceridade e veracidade na argumentação. Para eles, estabelecer essa comunidade de comunicação, na qual os integrantes orientam sua ação ao entendimento, é utópica, pois desconsidera um impulso, quase que natural, do homem de impor-se sobre o outro.

Por fim, perguntaram como implementar essa proposta na sociedade, de modo a substituir a racionalidade instrumental pela comunicativa e assim fazer com que o Mundo da Vida prevaleça sobre o Sistema? Coube a nós mostrar-lhes que a proposta habermasiana não propõe uma substituição de um modelo por um outro, os influxos de dominação sistêmicas não cessarão na sociedade, sempre haverá pressão por parte dos sistemas para que os indivíduos se adequem cada vez mais a eles.

Habermas propõe uma formação política e pública da vontade, criando ambientes nos quais a população possa, através do diálogo, deliberar sobre as medidas administrativas que mais lhes convém. Com isso passam a tomar consciência dos mecanismos de dominação e criam ferramentas para repolitizar o Mundo da Vida. Isso só é possível, segundo Habermas, com a mudança do paradigma da filosofia da consciência, o sujeito, para o da filosofia da linguagem, a linguagem em sua dimensão pragmática.

2.3 Considerações finais acerca da aplicação prática

Os três momentos que compuseram a nossa aplicação prática são como partes de um todo orgânico, por meio do qual procuramos criar um ambiente comunicativo, propício para fornecer maior autonomia aos estudantes no processo formativo. Desde a apresentação da nossa proposta, aos alunos foi atribuído o papel de co-autores. Como reação a essa confiança de nossa parte, eles se comprometeram a tal ponto de dedicarem um pouco do seu tempo livre às nossas atividades extra-classe.

As primeiras entrevistas aconteceram sem grandes contratemplos, e foram muito importantes para criar o clima informal, necessário para que eles se expressassem de uma forma mais natural possível. Os debates nos pequenos grupos foram pacíficos e buscaram o consenso, mesmo nos momentos em que havia explícita discordância entre os integrantes.

Percebemos que a conduta não-diretiva do moderador, ajudou para que as discursões fluíssem sem grandes divagações, e, por outro lado, não constrangeu os participantes na exposição dos seus argumentos. Outro aspecto relevante foi o instrumento utilizado para a gravação das entrevistas. Optamos por gravar apenas o áudio, a fim de evitarmos ao máximo qualquer forma de inibição externa. O aparelho para gravação por nós utilizado foi um tablet, que apesar de estarmos em um ambiente aberto e com outras pessoas circulando, foi suficiente para uma boa gravação.

Para a primeira aula foi sugerido aos alunos a leitura prévia de recortes de textos, bem como sugestões de vídeo-aulas, que estão presentes no anexo 02 do presente trabalho e que foram encaminhados a eles via WhatsApp com uma semana de antecedência. Como nenhum dos alunos leu os textos ou pesquisou sobre os temas previamente, mudamos o nosso plano de aula. Fizemos, junto com eles, uma reconstrução da teoria habermasiana em sala, explicando conceitos-chaves que proporcionariam a eles um melhor aproveitamento dos materiais por nós recomendados.

Para estimulá-los de uma maneira mais enfática na leitura e pesquisa dos assuntos por nós trabalhados, solicitamos deles a confecção de materiais para a apresentação em grupos na aula seguinte. Além disso, com um dia de antecedência enviamos mensagens a todos, recordando da pesquisa. Este acompanhamento personalizado, somado ao trabalho solicitado, foram essenciais para que cumprissem o prazo por nós acordado.

A segunda aula, graça as pesquisas e leituras feitas por eles seguiu, *multatis mutandis*, os moldes de uma aula invertida. A aula fluiu bem, avançando de acordo com os três textos enviados a eles. O nosso papel foi apenas de esclarecer eventuais dúvidas que não conseguiram dirimir com as pesquisas ou com as exposições em sala.

Para o terceiro momento os alunos do grupo 05 encontraram muitos problemas de horário para conseguirem se reunir, o que levou-os a uma distancia temporal de uma semana dos outros grupos. Apesar desse contratempo específico, as entrevistas seguiram o padrão estabelecido nas primeiras, e aconteceu com certa tranquilidade.

3. ANÁLISE DA PESQUISA

3.1 Introdução

A nossa pesquisa surge de uma dupla inquietação, a saber: da nossa percepção sobre a crescente apatia dos alunos em sala de aula, e das potencialidades da proposta habermasiana. A nossa prática docente nos revela uma crescente subvalorização das ciências humanas no horizonte escolar. Este desinteresse aumenta significativamente quando se considera os ambientes dedicados ao ensino técnico.

O fascínio exercido pela técnica, dada a sua aplicação prática quase que imediata, obnubila a relevância das ciências humanas. Isto, por sua vez, contribui para um padrão de ação eminentemente passivo dos alunos ao longo das aulas. Ao que nos parece, os alunos habituaram-se a julgar o valor/importância de uma disciplina através de sua utilidade prática.

Neste cenário, o ensino de filosofia já sai em desvantagem. Aqui não nos interessa fazer uma análise behaviorista ou psicanalista dos alunos e das suas relações em sala de aula. Buscamos, entretanto, a partir dessa constatação, oferecer outras possibilidades de ensinar filosofia em um ambiente técnico.

Não obstante os múltiplos desafios que este cenário reserva ao ensino de filosofia, vemos na proposta habermasiana da racionalidade comunicativa, uma possibilidade promissora. A razão entendida a partir de sua dimensão comunicativa, permite um reacoplamento entre teoria e práxis. Dá-se dessa forma pois as ações, sejam elas científicas, econômicas ou burocráticas acontecem em um Mundo da Vida linguisticamente estruturado e intersubjetivamente partilhado.

A reaproximação entre o conhecimento técnico-científico e o cotidiano da vida repercute também no ambiente escolar. A escola, outrora um ambiente isolado da comunidade, passa a ser pensada como um ambiente privilegiado para a formação política e pública da vontade. Nela torna-se possível propor a necessidade do diálogo desinteressado voltado ao entendimento, que por si só é um agente de integração social.

Em outros termos, esta teoria nos permite ver o conhecimento técnico não como agente segregador, que estratifica a sociedade em castas, nas quais os que detêm maior conhecimento dirigem aqueles que o tem em menor grau. O

conhecimento técnico torna-se mais uma voz que ecoa entre a multiplicidade de vozes na sociedade. Junto com as demais, através de um diálogo desinteressado, busca um consenso que privilegie o bem comum.

Acreditamos que assumir a proposta habermasiana supracitada, não apenas como conteúdo estruturante curricular, mas também enquanto teoria que norteia as ações em sala de aula contribuiria com uma melhor formação crítica dos estudantes. Isto ocorre graças ao inextricável engajamento social da teoria proposta por Habermas.

Neste cenário formulamos a seguinte hipótese: A teoria da ação comunicativa, enquanto parte do conteúdo estruturante do currículo escolar e teoria que ilumina o método de aula assumido pelo professor, despertará nos alunos um maior interesse pela disciplina. Em consequência disso, suscitará um comportamento mais ativo em sala de aula.

A nossa pesquisa destinou-se a testar essa hipótese. Uma vez que os pressupostos metodológicos e os instrumentos de coleta de dados foram apresentados nas subseções do item 2.1 da presente dissertação, cumpre agora delimitarmos os métodos e instrumentos utilizados na interpretação das informações coletadas.

3.2 A transcrição

As entrevistas semi-estruturadas, realizadas com os grupos focais, foram transcritas de acordo com as técnicas oferecidas pelos métodos de síntese da análise de conteúdo e análise explicativa do conteúdo. Por meio deles procuramos equalizar as dimensões subjetivas da fala dos alunos, com a dimensão objetiva e formal de um texto transcrito.

O primeiro passo consistiu em dar um caráter objetivo às entrevistas, transcrevendo-as em um texto-fonte. Fizemos isso a partir de omissões de expressões de sentido idênticos que se repetiam ao longo da fala dos entrevistados. A esse processo dá-se o nome de paráfrases. Além disso, há algumas paráfrases que possuem o mesmo sentido, essas são mais uma vez unidas, havendo uma segunda paráfrase. Isso ocorre para evitar ruídos no texto, dando-lhe, tanto quanto possível, um aspecto formal, e por isso, transformando-o em um dado passível de análise.

Na análise de conteúdo, o material é parafraseado, o que significa que trechos e paráfrases menos relevantes que possuam significados

iguais são omitidos (primeira redução), e paráfrases similares são condensadas e resumidas (segunda redução). Esse processo é uma combinação da redução do material por meio da omissão de enunciados incluídos em uma generalização no sentido de sintetizar esse matéria. Em um nível maior de abstração.⁷⁷

Inspiramo-nos nos modelos de transcrição e análise de entrevistas semi-estruturadas, propostos pelo psicólogo alemão Philipp Mayring⁷⁸. A sua pesquisa consiste em entrevistas com professores desempregados. A partir da afirmação: “e, na verdade, bem pelo contrário, eu gostei mesmo de finalmente ensinar pela primeira vez”⁷⁹, ele parafraseia como: “bem pelo contrário, gostei muito da prática”.

Mais a frente na entrevista ele se depara com o seguinte enunciado: “portanto, eu já esperava trabalhar em um grupo seminário até que, finalmente, pude lá pela primeira vez ensinar”, que foi parafraseado pelo autor como: “Esperava finalmente praticar”.

Considerando a semelhança entre as duas paráfrases, e os enunciados que falavam sobre um possível choque da passagem para a prática docente, elas foram reduzidas a uma única, a saber: “a prática não é experienciada como um choque, mas sim como diversão”.

Aqui não nos propomos a elaborar uma argumentação excessivamente técnica acerca dos métodos, mas apenas situar e vincular o nosso processo de transcrição a métodos específicos. Atentos ao risco de despir toda a personalidade das entrevistas, recorreremos ao método de análise explicativa de conteúdo, a fim de ampliar ou explicar conceitos e expressões polissêmicas utilizadas nas entrevistas. Por meio deste método reforçamos o acento no entendimento dos entrevistados sobre os conceitos levantados.

Considerando ainda a fluidez desejada para o nosso texto-fonte, optamos por realizar esses acentos e ampliações por meio de notas de rodapé. Pretendemos com isso, simultaneamente, resguardar a personalidade das entrevistas, mas conferindo a elas uma objetividade que permita uma análise mais formal e menos subjetiva do pesquisador.

Ela [A análise explicativa de conteúdo] esclarece trechos difusos, ambíguos ou contraditórios por envolver o material do contexto na

⁷⁷ FLICK, U., **Introdução à pesquisa qualitativa**. trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 292.

⁷⁸ MAYRING, P., **Qualitative Inhaltsanalyse: Grundlagen und Techniken**. Weinheim: Deutscher Studien Verlag, 1983.

⁷⁹ Ibid. p. 59.

análise. Utilizam-se conceitos de dicionários, ou então aplicam-se ou formulam-se definições baseadas gramática. A “análise do contexto restrito” assimila outros anunciados do texto a fim de explicar os trechos a serem analisados, enquanto que a “análise do contexto amplo” busca informações fora do texto (sobre o autor, as situações geradas, provenientes de teorias). Com base nisso, formula-se e testa-se uma “paráfrase explicativa”.⁸⁰

Como exemplo prático desse método, recorreremos ainda à pesquisa do Philipp Mayring. Uma determinada professora, ao expressar sua dificuldade em ensinar, revela que não faz o tipo “animadora”⁸¹. Aqui o pesquisador busca ampliar o que ela entende por animador com base nas definições dela dos colegas, ou recorrendo a definições de dicionário. Ele explica dizendo que: “um tipo animador é alguém que desempenha o papel de uma pessoa extrovertida, espirituosa, animada e autoconfiante”. Seguindo esse modelo, ampliamos nas entrevistas os diversos conceitos levantados pelos alunos, e que, por vezes, adquiriam uma significação específica na fala deles.

3.3 A análise dos resultados

Como técnica de análise para os dados fornecidos pelas discursões nos grupos focais, utilizamos a análise de conteúdo, mais especificamente a análise estruturadora de conteúdo. Pretendemos com ela revelar na estrutura interna à fala dos alunos, conteúdos que apontem o quanto eles conseguem articular a filosofia em suas análises, no caso específico da nossa pesquisa, em suas análises sobre a relação da técnica com a sociedade.

Seguindo aspectos formais, consegue-se gradualmente uma estrutura interna (estrutura formal); o material pode ser extraído e condensado a certos domínios de conteúdo (estruturação quanto ao conteúdo). Podem-se procurar aspectos isolados e destacados no material e descrevê-los com maior precisão (estruturação tipificado); por fim, é possível classificar o material conforme as dimensões na forma de escalas (estruturação escalonada).⁸²

Para tornarmos essa análise factível, formulamos critérios, a fim de nos auxiliar na codificação dos dados. Esses critérios nos possibilitaram criar um amplo espectro

⁸⁰ FLICK, U., **Introdução à pesquisa qualitativa**. trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. pp. 292-293.

⁸¹ MAYRING, P., **Qualitative Inhaltsanalyse: Grundlagen und Techniken**. Weinheim: Deutscher Studien Verlag, 1983. p. 109.

⁸² Ibid. pp. 53-54.

de análises, com o intuito de abranger, tanto quanto possível, as manifestações de fala dos alunos.

O próximo passo consiste na formulação de regras de codificação, que são utilizadas para buscar, no texto, trechos nos quais possam ser encontrados enunciados [buscados na pesquisa] (...). Essas classificações finalmente passam por uma avaliação, que pode, por exemplo, visar a uma análise das frequências dos diferentes graus e uma categoria.⁸³

Junto aos critérios por nós elaborados aparecem números correlatos, escalonados de 1 a 5. Este escalonamento tem a intenção de criar um espectro, com o qual torne possível analisar qualitativamente o texto-fonte, fruto das entrevistas com os grupos. O quadro 03, a seguir, apresenta o modelo por nós proposto.

1	Não considera a questão um problema relevante e digno de atenção.
2	Considera a questão um problema relevante, porém não dispõe de referenciais teóricos para fazer uma análise crítica e associa seu parecer ao senso comum.
3	Considera a questão um problema relevante, percebe que já foi tratada no todo ou em partes por filósofos mas não consegue resgatar o posicionamento deles sobre as questões. Percebe o problema, mas não consegue analisá-lo criticamente.
4	Considera a questão um problema relevante, percebe o problema, percebe que este problema foi tratado no todo ou em partes por filósofos e consegue articular fazendo referência aos filósofos, mas não consegue posicionar-se criticamente.
5	Considera a questão um problema relevante, percebe o problema, percebe que este problema foi tratado no todo ou em partes por filósofos, consegue articular com as referências dos filósofos e posiciona-se criticamente em relação a ela.

Quadro 02: critérios para análise de dados.

Os critérios estão direcionados a medir o nível de compreensão do problema posto. Interessa-nos mais analisar a forma como os alunos, distribuídos em grupos, percebem e articulam conceitos filosóficos para darem uma resposta ao problema posto, muito mais do que o acerto ou o erro das respostas dadas. Os números de 1 a 5, em escala ascendente, medem os níveis de compreensão e articulação dos grupos sobre as questões por eles trabalhadas.

Em um primeiro momento esta postura, quando reduzida *ad absurdum*, parece revelar uma preocupação meramente retórica de nossa parte. Aos alunos bastaria

⁸³ FLICK, U., **Introdução à pesquisa qualitativa**. trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 293.

apenas articular bem orações rebuscadas e conceitos, sem nenhum compromisso com a realidade posta pela questão.

A fim de evitar esta armadilha sofisticada adotamos como pressupostos de análise as condições ideais de fala propostas por Habermas, a saber: inteligibilidade, verdade, sinceridade e justiça normativa. Tais condições de validade fá-se-ão presentes em nossa análise como pressupostos, com o objetivo de simplificar, tanto quanto possível, a estrutura técnica de análise por nós empregada.

O passo seguinte nesse processo é estabelecer as unidades de análise. Através desse processo de codificação transformaremos sistematicamente os dados brutos, advindos do texto-fonte, em categorias, distribuídas entre os critérios previamente estabelecidos. Assim, será possível uma posterior discussão e interpretação dos resultados.

Para fins didáticos, optamos por apresentar como menor unidade de análise, paráfrases que generalizam cada resposta dada às perguntas feitas aos grupos. Agimos assim, com o intuito de sintetizar e condensar o conteúdo das falas de cada grupo, a fim de dar ao texto-fonte a objetividade necessária à análise. Assim, torna-se possível mensurar objetivamente os efeitos da nossa aula.

Quanto aos integrantes dos grupos, estes foram percebidos por nós em seu papel ativo, no qual construíam conhecimento ao passo que externavam suas análises. A interação entre si e a consequente situação dialógica, exigida por um trabalho em grupo dessa natureza, estimularam-os a buscarem uma resposta consensual, que melhor representasse as impressões de todos os participantes.

Este processo torna-se mais facilmente perceptível quando visto em sua aplicação prática. A análise concreta dos grupos, realizadas nas sub-seções a seguir, auxilia em uma compreensão mais próxima deles. Aqui pretendeu-se, em linhas gerais, justificar a escolha dos métodos de pesquisa qualitativa por nós empregados.

Disso não resulta que tais métodos sobressaiam-se em comparação com os demais, mas, tão somente, que em nossa percepção, adequam-se melhor à natureza da nossa dissertação.

3.3.1 Análise das entrevistas do grupo 01

Com as repostas às perguntas II, IV, V e VI, o grupo identificou a relevância do problema ao apontarem as falhas e limites de ação, tanto do Estado, quanto do

homem. Apesar disso, não ampliaram a discursão na busca de apontar os porquês desse padrão de comportamento.

O grupo associou, majoritariamente, o seu diagnóstico ao senso comum pelo fato de não justificar racionalmente seus argumentos, fazendo com que eles se aproximassem muito mais de intuições.

Já nas respostas às perguntas I e III o grupo ressaltou os aspectos positivos e negativos do progresso tecnológico e como isso impacta nas relações. Ao apontarem para a possibilidade desse tipo de conhecimento ser usado como mecanismo de dominação, tanto do homem sobre o homem, quanto do homem sobre a natureza, o grupo reconhece a relevância da questão posta. Ainda que de maneira superficial, recorre indiretamente à discursão filosófica acerca do tema.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	Por um lado o desenvolvimento tecnológico auxilia o desenvolvimento humano, enquanto propõe novas técnicas que otimizam a produção de alimento e auxiliam no combate à doenças. Por outro lado, com a supervalorização do conhecimento científico, a comunidade científica torna-se a última instância a verificar o que é verdadeiro ou falso. Disso decorre, o controle da população segundo os interesses desse grupo.	3
II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	O privilégio da racionalidade técnica cria uma elite que coordena as ações da sociedade em benefício próprio.	2
III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	As relações são orientadas pela utilidade e benefício. Esta forma de ação tornou-se mais perceptível a partir da revolução industrial.	3
IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	O Estado, ao priorizar o desenvolvimento técnico, favorece um pequeno grupo de privilegiados, não cumprindo, com isso, seu papel de mediador.	2

V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	A importância da filosofia é inquestionável, mas acreditamos que ela cumpriria melhor o seu papel se priorizasse ensinar a filosofar, e não história da filosofia. Dessa forma, principalmente para nós inseridos no ensino técnico, a filosofia seria como uma janela que nos possibilitaria ver o mundo.	2
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	A filosofia desperta em nós a inquietação diante das primeiras respostas. Além disso, nos ajuda na forma como nos relacionamos com os demais e na formação dos princípios.	2

Quadro 03: resultados da primeira entrevista com o grupo 01.

Na resposta dada à pergunta IV o grupo conseguiu resgatar explicitamente conceitos filosóficos, como o conceito de racionalidade instrumental. Por outro lado, faltou ao grupo um posicionamento crítico, e não apenas reproduzir a análise feita pela tradição filosófica.

Nas demais respostas, o grupo resgatou e articulou conceitos filosóficos, e, a partir deles, posicionou-se criticamente. O grupo valeu-se de conceitos filosóficos como racionalidade instrumental, comunicativa, sistemas, interesses e ideologia, para fundamentar argumentativamente sua análise.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	Frente ao inegável progresso técnico está a precarização das condições de vida dos mais pobres. Isso resulta da prevalência de um modelo de racionalidade instrumental, que favorece relações de dominação. Os interesses dos responsáveis pelo controle são de natureza monetária. Apenas uma racionalidade comunicativa, formadora de uma comunidade voltada ao entendimento através do diálogo, seria uma alternativa a este sistema.	5
II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	Sociedades que pautam seus interesses segundo a lógica do Mercado, privilegiam a racionalidade instrumental. Ao agirem assim, ignoram as necessidades sociais.	4

III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	Um modelo de racionalidade que fecha o homem em si mesmo, leva-o a relacionar-se com a natureza e os demais em função da utilidade que eles podem ter.	5
IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	O Estado, ao priorizar a racionalidade instrumental como modelo que guia suas ações, afasta os cidadãos das decisões da esfera pública, isolando-o em si mesmo, para com isso, manipula-lo com maior facilidade.	5
V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	A filosofia teria a função de incentivar-nos criticamente, através do diálogo os conceitos. Com isso, entendemos, reflexivamente, os muitos lados que uma coisa pode ter. Apenas quando conseguirmos associar o desenvolvimento técnico à racionalidade comunicativa alcançaremos um desenvolvimento real para as pessoas.	5
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	A partir de uma racionalidade comunicativa podemos estabelecer um diálogo voltado ao entendimento. Em consequência disso, encontraremos um argumento justificável racionalmente e que represente o consenso na comunidade de trabalho. A filosofia também aumenta a nossa autonomia de escolha e capacidade de percepção sobre a utilização de um conhecimento técnico enquanto ideologia.	5

Quadro 04: resultados da segunda entrevista com o grupo 01.

3.3.2 Análise das entrevistas do grupo 02

Em todas as repostas o grupo reconheceu a relevância do problema, mas não apresentou fundamentos filosóficos para as suas proposições. Todas elas assemelharam-se a intuições, advindas do senso comum.

Destacamos a resposta dada à última pergunta, na qual o grupo aponta a filosofia como ferramenta que auxilia a situar-se fora do senso comum. Mesmo reconhecendo esta potencialidade própria à filosofia, não explicitam o porquê e o como que a filosofia cumpriria essa tarefa. Assim sendo, por mais paradoxal que possa parecer, restringem a resposta ao horizonte do senso comum.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
-----------	-----------------------	----------

I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	Priorizar o desenvolvimento tecnológico causa um agravamento das desigualdades sociais. Apesar disso, acreditamos que a tecnologia tem o potencial de acabar com a miséria, e será o meio, em um futuro próximo, para a ascensão social.	2
II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	Normalmente aqueles que se dedicam ao progresso técnico, fazem-o sem nenhum compromisso social. Dado o fascínio que a ciência exerce, cada vez mais pessoas interessam-se por ela, menosprezando a dimensão social. Em consequência, cresce a desigualdade.	2
III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	A natureza, por motivos econômicos, é vista como matéria-prima. As razões para conservá-la são de ordem prática. Conservando-a estamos conservando também a nós mesmos.	2
IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	O Estado deve ocupar-se dos problemas sociais, enquanto as pessoas cuidam de si mesmas. Mas os responsáveis pela administração pública agem segundo seus próprios interesses.	2
V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	A filosofia quando ensinada por meio do estímulo à discurso e questionamentos, auxilia-nos a articularmos melhor os conteúdos aprendidos com a nossa vida.	2
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	A filosofia nos ajuda a pensar por nós mesmos, para a além do senso comum. Ela é como uma ferramenta que nos auxilia a fazer a diferença na sociedade	2

Quadro 05: resultados da primeira entrevista com o grupo 02

Em todas as respostas o grupo conseguiu resgatar conceitos filosóficos, e, a partir deles, justificar criticamente suas proposições. Destacaram elementos teóricos como o positivismo e o conceito de secularização de Max Weber, resgatado aqui de forma indireta. Outrossim, apontaram para os efeitos, segundo Durkheim, na organização social do aumento de complexidade nas sociedade modernas.

Somado a isso, figuram entre as respostas conceitos como os de racionalidade instrumental, comunicativa, sistemas, ideologia, dominação e interesses. Valendo-se desses conceitos apontaram, como na resposta à pergunta VI as limitações da filosofia enquanto entendida à luz da razão instrumental.

Destacaram ainda a filosofia, quando dirigida por interesses instrumentais, é uma ferramenta de estabilização do sistema. Articularam em todas as respostas os conceitos filosóficos aprendidos com o seu posicionamento pessoal.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	O pano de fundo positivista influenciou os interesses da sociedade para o conhecimento técnico, visando, exclusivamente, o dinheiro. Como consequência, surge um agravamento nas diferenças sociais.	5
II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	Ao nascermos já estamos inseridos em um determinado contexto e somos fortemente influenciado por ele. De acordo com Durkheim, as sociedades passaram por um processo que as tornaram, progressivamente, mais complexas. Este nível de maior complexidade atingiu todos os níveis das relações humanas. Junto a isso, surge o protagonismo do conhecimento científico. Um outro elemento é o processo da diminuição da influência dos valores religiosos, que culmina esse processo de individualismo e fechamento em si mesmo, característico da nossa sociedade.	5
III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	As relações do homem são orientadas ao lucro. Isso permeia de tal forma a sociedade que adquiriu um status de ideologia. Mesmo aquelas que mostram uma certa preocupação ambiental, agem dessa forma com interesses, dentre os quais esta: obter prestígio social. Apesar de poucas, mas existem exceções à essa regra.	5
IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	Os responsáveis pela administração pública orientam suas ações pelos interesses do Mercado. Com isso, atendem apenas uma pequena parcela da população. O sistema assim estabelecido, serve para proteger os interesses de uma minoria. Como saída sugerimos novos mecanismos, que favorecem uma maior autonomia da população na administração da coisa pública.	5

V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	A filosofia nos inquieta diante das situações de manipulação, de ideologias e dos mecanismos de ação da indústria cultural. Ela faz isso criando espaços privilegiados para o diálogo. Por outro lado, a filosofia não é uma voz unânime, existe nela várias correntes, dentre as quais, muitas foram responsáveis por estabelecerem o sistema tal como o encontramos hoje.	5
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	A filosofia nos ajuda a refletirmos sobre os possíveis impactos do nosso trabalho na sociedade. Também aumenta a nossa capacidade argumentativa, por meio do contato com diversas correntes filosóficas, mas para que ela cumpra seu papel, deve reinventar-se a partir de sua dimensão comunicativa.	5

Quadro 06: resultados da segunda entrevista com o grupo 02

3.3.3 Análise das entrevistas do grupo 03

Nas respostas às perguntas I, III e V o grupo não apresentou justificativas para as suas proposições. Apesar de ter percebido o problema, não conseguiu afastar seu posicionamento do senso comum. O discurso apresentado pelo grupo limita-se ao campo da opinião.

Nas respostas às perguntas II, IV e VI o grupo discutiu sobre as causas e as eventuais consequências do privilégio ao conhecimento técnico. Aspectos como a dominação dos detentores do conhecimento técnico sobre a grande população, situada à margem desse conhecimento, os interesses econômicos que orientam a ação do Estado e a filosofia como meio que desperta uma maior consciência social, foram ressaltados pelo grupo.

Destarte, as discursões iniciadas não foram fundamentadas filosoficamente, restringindo-se, em certa medida, ao senso comum. Os alunos não articularam suas proposições com as análises da tradição filosófica sobre o tema posto.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	O progresso científico é uma parte do progresso humano. Ele não tem necessariamente uma ligação com a dimensão social, mas se disponibilizado a todos, poderia auxiliar no desenvolvimento da sociedade. Isso ocorre porque quanto mais instruído somos, mais temos poder de beneficiar a sociedade.	2

II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	Associar o progresso científico ao progresso humano dá a ciência o status de solucionadora de todos os problemas. Aqueles que estão à margem do conhecimento científico consideram-se impotentes e por isso, tornam-se apáticos socialmente. O ensino, tal como é concebido, reforça essa crença. Por exemplo, aprendemos na escola que o único indicador de desenvolvimento é a tecnologia que um determinado povo domina.	3
III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	Todos os níveis de relação são baseadas em vantagens econômicas.	2
IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	O Estado teria a função de equilibrar as atenções entre o progresso técnico e social. Mas os administradores estatais, visando as vantagens econômicas, sacrificam a esfera social em prol do desenvolvimento técnico.	3
V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	A filosofia nos ajuda a termos um olhar mais crítico sobre a sociedade, mas para que possa alcançar esse objetivo, deve priorizar discursos, debates. Deve abdicar do formato tradicional de ensino, o da memorização de conteúdo.	2
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	Ter contato com a filosofia auxilia a ter múltiplas visões sobre um mesmo fato. Em nosso trabalho, ela nos ajudará a propormos produtos que levem em consideração as expectativas de pessoas reais, e não das suas caricaturas projetadas pelo Mercado. Auxilia-nos ainda a refletirmos sobre a dimensão ética do trabalho.	3

Quadro 07: resultados da primeira entrevista com o grupo 03

Na resposta à pergunta I o grupo não resgata proposições filosóficas, a fim de melhor fundamentar seu posicionamento. Consegue identificar o problema ao indicar os efeitos causados por esse comportamento, mas não busca associar o debate aí iniciado com a crítica filosófica existente.

Na resposta à pergunta V o grupo resgata a discussão filosófica sobre o tema. Entretanto, falta um posicionamento explícito por parte do grupo diante da problemática presente na questão.

Já nas respostas às perguntas II, III, IV e VI o grupo articulou o discurso filosófico com a sua posição crítica. Dentre os referenciais teóricos aludidos por ele figuram: a razão instrumental e comunicativa, sistemas, tecnologia como ideologia

capaz de estabilizar o sistema e aproximação entre teoria e práxis do mundo da vida. Valendo-se desses referenciais, posicionou-se criticamente.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	O progresso técnico, quando afastado da análise sobre os impactos sociais de uma determinada pesquisa, adquire um potencial destrutivo e, por conseguinte, agrava os problemas sociais.	3
II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	Associar progresso técnico ao progresso humano é um sintoma, que revela a lógica instrumental que rege a sociedade. Com isso, cria-se uma hierarquia na sociedade que exclui aqueles que estão à margem do progresso técnico. A razão instrumental prevalece na sociedade a partir da revolução industrial. Em consequência disso, o aprimoramento técnico é buscado como fim em si mesmo, enquanto as pessoas são vistas como meios.	5
III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	A racionalidade instrumental, responsável por orientar as ações dos homens, cria mecanismo, cada vez mais sofisticado para perpetuar os sistemas de dominação estabelecidos. A tecnologia é uma ferramenta poderosa para a estabilização desse sistema.	5
IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	O Estado surge como a figura que gere o mecanismo de dominação. Através de estruturas cada vez mais sofisticadas, e sob o pretexto de estar cuidando dos interesses da população, o Estado estende o seu domínio por toda a sociedade, de forma, para a grande maioria, imperceptível.	5
V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	A filosofia, através da comunicação e do diálogo, seria uma força de resistência ante a dominação, e estabeleceria uma comunidade de iguais.	5
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	A filosofia, entendida à luz da racionalidade comunicativa, proporcionara-nos aproximar o nosso trabalho técnico das necessidades reais das pessoas. Disso resultariam importantes contribuições para áreas, por exemplo, da acessibilidade. Agindo dessa forma, veríamos as pessoas como fim em si mesmas.	5

Quadro 08: resultados da segunda entrevista com o grupo 03

3.3.4 Análise das entrevistas do grupo 04

Nas respostas às perguntas de II-VI o grupo expressou uma clara percepção acerca do problema. Ao fundamentar as suas proposições, os integrantes do grupo não articularam explicitamente as contribuições da tradição filosófica. Com isso, trataram as causas para os padrões de ação, pelo grupo descritos, apenas em sua superficialidade.

Na resposta à pergunta I o grupo apontou para as causas históricas do desenvolvimento técnico, que segundo eles é a exploração do trabalho humano. Acenaram ainda para as consequências que este padrão de desenvolvimento traz consigo, que é a saber: a subvalorização do indivíduo ante a máquina.

Percebe-se aqui o recurso a elementos do debate filosófico, ainda que não nomeados explicitamente. Apesar disso, o grupo furtou-se à tarefa de articular a tradição com um posicionamento crítico próprio.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	O desenvolvimento técnico foi conquistado ao longo da história à custa da exploração do trabalho humano. Somos condicionados a pensar que valemos menos que os produtos técnicos. As conquistas advindas deste tipo de desenvolvimento são alcançadas graças aos recursos captados de todos, mas que beneficiam apenas poucos.	4
II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	Há na sociedade ocidental uma opção preferencial pelo desenvolvimento técnico. Em consequência, aqueles que não estão inseridos no contexto técnico são marginalizados.	3
III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	O homem trata a natureza como um reservatório de recursos, explorando-a predatoriamente. Mesmo os países que adotam medidas mais sustentáveis, fazem isso graças a exploração dos recursos e das pessoas dos países mais pobres. O homem vê o outro como um concorrente, tornando-se, com isso, apático e insensível.	3

IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	As ações do Estado priorizam os interesses daqueles que foram os seus maiores patrocinadores. As pessoas responsáveis pela administração pública governam para si e para os seus. O desenvolvimento tecnológico não é mal por si só, quando oferecido a todos em igual proporção, poderia combater a dominação.	3
V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	A filosofia auxilia a refletir sobre as relações de dominação existentes, sobretudo a dominação do conhecimento técnico. Com o senso crítico, proporciona àqueles que com ela mantêm contato, uma melhor análise da sociedade.	3
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	A filosofia proporciona um senso crítico capaz de perceber as situações de exploração, bem como auxilia a ter maior autonomia de vontade, evitando assim, que no submetamos de maneira irrefletida. Com a filosofia a nossa percepção do que acontece ao nosso redor fica mais acurada, tornando-no mais sensíveis ao outro.	3

Quadro 09: resultados da primeira entrevista com o grupo 04

Na resposta à pergunta III o grupo não desenvolve uma fundamentação consistente. Recorre apenas a sentenças conclusivas, com as quais apresenta o estado de coisas sem justificar os motivos.

Na resposta à pergunta IV recorre, ainda que não nomeadamente, às proposições da filosofia habermasiana, Entretanto, ao passo que as apresenta, tão logo encerra a discussão.

Já nas respostas às perguntas I, II, IV e V o grupo articulou bem o referencial teórico com um posicionamento próprio. A discussão sobre as influências da razão instrumental nas ações do Sistema, as repercussões diretas disso, na cosmovisão da sociedade, são elementos que atestam a esse favor.

O grupo ressalta ainda o papel do Estado e da filosofia em um cenário eminentemente técnico. Nesta análise recorre a referenciais teóricos da tradição filosófica com o intuito de iluminar e ampliar a análise.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
-----------	-----------------------	----------

I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	A racionalidade instrumental orienta as ações da sociedade para a manutenção do Sistema. Isso ocorre de várias formas, dentre as quais figura a recorrência à lógica do consumo. Nesta, por sua vez, as grandes empresas mostram-se como aquelas que atendem às necessidades da população, quando, na verdade, tais necessidades foram artificialmente criadas por elas. Muitas vezes a “necessidade” do avanço tecnológico exige duros sacrifícios da população.	5
II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	A sociedade vê o mundo em função da utilidade, reduzindo todos os níveis das relações à dimensão mercantilista. Somos forçados diariamente a renunciarmos às nossas idiosincrasias em prol do avanço técnico.	5
III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	O homem relaciona-se com os outros como oponente. Nessa relação, o homem é visto em função de sua força de trabalho. A natureza, nesse cenário, é vista como mera fonte de recursos.	3
IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	O Estado aparece alinhado ao sistema, que, por sua vez, opera a partir da razão teleológica. Esta racionalidade torna-se mais consistente a partir da razão iluminista, com a crença irrestrita do homem no poder da razão, e do positivismo. As ações do sistema estão direcionadas para estabilizá-lo.	5
V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	A filosofia é o espaço privilegiado, no qual confrontamos os nossos conhecimentos e ações advindos do senso comum, com o intuito de fundamentá-los racionalmente. A filosofia, quando iluminada pela racionalidade comunicativa, possibilita o contato, uma interação desprovida de interesses, com o outro, e assim, conscientiza-nos de que temos mais o que aprender, do que certezas prontas.	5
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	A filosofia nos ajuda na formação do pensamento crítico e dar maior autonomia à nossa vontade. Ajuda-nos ainda a criarmos mais espaços que favoreçam o diálogo.	4

Quadro 10: resultados da segunda entrevista com o grupo 04

3.3.5 Análise das entrevistas do grupo 05

Nas respostas às perguntas III, IV e VI o grupo percebe com clareza a problemática em questão. Percebe-se isso quando o grupo apontou para as dimensões conflitantes do conhecimento científico e da relação do Estado na administração pública. Apesar disso, não aprofundam a discussão, a resposta carece de uma base filosófica. Destarte, os argumentos aqui levantados mais assemelham-se a opiniões, que carecem de uma análise das suas causas, consequências e efeitos.

Já nas respostas às perguntas I, II e V o grupo recorreu a argumentações de base filosófica, ainda que não as tenha associado explicitamente. Buscou-se aqui investigar as causas desses padrões de comportamento, e, em certa proporção, os efeitos provocados na sociedade.

O grupo ressalta elementos como: a revolução industrial como um marco no processo de valorização do conhecimento técnico e a crescente insensibilidade com o entorno como um dos efeitos da supervalorização técnica. Somado a isso, destaca-se o desafio da filosofia em articular teoria e o cotidiano da vida.

As constatações feitas pelo grupo são indícios que evidenciam a preocupação em empreender uma análise mais profunda da problemática em tela. Não obstante, não recorrem à tradição filosófica, o que transforma sua resposta numa coletânea de opiniões e se furtam à tarefa de ampliar a discussão pelo grupo iniciada, por meio de um viés filosófico.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	O progresso técnico ganha maior relevo após a revolução industrial. As suas conquistas foram tão expressivas que, frequentemente, é associado como sinônimo de desenvolvimento. Isto acontece porque os produtos desenvolvidos são os resultados mais imediatos, que chegam à sociedade, causando uma sensação de avanço.	3
II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	Graças aos avanços técnicos o homem encontra mais tempos para dedicar-se, dentre outras coisas, a filosofia. Apesar disso, a técnica, quando considerada por si mesma, provoca alienação. Em consequência disso, perdemos a sensibilidade com aquilo que está ao nosso redor.	3

III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	O conhecimento científico é um forte mecanismo de dominação, tanto da natureza, quanto do homem. Quando usado dessa forma, aumenta as desigualdades sociais.	2
IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	O Estado, ao priorizar o progresso técnico, contribui para a exclusão social. Dá-se dessa forma, pois reforça o controle indireto de uma pequena parcela da população sobre os demais.	2
V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	Por meio da filosofia podemos nos tornar conscientes das relações de dominação. Sabendo disso, o Estado oferece um ensino de precário, sobretudo aos mais pobres, a fim de mantê-los submissos. O grande desafio é articular, na escola, a filosofia com a vida.	3
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	A filosofia pode nos ajudar, enquanto profissionais, a buscarmos soluções não convencionais e a refletirmos sobre as relações de trabalho. Podemos ainda apresentá-la àqueles que não tiveram contato prévio com ela.	2

Quadro 11: resultados da primeira entrevista com o grupo 05

Na resposta à pergunta VI o grupo considera relevante a questão proposta, mas sua argumentação concentra-se na generalidade do tema. Aqui não se ocupam em investigar os porquês da questão. Recorrem com frequência a sentenças curtas e conclusivas, que não possuem relações claras entre si. Em outros termos, apontam para a conclusão sem antes destacarem as premissas utilizadas para chegarem aquele veredicto. Dada a estrutura da argumentação, as sentenças mais se aproximam de opiniões.

Nas respostas às perguntas I, IV e V houve uma ampliação do debate, com as quais o grupo se propôs a fazer um diagnóstico da situação, apontando para as causas que influenciaram o estado de coisas delineado. Alusões ao conceito de mito proposto na Dialética do esclarecimento, por Adorno e Horkheimer, ou a categorias como dominação, interesse, diálogo conferiram às respostas um maior rigor argumentativo. Em consequência disso pode-se notar aqui uma discursão filosófica sobre os problemas propostos.

O grupo, por outro lado, não conseguiu articular explicitamente os referenciais teóricos, como fizeram com as repostas às perguntas II e III. Nestas, articularam conceitos de razão instrumental e de dinheiro como intermediário dos interesses da administração pública. Já nessas, o grupo furtou-se à essa tarefa.

Perguntas	Paráfrases sintéticas	Conceito
I. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?	Por um lado, o progresso técnico está associado ao aumento do bem-estar social, por outro, é responsável pelo aumento da dominação do homem sobre o homem. O progresso técnico, que surgiu com a promessa de libertar o homem, acabou aprisionando-o numa caverna.	3
II. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?	Quando se privilegia o desenvolvimento tecnológico, as ações são guiadas segundo padrões da razão instrumental. Esta por sua vez, opera segundo uma lógica matemática. Um outro aspecto é o controle da população por um pequeno número de especialistas.	4
III. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?	Todas as esferas das relações operam segundo os padrões do dinheiro. As pessoas são vistas como números em uma planilha.	3
IV. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?	O Estado é regido pelos interesses daqueles que possuem mais dinheiro, enquanto a maior parte da população acata as ordens irrefletidamente.	3
V. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?	A filosofia nos ajuda a questionarmos sobre aquilo que acontece ao nosso redor, através de uma reflexão pautada no diálogo.	3
VI. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?	A filosofia nos ajudará a reexaminarmos sempre as nossas crenças e posturas, bem como nos tornará mais sensíveis socialmente.	2

Quadro 12: resultados da segunda entrevista com o grupo 05

3.4 Interpretação dos resultados

Os dados por nós levantados e quantificados, nas subsecções precedentes, tiveram por finalidade nos fornecer um meio objetivo, a fim de mensurarmos qualitativamente as nossas hipóteses. Como exposto no item 3.1 da presente dissertação, a hipótese central por nós levantada é: a teoria habermasiana da ação comunicativa, carrega em seu bojo uma exigência tanto teórica quanto prática, que, por sua vez, auxilia os alunos no desenvolvimento de um olhar mais crítico sobre a sociedade.

Outrossim, ela coaduna indissociavelmente o arcabouço teórico ao cotidiano do vivido. Reside justamente nisso, em nosso entender, o elemento que a diferencia

das doutrinas derivadas do *Aufklärung* kantiano. Dito de outra forma, apesar de Habermas entender com Kant a educação em função do esclarecimento, ao ressaltar o peso da dimensão intersubjetiva do saber, o autor em questão, liga-o, imediatamente, às vicissitudes do vivido.

Com Habermas todo saber é dotado de uma dimensão prática, pois ele é constituído ante uma comunidade e, além disso, subjacente a ele há sempre interesses. Dá-se dessa forma mesmo em espaços privilegiados, entendidos como um sistema especializado de processos de apropriação e reprodução cultural, como o são as escolas e universidades. Não obstante a sua configuração artificial, não anulam o engajamento social do que ali é aprendido.

Acreditamos ainda, que tal teoria oferece uma dupla contribuição, a saber: é mais um referencial teórico de análise da sociedade oferecido aos alunos, com a vantagem de conjugar em si teoria e práxis, e, iluminar o modo como se dar aula. Em outros termos, a teoria habermasiana, enquanto componente obrigatório do currículo escolar, ofereceria aos alunos mais elementos de análise e reflexão crítica.

Com a particularidade que lhe é própria, a saber, seu forte engajamento social, o que resolveria por si só o frequente dilema de conjugar a teoria com o cotidiano vivido pelos alunos.

Ademais, a ação comunicativa oferece novas luzes ao fazer pedagógico. Ao entender a sala de aula como comunidade comunicativa voltada ao entendimento, confere maior protagonismo aos alunos no processo e alivia, tanto quanto possível, as coações advindas da relação de poder entre professores e estudantes.

A fim de tornar este processo o mais claro possível, procedemos a interpretação dos dados em subsecções, que contemplem separadamente cada grupo. Nelas foram comparadas as análises feitas, por meio das entrevistas, antes e depois da aula, com o intuito de evidenciarmos, tanto a captação dos conteúdos, quanto o papel de uma aula iluminada pelos referenciais habermasianos.

3.4.1 Interpretação dos resultados do grupo 01

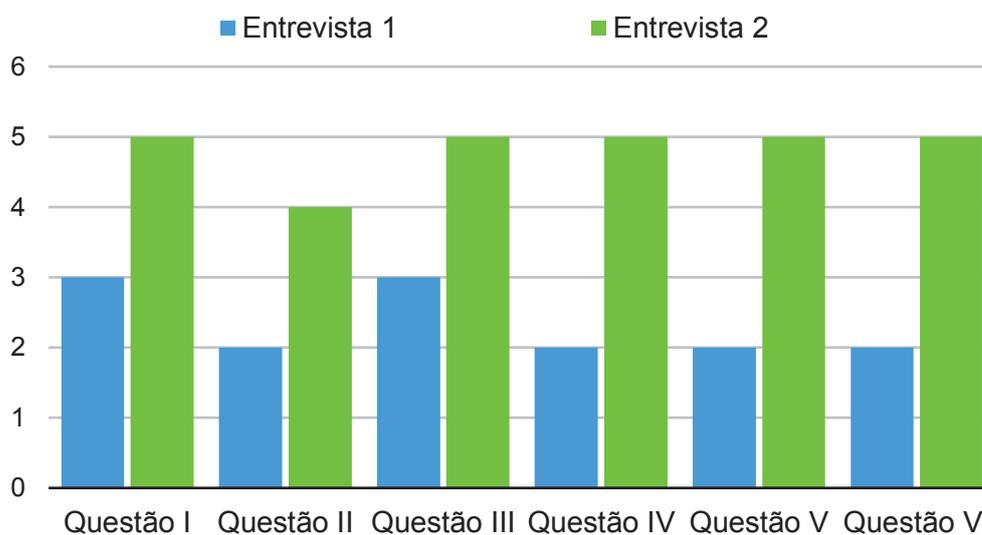
Percebe-se uma clara evolução qualitativa na análise empreendida pelo grupo após as aulas. Discursões, antes fixadas, em sua maioria, no horizonte do senso comum, foram acrescidas de uma argumentação filosófica e de uma análise crítica. Como exemplo disso, estão as questões II, IV, V e VI.

Nas respostas às questões supracitadas percebe-se não apenas um aumento quantitativo de conteúdo, o que seria natural após duas aulas. Constata-se aqui uma melhora na habilidade de articular os conteúdos com seus posicionamentos e análises próprias.

A questão II chama-nos atenção pelo fato de ser a única no patamar conceitual 4, nas avaliações feitas para a segunda entrevista. O grupo apenas delimitou o estado de coisas, recorrendo à análise habermasiana.

A mera reprodução do juízo do autor em questão, sem uma discursão, seja ela consonante ou dissonante, revela, dentre outras coisas, que a compreensão da teoria não veio acompanhada de uma apropriação da mesma. Os alunos não conseguiram, a partir dela, posicionarem-se criticamente.

Gráfico 01: resultados das entrevistas com o grupo 01



3.4.2 Interpretação dos resultados do grupo 02

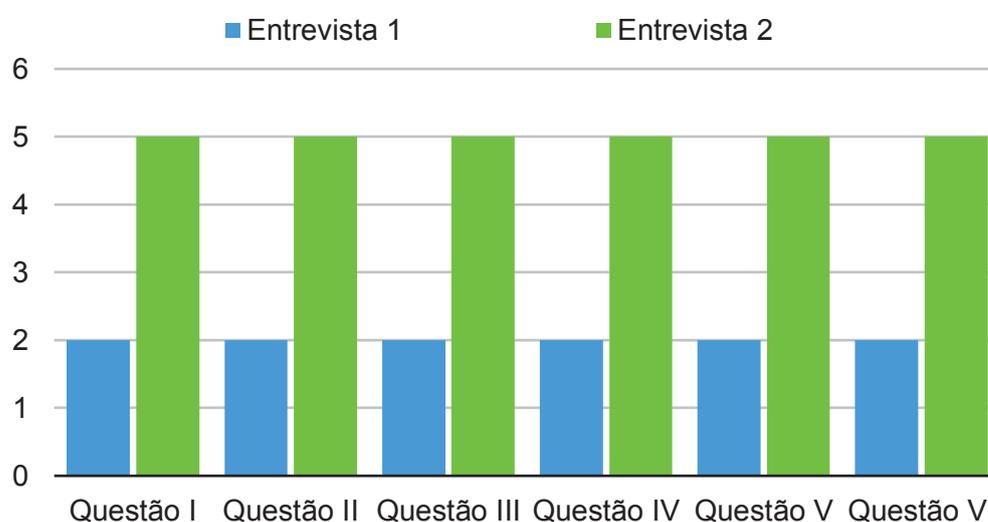
O grupo 02 foi, dentre os grupos participantes da pesquisa, emblemático. Associou todo seu parecer ao senso comum durante a primeira entrevista. Apesar de detectar limitações no conhecimento técnico, diante do imenso potencial positivo da tecnologia, tais fragilidades praticamente desapareceram. Os problemas advindos da técnica seriam resolvidos pela técnica. Esse era basicamente o mote que o grupo repetia em cada questão.

A evolução abrupta na análise empreendida pelo grupo é reveladora em vários aspectos. O primeiro e mais evidente: o conteúdo estudado oferece aos estudantes uma acurada análise da sociedade, que parte de uma crítica à razão técnica, mas que ao mesmo tempo não despreza as contribuições legadas pela tecnologia. Segundo, e

não menos importante, a leitura dos textos de apoio em casa, bem como a preparação em grupo de uma apresentação para a aula, forçou o grupo a aproximar a teoria ao seu horizonte de vida próximo, facilitando assim a compreensão.

Um outro aspecto que nos interessa ressaltar é a importância da interdisciplinaridade. Ao longo da nossa pesquisa, os alunos tiveram aulas, na disciplina de sociologia, sobre o legado de Émile Durkheim. A contribuição dessas aulas foi destacada pelo grupo em sua fala. Somado a isso, o grupo interessou-se em aprofundar a análise do processo de racionalização e secularização desenvolvidos por Max Weber e apresentados, em linhas gerais, em nossa primeira aula.

Gráfico 02: resultados das entrevistas com o grupo 02



3.4.3 Interpretação dos resultados do grupo 03

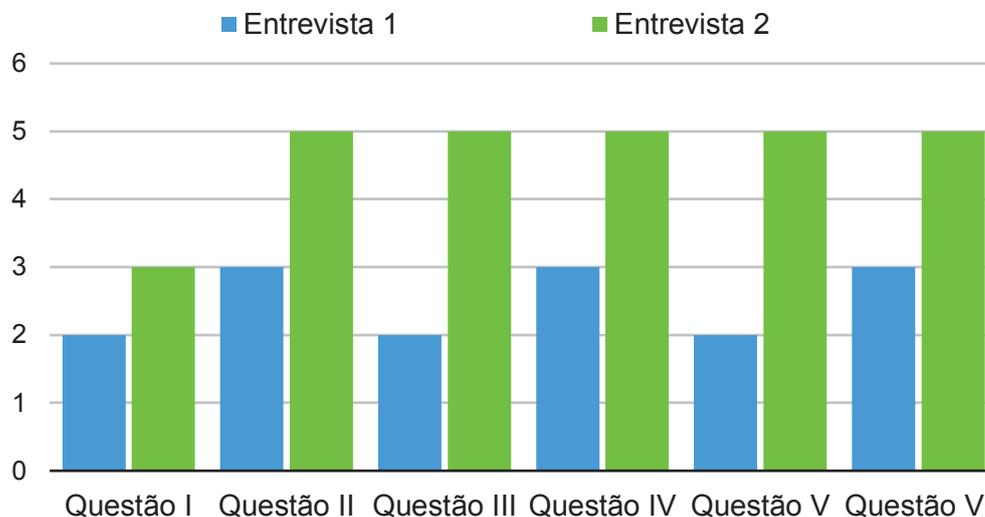
Percebe-se no grupo 03, principalmente nas respostas às questões II, III, IV, V e VI, uma expressiva evolução. Nestas questões o grupo articulou com muita naturalidade a fundamentação teórica com uma análise pessoal.

Dentre outros possíveis elementos, atribuímos o interesse do grupo pela teoria ao forte engajamento social desta. Nota-se isso muito claramente quando se analisa a desenvoltura, com a qual eles articulam a teoria com as questões propostas nas perguntas.

Digno de menção é também o resultado da questão I. Nela o nível argumentativo das respostas oferecidas, tanto antes, como depois do contato com a teoria habermasiana, permaneceu o mesmo. Acreditamos que a dificuldade encontrada pelo grupo, de fundamentar filosoficamente seus argumentos, deveu-se ao fato da generalidade da questão. Às questões gerais os alunos davam respostas

gerais. Comprova-se isso ao percebermos as demais respostas, que eram dotadas de progressiva objetividade.

Gráfico 03: resultados das entrevistas com o grupo 03



3.4.4 Interpretação dos resultados do grupo 04

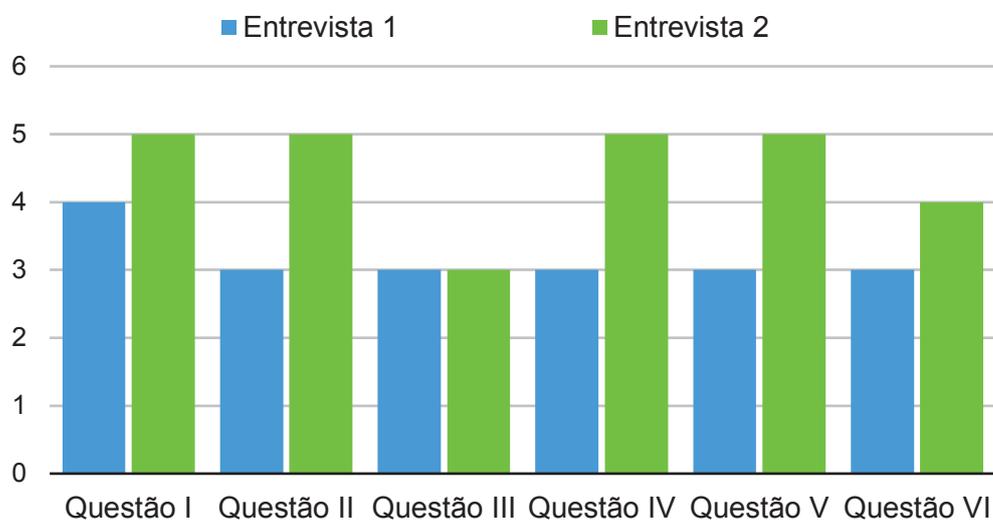
Ao considerarmos os resultados da primeira entrevista, percebemos, em todas as respostas, que nas análises do grupo 04, busca investigar as causas dos estados de coisas apresentados. Merece especial destaque a resposta à questão 01, na qual recorrem à uma justificação de base filosófica.

Os resultados quando comparados com a segunda entrevista evidenciam, com exceção da resposta à questão 03, um aprofundamento nas justificativas das análises. Nas questões I, II, IV e V o grupo valeu-se do referencial teórico habermasiano e a partir dele, posicionou-se criticamente.

Isto revela, que neste caso a teoria os ajudou a empreender não somente uma análise geral sobre a sociedade, mas também ajudou a perceber reflexivamente o seu entorno. Chama-nos atenção os resultados da questão III, mantiveram-se iguais. Inferimos disso, que a forma como o homem se relacionam com a natureza e com os

demais é, para o grupo, por si só evidente, dispensando assim uma argumentação que buscasse investigar as causas desse comportamento.

Gráfico 04: resultados das entrevistas com o grupo 04



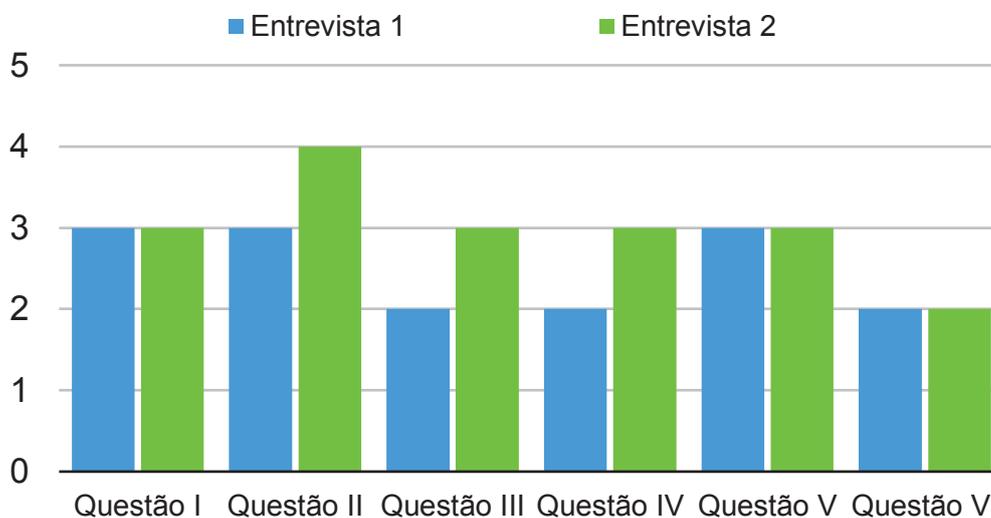
3.4.5 Interpretação dos resultados do grupo 05

Ao analisarmos os resultados do grupo 05, chama-nos atenção a pouca, ou praticamente inexistente, mobilidade entre a primeira e a segunda entrevista. Com exceção das questões II, III e IV, nas quais houve uma variação mínima, todas as demais respostas mantiveram o padrão. Isto revela que a proposta de análise da sociedade trazida por Habermas e o método de aula por nós eleito, despertou baixo interesse no grupo.

Esta mínima variação, nas questões III e IV, fez com que a análise do grupo, sobre estas questões, descolasse-se do senso comum, mas ainda sem conseguir articular conceitos filosóficos. Já na questão II, o grupo apresentou conceitos filosóficos, mas limitou sua análise a eles. Depreendemos disso, que a teoria habermasiana auxiliou o grupo, ao menos minimamente, em análises sobre a

sociedade, sobre as relações e sobre o papel do Estado, enquanto que em análises mais subjetivas, foi simplesmente ignorada.

Gráfico 05: resultados das entrevistas com o grupo 05



3.4.6 Interpretação dos resultados gerais

A fim de mensurarmos o impacto geral da proposta, apresentamos no gráfico 06 uma média aritmética de todos resultados obtidos nas duas entrevistas com os grupos. Diante deles, constatamos a viabilidade das hipóteses por nós levantadas no presente trabalho. A teoria habermasiana, tanto como conteúdo curricular estruturante, quanto teoria que ilumina a práxis educativa mostrou-se uma alternativa promissora ao ensino de filosofia no ensino técnico, entendido como promotor de uma consciência crítica.

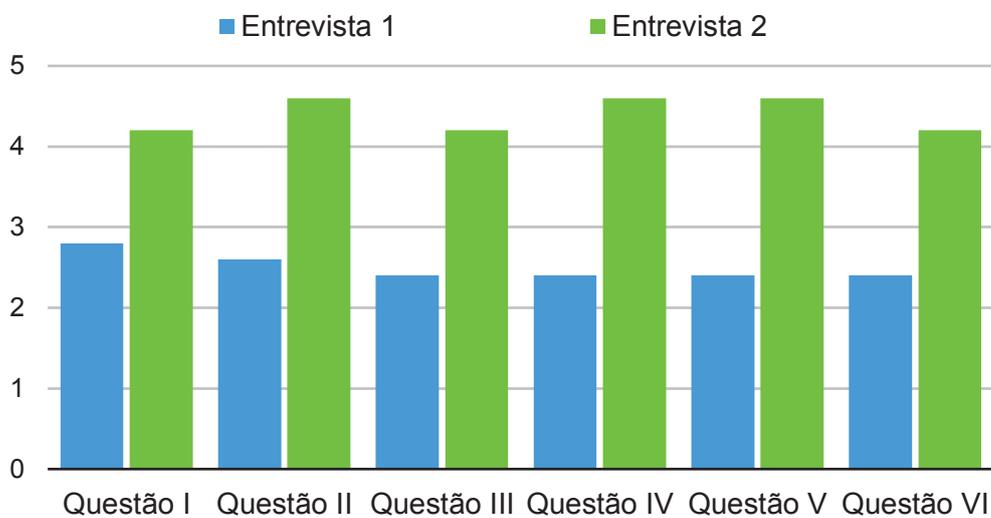
Os dados presentes no gráfico, mormente aqueles obtidos a partir do grupo 05, revelam o contexto real de sala de aula. Nela encontrar-se-ão alunos entusiastas de uma teoria, seja ela filosófica ou pedagógica, bem como aqueles que portam-se de forma indiferente a ela. A unanimidade é utópica. Não obstante, salta-nos aos olhos o aumento exponencial do nível de análise feita pelos grupos, depois da aplicação prática a que nos propusemos. Questões como a IV e a V mostraram um crescimento de quase 100%, saltando, ambas, de 2,4 para 4,6 no espectro conceitual estabelecido.

Um outro fato relevante que podemos perceber ao compararmos os resultados é que a questão I, que nos resultados da primeira entrevista alcançou, em comparação com as demais, o maior resultado, aparece na segunda entrevista com o menor

percentual de variação. Percebemos com isso, que a nossa proposta auxiliou mais as análises mais específicas do que a mais geral sobre a sociedade.

Os resultados aqui obtidos nos permitem longas análises acerca das questões. Por não se tratar especificamente do escopo do nosso trabalho, e sob a pena de nos alongarmos em análises complementares, em detrimento da análise central da nossa pesquisa, recorreremos apenas de forma ilustrativa, às questões a cima destacadas. Mais nos interessa a variação entre a primeira e a segunda entrevista, encarada por nós como principal indicador dos efeitos positivos provocados por nossa proposta.

Gráfico 06: média dos resultados das entrevistas com todos os grupos



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro do universo conceitual habermasiano, o homem nasce em um mundo, de certa forma, já pronto, com uma cultura, padrões de comportamento, formas simbólicas e normas sociais pré-estabelecidas. Entretanto, esta configuração prévia é dinâmica, constitui e é constituída pelo homem, por meio de sucessivas apropriações e reconstruções.

as interações que formam a rede da prática comunicativa cotidiana configuram o meio pelo qual a cultura, a sociedade e a pessoa se reproduzem. E tais processos de reprodução se estendem às estruturas simbólicas do mundo da vida.⁸⁴

O homem é apresentado ao seu contexto simbólico vital, traduzido por Habermas em categorias do Mundo da Vida, no qual se desenvolve. Nele o homem apropria-se da cultura dos antepassados, reconstrói-a, conferindo-lhe elementos próprios, identitários, e a reproduz. Nesta relação vital, percebe-se muito claramente, em suas entrelinhas, o lugar do ensino/aprendizagem na filosofia do autor.

Não obstante, não se pode transpor indistintamente as afirmações acima para o domínio da educação escolar, sem prováveis prejuízos à filosofia habermasiana, uma vez que ele não se referiu explicitamente sobre a escola em seus escritos. Nisto consiste o grande desafio de explorar a dimensão de ensino/aprendizagem na educação escolar, presente na Teoria do Agir Comunicativo. Por outro lado, como não há um caminho já pronto, as possibilidades são múltiplas e promissoras.

A teoria do agir comunicativo, proposta por Habermas, apesar de ser largamente explorada, em suas muitas dimensões, mantém, ainda hoje, a sua vitalidade e pujança. A relação entre tal teoria e a educação, em sentido amplo, ou entre o ensino de filosofia, em sentido estrito, encontra já uma vasta literatura produzida no Brasil. Diante disso, questionamo-nos sobre continuar neste seara, na qual muitos outros pesquisadores e com muito mais monta do que nós, produziram valiosos trabalhos.

Consideramos, porém, que o valor da nossa pesquisa consiste, justamente, na proposta de fornecer, além de uma argumentação teórica que fundamente-a, uma

⁸⁴ HABERMAS, J., *Teoria de La acción comunicativa II: crítica de razón funcionalista*. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003. p. 253.

submissão prática, com a qual nos propomos testar, no chão da sala de aula, os limites e potencialidades da teoria. Através de critérios claros, tão objetivos quanto possível, colocamos à prova a racionalidade comunicativa, enquanto eixo estruturante do currículo, e como norte pedagógico do ensino de filosofia. Evidente que, com isso, não pretendemos encerrar as discursões suscitadas pela teoria, mas oferecer novas perspectivas de abordagem.

A teoria do agir comunicativo critica, dentre outras coisas, a suposta neutralidade, que o conhecimento científico arroga para si. Todo conhecimento, por estar inserido e ser fruto do mundo da vida, tem uma dimensão ética e uma implicação moral. Habermas não rechaça a importância do conhecimento científico, do contrário, reconhece a sua contribuição para a melhoria do bem-estar social. A crítica empreendida por ele dirige-se ao desenvolvimento unilateral da racionalidade cientificista e as implicações sociais que isso pode trazer.

Não se trata de preterir ou desvalorizar o conhecimento técnico-científico, do contrário, Habermas reconhece as contribuições trazidas pelo progresso das ciências. Entretanto, o que está em jogo aqui é evitar que tais conhecimentos sejam alienantes e ideologizantes. Segundo o autor, apenas com o reconhecimento do conhecimento como inserido e como fruto do mundo da vida é possível libertá-lo, em certa medida, das coações sistêmicas.

A escola deve ser, efetivamente, uma esfera pública de acesso ao saber, em que haja espaço para que o aluno, na interação com os seus colegas e com o professor, possa agir e reagir em relação aos dados culturais a que passa a ter acesso, tendo direito a apropriar-se do rigor dos conhecimentos existentes, de expressar sua compreensão e, caso sinta a necessidade, de contradizer as “verdade reveladas”, evitando ser mero consumidor ou receptor dos mesmos.⁸⁵

Em um horizonte pós-metafísico, no qual não há fundamentos últimos, os indivíduos são convidados a reavaliarem dialeticamente as suas certezas, sejam elas advindas da ciência ou do senso comum. Este movimento não é solipsista, como propusera a filosofia da consciência, mas intersubjetivo. Por meio de um diálogo desinteressado e voltado ao entendimento, os indivíduos buscam consensos intersubjetivamente válidos.

Conceber o ambiente escolar a partir deste prisma filosófico confere, inegavelmente, aos alunos uma maior autonomia. Em oposição a um modelo bancário

⁸⁵ MÜHL, E., **Habermas e a educação**: ação pedagógica como agir comunicativo. Passo Fundo: UPF, 2003. pp. 279-280.

de educação, no qual os alunos são vistos como meros receptáculos do conhecimento, aqui eles são protagonistas, pois, junto com os professores, apropriam-se do conhecimento, reexaminando-o, para assim reconstruí-lo em categorias próprias.

Tematizar um conteúdo de saber dentro do processo educativo significa, na perspectiva do agir comunicativo, apresentar pedagogicamente as razões que o tornam um saber válido. É nesse sentido que podemos falar de reconstrução ou de atualização do conhecimento. A escola, dessa forma, deixa de ser o lugar da mera reprodução (repetição, cópia) de conhecimentos, para tornar-se o lugar da sua problematização e da sua apropriação crítica.⁸⁶

Apenas uma ação orientada comunicativamente, que tem seu alicerce no mundo da vida, poderá repolitizar as esferas do conhecimento científico, reexaminando-as crítica e constantemente. Através disso, tornar-se-á possível reacoplar teoria e práxis, conhecimento científico e mundo da vida.

Diante do até aqui exposto e considerando os resultados obtidos em nossa pesquisa, reafirmamos a riqueza que ainda contém a teoria do agir comunicativo proposta por Habermas. Diríamos que uma das grandes contribuições desta teoria para o ensino de filosofia é repropor a filosofia como promotora de emancipação, agora não mais em termos de imperativos categóricos *a priori* kantianos, mas no *a posteriori* da discussão, da intersubjetividade.

Enquanto empreendimento intersubjetivo, a argumentação só é necessária porque é preciso, para a fixação de uma linha de ação coletiva, coordenar as intenções individuais e chegar a uma decisão sobre essa linha de ação. Mas é só quando a decisão resulta da argumentação, isto é, se ela se forma segundo as regras pragmáticas de um Discurso, que a norma decidida pode valer como justificada. Pois é preciso garantir que toda pessoa concernida tenha a chance de dar espontaneamente seu assentimento. A forma de argumentação deve evitar que alguns simplesmente sugiram ou mesmo prescrevam aos outros o que é bom para eles. Ela deve possibilitar, não a imparcialidade do juízo, mas a influenciabilidade ou a autonomia da formação da vontade. Nesta medida, as regras do Discurso têm elas próprias um conteúdo normativo; elas neutralizam o desequilíbrio de poder e cuidam da igualdade de chances de impor os interesses próprios de cada um.⁸⁷

Evidente que há limites nessa teoria. Dada a sua complexidade, exige dos alunos um nível de reflexão e abstração que está além daquele encontrado na maioria

⁸⁶ BOUFLEUER, J. P., **Pedagogia da ação comunicativa**: uma leitura de Habermas. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001. p. 77.

⁸⁷ HABERMAS, J., **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 92.

das salas de aula no Brasil. Mesmo contando com alunos que se submeteram a um rigoroso exame seletivo e a um intenso programa de aulas, ainda assim, alguns dos alunos que participaram da nossa pesquisa não se sentiram motivados, por considerarem o grau de dificuldade da teoria.

Não obstante, o presente trabalho evidencia o forte apelo que uma teoria com tanto engajamento social tem diante dos alunos. Outrossim, desce o projeto de uma formação para a emancipação de uma esteira idealista, colocando-a ao alcance das mãos, através do incentivo ao discurso.

A percepção crítica da sociedade também é fortemente estimulada por esta teoria. Ao denunciar a impossibilidade da neutralidade do conhecimento, o autor chama a atenção para os interesses subjacentes. Nas palavras do próprio Habermas, considerando a relação entre conhecimento e interesse, “um em-si de fatos estruturados segundo leis, encobre a constituição destes fatos e não permite assim que se tome consciência do entretecimento do conhecimento com os interesses do mundo vital”.⁸⁸

Com a presente pesquisa, propomo-nos evidenciar novos caminhos que a teoria do agir comunicativo pode apontar para o ensino de Filosofia. Caminhos exigentes, sobremaneira para o professor a quem é reservada a tarefa, em um primeiro momento, de apresentar os alunos à teoria. Caminhos de emancipação, de diálogo e de integração social, elementos de que a sociedade contemporânea tanto carece.

⁸⁸ HABERMAS, J., **Técnica e Ciência como ideologia**. São Paulo: Unesp, 2014. p. 138.

REFERÊNCIAS

a) Livros

- ARAGÃO, L., **Habermas: filósofo e sociólogo do nosso tempo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- ABBAGNANO, **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ADORNO, Theodor W. **Dialética Negativa**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- BLUMER, H., ***Symbolic Interactionism: Perspective an Method***. Berkeley and Los Angeles: University of California.
- BOUFLEUER, J. P., **Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas**. 3.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- BOUTROUX, É., ***Rôle de L'Histoire de la Philosophie dans L'Étude de la Philosophie***. Comunicação apresentada no Congresso de Genebra, em 1904, Atas publicadas por Claparède. 1905, p. 56, *apud* Gueroult, ***Philosophie de L'Histoire de la Philosophie***, Paris, Aubier, 1979.
- CARR, W.; KEMMIS, S., ***Teoria crítica de la enzenanza***. Barcelona: Martínes Roca, 1988.
- DESCARTES, ***Règles pour la Direction de L'Esprit, in Ouvres***. Paris, Pléiade, 1953.
- FLICK, U., **Introdução à pesquisa qualitativa**. trad. Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GOERGEN, P. L., **A crítica da modernidade e a educação. Pro-posições**, Campinas: Unicamp, v. 7, n. 2, [20], p. 26, jul. 1996 *in* MÜHL, E., **Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- GOLDSCHMIDT, V., ***Remarques sur la méthode structurale en histoire de la philosophie***, in *Écrites*. Paris: Vrin, 1984.
- HABERMAS, J., **Conhecimento e interesse**. trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- _____., **Conhecimento e Interesse** In: Escola de Frankfurt. Os Pensadores, XLVIII. São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- _____., **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

- _____., **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.
- _____., **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____., **Pensamento Pós-metafísico: Estudos Filosóficos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.
- _____., **Técnica e Ciência como ideologia**. São Paulo: Unesp, 2014.
- _____., **Teoria de La acción comunicativa I: racionalidade de La acción y racionalización social**. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003.
- _____., **Teoria de La acción comunicativa II: crítica de razón funcionalista**. 4 ed. Madrid: Taurus, 2003.
- _____., **Teoria e práxis: estudos de filosofia social**. trad. Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- _____., **Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie: Was leistet die Systemforschung?** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1971.
- _____., **Verdade e justificação: ensaios filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HORKHEIMER, Max. **Notizen 1950 bis 1969 und Dämmerung**. Frankfurt am Main: S. Fischer, 1974.
- HORN, M. B. e STAKER, H., **Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.
- KOYRÉ, A, *apud* WOLFF, F., **Peut-on Distinguer ce qu'il y a de Mort et ce qu'il y a de Vivant dans une Philosophie?**. Manuscrito, Campinas, v. VII. n.º 1. 1985, p. 13. *in* MOURA, C. A., **História stultitiae e história sapientiae**. Comunicação apresentada no Colóquio "Filosofia e História da Filosofia: Métodos". organizado pelo Depto. De Filosofia da FFLCH-USP, em outubro de 1986.
- LUNT, P., LIVINGSTONE, S. **Rethinking the Focus Group in Media and Communications Research**. *Journal of Communication*, 46, 1996.
- MALEBRANCHE., **De la Recherche de la Vérité**. Paris: Vrin, 1967. t. I, 1. I, cap. 3, §2 *in* MOURA, C. A., **História stultitiae e história sapientiae**. Comunicação apresentada no Colóquio "Filosofia e História da Filosofia: Métodos". organizado pelo Depto. De Filosofia da FFLCH-USP, em outubro de 1986.
- MALHOTRA, N., **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

- MARCUSE, H., **Industrialisierung und Kapitalismus**. In O. Stammer (Hrsg.), **Max Weber und die Soziologie heute: Verhandlungen des 15. Deutschen Soziologentages in Heidelberg 1964** (S. 161-180). Tübingen: Mohr Siebeck.
- MARCUSE, H., **Der eindimensionale Mensch: Studien zur Ideologie der fortgeschrittenen Industriegesellschaft**. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2004.
- MAYRING, P., **Qualitative Inhaltsanalyse: Grundlagen und Techniken**. Weinheim: Deutscher Studien Verlag, 1983.
- MÜHL, E., **Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo**. Passo Fundo: UPF, 2003.
- NIETZSCHE, F. **Considerações intempestivas**. Trad. Lemos de Azevedo. Lisboa: Editorial Presença.
- NOBRE, M.; REPA, L.(Org.), **Habermas e a Reconstrução: sobre a categoria central da teoria crítica habermasiana**. Campinas: Papyrus, 2012.
- NOVAK, J. D.; GOWIN, D. B., **Aprender a aprender**. 2. ed. Lisboa: Plátano Edições Técnicas. 1999.
- SOUTO, R. P., **Julgamento moral e argumentação: uma abordagem dialógica aos processos do desenvolvimento da moralidade**. Orientador: Profa. Dra. Selma Leitão Santos. 2009. 234 f. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - CFCH Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- PATTON, M. Q. **Qualitative Evaluation and Research Methods**. London: Sage, 2002.
- POSTONE, M. **Time, labor and social domination: a reinterpretation of Marx's critical theory**. Cambridge, 1993.
- WEBER, M. Rejeições religiosas do Mundo: In: **Ensaio de sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

b) Internet

- BARBOSA, E. & MOURA, D., Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica. **Boletim Técnico do Senac**, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013. Disponível em www.senac.br/media/42471/os_boletim_web_4.pdf. Acesso em: 28 de setembro de 2018 às 10:30 horas.

- **Ideé:** *Jürgen Habermas, le défenseur de la modernité.* intervieweur: Pierre-Edouard Deldique. interviewé: Pierre Bouretz. RFI 25 mai. 2018. Disponível em: <https://rfi-idees.lepodcast.fr/jurgen-habermas-le-defenseur-de-la-modernite>. Acesso em: 07 fevereiro. 2019 às 09:10 horas.
- **LexCast §33:** Quem não se comunica se trumbica. Márcio Etiane. 30 out. 2015. Podcast. Disponível em: <https://podcasts.apple.com/qa/podcast/lexcast/id974309462>. Acesso em: 07 fevereiro de 2019 às 09:00 horas.
- MARTONI, Juliano. **Filosofia - Jürgen Habermas - Oficina do Estudante.** 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VV79_kiAfJo. Acesso em: 07 de fevereiro de 2019 às 09:32 horas.
- **Mere Rhetoric:** *Habermas and the public sphere.* interviewer: Mary Hedengren. interviewed: Laura Thain. 24 set. 2016. Podcast. Disponível em: <https://player.fm/series/mere-rhetoric/habermas-and-the-public-sphere-new-and-improved-Agaoh0v97pKWWCRF>. Acesso em: 07 fevereiro de 2019 às 09:30 horas.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, **Base Nacional Comum Curricular**, n. 6. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>. Acesso em: 26 de setembro de 2018 às 08:03 horas.
- MORAN, J. M., Mudando a educação com metodologias ativas. In **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens.** Coleção Mídias Contemporâneas. 2015 Disponível em http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 06 de outubro de 2018 às 20:00 horas.
- SILVA, Franklin Leopoldo., **HISTÓRIA DA FILOSOFIA: CENTRO OU REFERENCIAL?** Disponível em: <https://filosofiapidufabc.files.wordpress.com/2011/09/f-l-silva-historia-da-filosofia-centro-ou-referencial.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2019 às 13:30 horas.

APÊNDICE

Roteiro para o encontro com os grupos

O século XXI é notadamente marcado por um ritmo frenético de progresso técnico-científico. Assistimos diariamente às demonstrações do poderio humano. Aquilo que há 50 anos fora considerado o maior feito da humanidade, a saber: a chegada à lua, hoje, graças aos avanços da ciência, é visto por nós quase como trivial. Recentemente conseguimos imagens de um buraco negro que está a uma distância de 50 milhões de anos-luz da Terra. Tudo isso parece apontar para a ausência de fronteiras para o gênio humano. Avançamos não somente em direção ao macro, mas também ao micro. Microbiologia, mapeamento e manipulação genética são amostras disso. O homem tem cada vez mais controle sobre aquilo que o cerca. Mas, como em tudo, há um outro lado. Contrasta com os surpreendentes avanços tecnológico um avanço ainda maior da miséria, que traz consigo privações do essencial à sobrevivência. Enquanto avanços científicos, dada a sua magnitude, chegam a nos maravilhar, avança também aterradoramente a pobreza. Esse é um paradoxo que parece caracterizar os tempos atuais.

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

ANEXO 01

O discurso filosófico da modernidade, página 293, de Jürgen Habermas:

Chamamos “racionalidade” em primeiro lugar à disposição por parte do sujeito falante e atuante de adquirir e utilizar um saber falível. Enquanto os conceitos básicos da filosofia da consciência [a filosofia moderna] impuserem que se compreenda o saber, exclusivamente como saber de algo no mundo objetivo, a racionalidade limita-se ao modo como o sujeito isolado se orienta em função dos conteúdos das suas representações e dos seus enunciados. A razão centrada no sujeito encontra os seus (critérios em) padrões de verdade e sucesso que regulam as relações do sujeito que conhece e age com o mundo dos objetos possíveis ou dos estados de coisas. Quando, pelo contrário, entendemos o saber como transmitido de forma comunicacional encontra os seus critérios no procedimento argumentativo da normativa, veracidade subjetiva e coerência estética. O que se pode provar na interdependência das várias formas da argumentação é portanto o conceito processual da racionalidade que, por motivo da inclusão do moralmente prático assim como do esteticamente-expressivo, é mais rica que a racionalidade teleológica talhada à medida cognitivo-instrumental. [...] Esta racionalidade comunicacional faz lembrar as antigas representações do logos na medida em que comporta as conotações da força não coercivamente unificadora, geradora de consenso, de um discurso cujos participantes ultrapassam as suas opiniões a princípio limitadas subjetivamente a favor de um acordo racionalmente motivado.

Técnica e ciência como ideologia, de Habermas, páginas 77; 80; 81. Nele é, também, contemplada a visão de Herbert Marcuse sobre o tema:

Pode ser que o próprio conceito de razão técnica seja ideologia. Não somente em sua forma de utilização, mas pense mesmo, a técnica é dominação sobre natureza e sobre o homem: uma dominação metódica, científica, calculada e calculadora. Finalidades e interesses determinados da dominação não são introduzindo à técnica apenas “adicionalmente” e a partir de fora - eles já entram na construção do próprio aparato técnico; a técnica é em cada um dos seus casos um projeto histórico-social; nela é projetado o que uma sociedade e os interesses nela dominantes tencionam fazer com os homens e com as coisas. Uma finalidade da dominação é “material” e,

nesse sentido, pertence à forma mesma da razão técnica⁸⁹. [...] O método científico, que conduziu a uma dominação cada vez mais eficiente da natureza, passa também a fornecer tanto os conceitos puros como os instrumentos para a dominação cada vez mais eficiente dos homens sobre os homens *por meio* da dominação da natureza [...] Hoje se perpetua e se amplia a dominação não apenas através da tecnologia, mas *pela* tecnologia, fornecendo uma sólida legitimação ao poder político em expansão⁹⁰. Marcuse é o único a fazer que o “conteúdo político da razão técnica” seja tomado como ponto de partida analítico de uma teoria social do capitalismo tardio.

Teoria e Práxis, Habermas, páginas 523; 538-539:

[...] ciência, técnica, exército e administração são hoje elementos que se estabilizam reciprocamente e cuja interdependência vem aumentando. A produção de saber tecnicamente utilizável, o desenvolvimento da técnica, uma utilização industrial militar das técnicas e uma administração que abrange todas as esferas sociais, sendo privadas ou públicas, confluem, tal como parece, em um sistema expansivo, estável e duradouro diante do qual a liberdade subjetiva e o estabelecimento autônomo de fins são diminuídos a ponto de perderem significado. [...] esse desafio da técnica não pode ser enfrentado apenas pelo intermédio da técnica. É preciso antes colocar em marcha uma discussão politicamente eficaz que relacione de modo racionalmente vinculante o potencial social do saber e do poder técnicos com nosso saber e querer práticos [...]. Essa dialética entre poder e querer realiza-se hoje de maneira irrefletida, segundo critérios de interesses para os quais uma justificação pública não é exigida e nem permitida. Apenas se quisermos assumir essa dialética com consciência política poderíamos colocar sob nosso governo uma mediação, que agora se impôs apenas do ponto de vista da história natural, do programa técnico com a práxis de vida social. Visto que isso é tarefa da reflexão, mais uma vez tal mediação está sob a competência de especialistas [...]. A irracionalidade da dominação, que hoje se tornou um perigo coletivo para a vida de todos, pode ser dominada somente em virtude de uma formação política da vontade vinculada ao princípio da discussão universal livre de

⁸⁹ MARCUSE, H., *Industrialisierung und Kapitalismus*. In O. Stammer (Hrsg.), *Max Weber und die Soziologie heute: Verhandlungen des 15. Deutschen Soziologentages in Heidelberg 1964* (S. 161-180). Tübingen: Mohr Siebeck.

⁹⁰ MARCUSE, H. *Der eindimensionale Mensch: Studien zur Ideologie der fortgeschrittenen Industriegesellschaft*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2004. p. 172 et seq.

coerção. Só podemos esperar uma racionalização da dominação a partir de relações que promovam o poder político de um pensamento comprometido com diálogo. A força libertadora da reflexão não pode ser substituída e tecnicamente utilizável.

ANEXO 02

Reações do grupo 01 à primeira entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. A evolução científica mostra-se muitas vezes como instrumento que auxilia o desenvolvimento humano. Como exemplo disso podemos destacar a técnica na produção de alimentos, isto ajuda a otimizar o sistema de produção e a reduzir o custo do processo, disponibilizando mais alimentos a um preço competitivo no mercado. Outro aspecto que podemos destacar é o avanço nas ciências como a psicologia, que auxilia a sociedade a lidar melhor com seus problemas. A ciência esta preocupada em oferecer às pessoas uma vida melhor. Mas um aspecto relevante que revela um outro lado é o interesse, nenhuma empresa grande tem o interesse em oferecer meios para retirar pessoas da pobreza. Associar o desenvolvimento científico com o desenvolvimento humano confere aos cientistas sempre a última palavra, são as instância da verdade ou da falsidade. As justificativas de um argumento são sempre baseadas em uma pesquisa científica, que muitas vezes são falaciosas, como por exemplo, em um determinado momento uma dada substancia é vista saudável pelos cientistas e tempos depois descobrem que é cancerígena. Assim torna-se mais fácil de manipular a grande massa, que confia muito na ciência e para de duvidar das coisas.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. Essa forma de ver o mundo privilegia a formação técnica em detrimento do conhecimento prático, advindo das experiências do cotidiano, o que acaba excluindo e criando uma pequena elite de intelectuais. Como consequência disso, os que não fazem parte dessa elite são tratados como um peso que temos que alimentar.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. A relação do homem com os outros privilegia sempre a obtenção de benefícios. O homem encara, cada vez mais a natureza como uma ferramenta. Parece que tudo tem que ser útil, servir para alguma coisa. Isso não começou hoje, percebemos essa relação de exploração mais intensa desde a revolução industrial. Atualmente percebemos uma maior preocupação em buscar-se meios alternativos para diminuir nosso impacto sobre o mundo. Isso ocorre devido, em grande parte, aos prognósticos que temos de como será o futuro se continuarmos nesse ritmo de destruição da natureza.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. Os países mais desenvolvidos priorizam mais o bem-estar da sua população, porque pessoas mais felizes, produzem mais. O Estado deveria ter um papel de mediador e colocar o desenvolvimento tecnológico a favor das pessoas, mas acaba favorecendo apenas aqueles que já estão dentro de uma formação e contexto tecnológico. As intervenções do Estado deveriam ser em favor dos que tem menos acesso às tecnologias.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. A filosofia enquanto disciplina escolar, é a mais importante que existe, pois foi ela que fundamentou todas as outras. Apesar disso, o forma como a filosofia é ensinada hoje acaba ofuscando muito daquilo que ela tem a oferecer. Por exemplo, a teoria do conhecimento, auxilia os alunos a sintetizarem um pensamento, a organizar um argumento, isto é importantíssimo. Mas infelizmente o modo como é apresentado, privilegiando a história da filosofia, como este ou aquele filósofo via este aspecto, e não nos ajudando a refazer o movimento que eles fizeram, dificulta a valorização da mesma. A história da filosofia é tão grande que é impossível vê-la toda no ensino médio, por isso achamos que é mais importante ensinar a fazer filosofia do que a história dela. Sabemos também da necessidade dos conteúdos para o vestibular, mas isso é pequeno se comparado com a importância que ela tem. Além disso, têm-se poucas aulas de filosofia, dada a sua importância elas deveriam começar desde o ensino fundamental II e não apenas do ensino médio. Além de ajudar a organizar o pensamento melhor, ajuda também a interagir mais com as outras matérias. Essas por sua vez, deveriam aprender da filosofia e saírem do modelo de reprodução de conteúdo, o que leva os alunos apenas a decorarem os assuntos, e estimularem a reflexão e o senso crítico, “por que estudamos isso dessa forma?” O ensino de filosofia

no ensino técnico é como uma janela que nos possibilita olhar o mundo, passamos horas pensando em números, em circuitos, sistemas binários. Ajuda ainda a olhar mais para si, o ensino aqui privilegia a formação de um bom técnico, de um bom profissional e não de uma boa pessoa.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. O ensino de filosofia no ensino médio, apesar de ser básico, deixa marcas para a toda vida. Deixa essa inquietação de não se contentar com as primeiras respostas, de continuar sempre investigando, estudando. Ajuda também na relação com as pessoas, não diretamente na parte do trabalho em si, mas na parte dos princípios.

Reações do grupo 02 à primeira entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. O progresso científico quando concebido como sinônimo do progresso humano causa exclusão social, privilegiando uma minoria que tem acesso à tecnologia, enquanto técnicos, e a grande massa da população que são apenas, quando muito, mero consumidores. Neste contexto, as pesquisas científicas tendem a ficarem cada vez mais desconexa com a realidade, tendo repercussões apenas no meio técnico. É claro que é importante pesquisas sem nenhuma relação imediata com melhorias sociais, como é o caso recente da foto do buraco negro, mas elas não devem ser priorizadas em detrimento de outras que trariam contribuições sociais mais rápido. A tecnologia tem um potencial muito grande, e acreditamos que o desenvolvimento técnico no futuro auxiliará a acabar com a miséria. Basta compararmos os países mais desenvolvidos com os menos, nos mais desenvolvidos tecnologicamente as pessoas que estão na camada mais pobre da população têm melhores condições de vida que muitas que estão na classe média de países não desenvolvidos. A ascensão social será, num futuro próximo, possibilitada pela tecnologia.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. Na sociedade existem pessoas que têm a possibilidade de ocuparem-se do desenvolvimento técnico, e outras que concentram-se na dimensão social. Aquelas

podem dedicar-se ao progresso científico, sem nenhum compromisso social, pois este outro grupo se encarregaria disso. Grande parte da população está alheia ao mundo da ciência, preocupam-se com as necessidades básicas. O status que a ciência alcançou hoje, desperta o interesse de cada vez mais pessoas sobre a técnica. Com isso, cada vez menos pessoas ocupam-se do aspecto social, e como consequência a desigualdade aumenta.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. Neste contexto o homem trata a natureza apenas como matéria-prima, apesar de percebermos o surgimento, ainda tímido, de uma consciência voltada para a sustentabilidade. A necessidade de conservação da natureza é óbvia, sem natureza não viveremos. O nosso interesse em preservar a natureza deve-se ao fato de precisarmos dela, preservamos porque queremos sobreviver, e não conservá-la por sua beleza natural. A motivação econômica foi a grande responsável pela exploração predatória da natureza.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. O papel do Estado é justamente de dar atenção aos problemas sociais, enquanto as pessoas ocupam-se dos seus interesses. Infelizmente as pessoas responsáveis pela administração pública governam de acordo com os seus próprios interesses, e não de acordo com a missão do Estado.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. Normalmente o ensino de filosofia é destinado à transmissão de conteúdo, para aprovar os alunos no vestibular. Uma realidade bastante diferente é a que vivemos aqui, nas aulas somos estimulados, através de discussões, a organizarmos melhor nosso pensamento, e nos questionarmos pelos porquês das coisas. Assim a filosofia tem mais sentido, porque não é mais uma matéria como as outras, que temos que decorar conteúdos, e depois facilmente esquecemos, mas aprendemos a articular esses conteúdos com a vida.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. Ter o contato com a filosofia na escola nos ajuda a pensar por nós mesmos, ir além do senso comum. Isso nos auxiliará também no ambiente de trabalho, a perceber que o trabalho por si só não é toda nossa vida, e que ele pode ser uma ferramenta para fazermos a diferença na sociedade. Auxilia ainda a percebermos que em muitas

vezes desempenhamos um papel de objeto e somos conduzidos sem percebemos pela sociedade.

Reações do grupo 03 à primeira entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. O progresso tecnológico é uma parte daquilo que entendemos por progresso humano. Existem outras dimensões da vida humana que a tecnologia não engloba. A relação entre ciência e sociedade não exclui a possibilidade de um desenvolvimento científico por si só. Em outras palavras, é possível fazer ciência apenas pela ciência sem uma relação direta com contribuições para a vida em sociedade. A pesquisa científica não deve ter necessariamente uma utilidade social, mas deve sempre estar aberta a ajudar o desenvolvimento da sociedade. Talvez possamos tratar de forma diferente aquilo que entendemos por progresso científico, no lugar de poucas pessoas sabendo muito, oferecer, ao menos, o mínimo de instrução à maioria. Dessa forma o conhecimento científico estaria mais alinhado ao desenvolvimento humano, pois, cidadãos mais instruídos, são mais capazes de tomar decisões que beneficiariam mais a toda a sociedade. Isto não eliminaria os especialistas, porque são indispensáveis para novas descobertas, mas daria maior possibilidade de mais pessoas participarem ativamente na sociedade.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. Quando se associa o progresso tecnológico com o progresso humano pode-se gerar uma crença na ciência que leva as pessoas a dizerem; “se eu deixar, o mundo vai se consertar sozinho, não preciso me comprometer, os robôs vão fazer isso, as pessoas vão sair da pobreza em um passe de mágica, graças a alguma solução tecnológica mirabolante”. As pessoas simplesmente perdem a motivação de tentar melhorar o que está em volta. Pensar dessa forma leva à apatia social, cada um vive por si mesmo, ignorando completamente o outro. Agem dessa forma por se verem como incapazes de darem uma contribuição significativa para o progresso tecnológico, e por isso creem que estão isentas da responsabilidade de ajudar de

outra forma, julgam que essa é uma função dos técnicos. O que seria desenvolvimento humano, a capacidade do homem controlar o ambiente? A capacidade do homem de levar uma vida confortável? As respostas à essas perguntas vai dizer muito do nosso comportamento em sociedade. Nós aprendemos que desenvolvimento humano esta muito associado com o desenvolvimento tecnológico, nas aulas de história por exemplo, sempre aparece a mudança de um ciclo pra outro associada ao domínio de uma nova tecnologia, dominar o fogo, dominar os animais, a energia à combustão, a energia elétrica e daí por diante. Percebemos ainda na história que aquele que é mais desenvolvido tecnologicamente é superior, é melhor.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. As relações humanas e com a natureza são econômicas, um exemplo recente disso está na tragédia acontecida em Brumadinho. A empresa Vale, explorou a natureza até as ultimas consequências importando-se apenas com o dinheiro que ganharia dessa relação. Atualmente tem-se a visão de sacrifício de outras esferas em prol do progresso científico. Uma concepção mais próxima do ideal seria o progresso nas outras esferas, apoiando o científico. Pois, se você tiver uma sociedade bem estruturada, o desenvolvimento científico virá com maior facilidade, ele não precisaria sacrificar outros aspectos.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. Pensando no Estado como uma entidade responsável por mediar o interesse de todos os membros da sociedade, ele deveria equilibrar as atenções entre o progresso tecnológico e social. Muitas vezes por interesses financeiros os administradores estatais sacrificam todas as esferas em prol do desenvolvimento técnico científico, que tem atrelado a si um grande poder econômico. Uma das formas de manter esse padrão de ação é impedindo o acesso de informações da população.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. O ensino de filosofia, através das discursões filosóficas ao longo da historia, nos ajuda a ter uma visão mais crítica em relação à sociedade, nos ajuda a entender como é a relação entre progresso técnico e progresso humano, e como deveria ser. Mas ensinar filosofia não deve ser apenas transmissão de conteúdo, decorar citações, filósofos e fatos históricos, sobretudo em um ambiente mais técnico como o nosso, no qual somos formados para aprender e reproduzir. Deve privilegiar a discussão em

sala, nos estimular a pensar o porquê das coisas. Perguntas do tipo, quem foi Sócrates? Onde ele nasceu? Não são filosofia, dizem respeito à biografia dele. É muito mais interessante uma filosofia que nos ajude a ter um olhar mais crítico, que nos desestabilize, como é o caso do livro que estamos trabalhando agora: Dialética do Esclarecimento, do que uma que privilegie perguntas no formato, quem disse o que? No lugar de termos aulas de filosofia, temos aula de história de filosofia. É uma disciplina tão importante que não se deveria cobrar nota, deveria ser baseada em discursões livres em sala. Como uma matéria para estimular o nosso pensamento crítico, não deveria assemelhar-se às outras.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. Graças as aulas de filosofia, conseguiremos como profissionais ter diversas visões sobre determinadas coisas. Por exemplo, como desenvolvedores de novos produtos teremos uma capacidade maior de pensar nas necessidades das pessoas que utilizarão esse produto, nas diversas situações que ele pode ser aplicado. A filosofia ajudaria nesse caso, a desenvolver produtos para de fato uma pessoa, e não para uma caricatura dela criada pelo mercado, totalmente impessoal. Nos ajuda a refletir sobre as implicações éticas do nosso trabalho.

Reações do grupo 04 à primeira entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. Atualmente é cada vez mais comum associar o progresso científico com o progresso de uma sociedade como um todo. Mas basta um rápido olhar em direção à história para percebermos que o progresso técnico foi conquistado, muitas vezes, às custas da exploração humana, principalmente por meio do trabalho. Essa relação de exploração fica clara no cenário da revolução industrial. Trabalhamos recentemente em sala de aula, na disciplina de português, um texto de Roniwalter Jatobá chamado “A mão esquerda”. Esse texto, em linhas gerais, fala de um homem que vê o seu trabalho como garantidor de sentido para a sua existência. Ao manusear uma máquina sofre um acidente, que o leva a perder todos os dedos da mão esquerda. Ele atribui à sua incompetência de manuseio da prensa a causa do acidente. Essa analogia revela o nosso condicionamento a pensar que as pessoas valem menos que o desenvolvimento tecnológico. Muitas vezes nos iludimos ao pensarmos que

desenvolver novas tecnologias ajudará a combater problemas sociais. Em que medida essas essas novas tecnologias alcançam a população? Uma pequena parcela tem acesso às inovações, enquanto a grande massa é privada dela. Utiliza-se recursos captados de toda a população para progressos que beneficiarão uma pequena parcela.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. A sociedade ocidental orienta seus interesses prioritariamente para o desenvolvimento de novas tecnologias, enquanto despreza o desenvolvimento humano. Neste contexto, apenas as pessoas que possam oferecer algum tipo de contribuição técnica terão espaço na sociedade, enquanto boa parte da população serão deixadas de lado, em prol desse desenvolvimento tecnológico.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. A priorização do desenvolvimento técnico em detrimento do progresso humano repercute nas relações do homem com a natureza e com os demais. Trata a natureza como um reservatório de recursos, de onde tira predatoriamente matéria-prima, enquanto ver nos demais objetos para exploração. Por mais que atualmente percebamos um despertar de uma consciência ecológica, diante da escassez de recursos, isso é ainda é parcial e excludente. Enquanto países desenvolvidos adotam medidas ecologicamente sustentáveis para si, continuam explorando os recursos e as pessoas de países mais pobres. Desenvolvem-se à custa da exploração dos empobrecidos. A proliferação da visão do outro como meu concorrente, como aquele que eu precisarei disputar uma vaga no mercado de trabalho, torna-nos apáticos e insensíveis para a realidade dos outros.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. O Estado, que é a instituição responsável por diminuir as diferenças sociais, acaba seguindo interesses individuais, corroborando essa visão tecnicista de mundo. Os administradores estatais ao longo das suas campanhas são, muitas vezes, patrocinados por grandes empresas, e quando assumem o poder, governam afim de resguardar os interesses daqueles que os colocaram lá. Dizendo isso, não pretendemos afirmar que investir no desenvolvimento tecnológico é algo ruim, pelo

contrário, a tecnologia tem um grande potencial para amenizar as desigualdades sociais. Através de um investimento global no desenvolvimento tecnológico, poderia-se diminuir e muito a nova forma de colonização⁹¹ que as nações ricas exercem, apenas elas detêm o conhecimento técnico, enquanto usam dos países mais pobres para o rápido desenvolvimento delas mesmas.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. O ensino de filosofia tem um papel importante nesse contexto, a partir da filosofia as pessoas podem perceber a relação de dominação exercida sobre pela supervalorização do conhecimento técnico sobre elas. Veriam que essa relação não é tão natural quanto o senso comum sugere. Infelizmente o ensino de filosofia é precário, e quando muito é ofertado apenas com o interesse de aprovação no vestibular. Essa consciência tecnicista faz com que o senso comum menospreze como supérfluas disciplinas como a filosofia, que provocam nos alunos um senso crítico, e possibilitam a eles uma melhor análise da sociedade.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. Na vida profissional a filosofia nos ajudará a ter um olhar mais crítico sobre as relações de trabalho, percebermos se estamos sendo explorados. Também nos ajuda a ter um maior critério sobre que empresas trabalhar, a não se submeter irrefletidamente a essa forma de pensar que privilegia o lucro a cima das pessoas. Não só no trabalho em si, mas na convivência com as pessoas, deixa a nossa percepção sobre o que esta acontecendo a nossa volta mais acurada, e assim podemos mudá-la.

Reações do grupo 05 à primeira entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. Depois da Revolução Industrial concentramos as nossas atenções no progresso técnico, ignorando outros aspectos como o progresso moral. Isso ocorre em consequência dos produtos técnicos, eles são resultados mais imediatos que chegam

⁹¹ A influência e controle que as nações que detêm um maior nível de conhecimento técnico, exerce sobre as mais pobres é uma nova forma de colonizá-las, de uma maneira mais sutil e eficaz.

à sociedade e dão uma sensação de avanço, tornam a vida mais cômoda, mais confortável. Falar em progresso tecnológico como progresso humano é tão natural, que quando se pretende medir o quão desenvolvida é uma sociedade, mede-se o quanto ela investe em pesquisa científica. Ressaltando o lado positivo deste progresso, poderíamos elencar o desenvolvimento agrícola. A tecnologia aparece aí como uma aliada, que ajuda a produzir mais em um menor espaço de terra e de tempo. Um outro lado do desenvolvimento da tecnologia que influencia os seus rumos é a sua relação com o Estado. Este é o grande patrocinador da ciência, mas direciona as pesquisas científicas para o desenvolvimento militar. Isto aconteceu desde sempre, desenvolvimentos de vacinas, desenvolvimento de mecanismos sofisticados de comunicação ou de localização foram desenvolvidos ou aprimorados em épocas de guerra. Um exemplo disso é o desenvolvimento e uso da internet pelo exército norte-americano.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. A sociedade organizada dessa forma acaba ignorando o desenvolvimento do sujeito, em benefício do desenvolvimento tecnológico como um todo. Isto dá a impressão que não é considerada a identidade da pessoa em si. Por outro lado, historicamente falando, graças ao progresso tecnológico o homem conseguiu ter mais tempo para dedicar-se à filosofia, por exemplo. Com menos tempo tendo que mudar-se de um lugar para outro, com menos tempo destinado para a caça, o homem pôde olhar para o céu e questionar-se sobre as origens, e ainda desenvolver normas morais e éticas. Sem a tecnologia, nada disso seria possível. Privilegiar apenas as máquinas acaba nos alienando enquanto pessoas, não nos importamos mais com o que está ao nosso redor, nem conosco mesmos. A lógica do consumismo é um agravante para isso, nos preocupamos cada vez mais em ter aparelhos de última geração, associando a nossa felicidade a eles, do que com os demais.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. A medida que o nosso conhecimento científico aumenta, cresce proporcionalmente o nosso poder sobre a natureza e sobre outros homens. Utiliza-se este conhecimento técnico como forma de impor-se sobre os outros e sobre a

natureza, como forma de dominação. Este uso técnico do conhecimento entra também nos aspectos morais. Nos ocupamos em fazer regras e normas morais, as pessoas não nos interessam mais⁹². Temos cada vez mais leis para punir os crimes, nos dedicamos a aprimorá-las, mas não nos importamos sobre o motivo que leva uma pessoa a cometer um crime. Simplesmente dizemos, a pessoa fez isso porque quis, mas ignoramos que tem um contexto por trás que pode ter influenciado essa ação. A tecnologia, quando entendida dessa forma⁹³, aumenta as diferenças sociais. Enquanto alguns poucos usufruem dos seus benefícios, muitos estão completamente afastados dela. Este grupo de pessoas ocupa-se em sobreviver, consomem tecnologia quando esta já está defasada, o que aumenta cada vez mais para as diferenças sociais, dando a impressão de que nunca se pode chegar do outro lado.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. O Estado quando prioriza o progresso técnico, que dá acesso apenas a uma pequena parcela da população, contribui para a exclusão social. A função do Estado é a de regularizar, esforçar-se para amenizar ao máximo as desigualdades. Mas o que acontece com frequência é uma continuação da política do Pão e Circo, o Estado oferece o mínimo à grande maioria da população para que não se rebelem, e assim, continuem a política de controle indireto. Cria-se a ilusão de que os mais pobres estão incluídos na sociedade, mas ao mesmo tempo, eles não têm acesso aos mesmos serviços, ou os serviços com a mesma qualidade, quando comparado com os que têm mais dinheiro.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. A filosofia tem um papel decisivo para ajudar as pessoas a tornarem-se conscientes dessa relação, mas como ela é ensinada hoje, impossibilita que isso aconteça. Por exemplo, normalmente nas aulas nos deparamos com os textos filosóficos, mas de tão complexos acabam não conseguindo se comunicar conosco, e criamos uma certa barreira. Além disso, tem a grande diferença de qualidade de ensino, para os mais pobres é oferecido um ensino muito inferior, e, com um ensino de filosofia precário, não conseguirão ter uma olhar crítico sobre aquilo que o Estado faz com eles. Diante disso, muitas pessoas acabam tendo medo da filosofia, por não

⁹² O conhecimento técnico atinge um nível tão grande de abstração que acabamos por ignorar as pessoas envolvidas.

⁹³ Entendida enquanto forma de dominação.

conhecerem, e por ouvirem que é uma disciplina, na qual os professores vão colocar ideias prontas na sua cabeça. O que falta é, entender a filosofia não só como mais uma matéria, Na qual tem-se a obrigação de reproduzir aquilo que os filósofos falaram, mas associá-la com a nossa vida cotidiana, principalmente no ensino técnico, no qual somos ensinados a reproduzir o conhecimento.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. A filosofia que aprendemos no ensino médio nos ajudará enquanto profissionais de várias formas. Desde buscarmos respostas para problemas, onde ninguém busca, onde não se é convencional, até o fato de refletirmos sobre as relações de trabalho e as relações com os nossos colegas no trabalho. Podemos ainda ajudar outras pessoas, que não tiveram acesso à filosofia, a desenvolverem um senso crítico.

Reações do grupo 01 à segunda entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. Para as pesquisas que se destinam a medir o avanço da expectativa de vida, a associação do progresso humano com o técnico é inevitável. Poderíamos observar hoje um crescimento exponencial, quando comparado com tempos passados. Mas, todo esse desenvolvimento é parcial, a maior parte da população não tem acesso a ele e vive em condições até piores do que viviam antes. Olhando em termos de racionalidade instrumental e comunicativa, parece que uma está cada vez mais distante da outra. As esferas de poder são dominadas cada vez mais pela racionalidade instrumental, aumentando cada vez mais seu potencial de produção e, conseqüente, os lucros. Dessa forma, os que estão na parte de cima dessa pirâmide social tendem a crescer cada vez mais, enquanto os que estão embaixo, ficam estagnados, que significa, nesse contexto, descer. Este tipo de ação leva aqueles que detêm o poder, a pensarem cada vez mais em aumentar esse poder, tornando-os cegos para as necessidades da grande maioria. O que importa é conquistar o máximo possível, nem que seja às custas dos menos favorecidos. Por mais que hajam projetos que beneficiem indiretamente a população como um todo, eles são desenvolvidos dentro dessa lógica do interesse daqueles que comandam o desenvolvimento técnico para manterem-se no poder. O que deve ser feito é uma valorização da racionalidade

comunicativa, a fim de aliar o desenvolvimento técnico com a necessidade da sociedade. Este alinhamento só é possível através de uma comunidade voltada ao diálogo e ao entendimento.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. Sociedades organizadas assim privilegiam a racionalidade instrumental, no lugar da comunicativa. Pauta seus interesses segundo a lógica do mercado, ignorando as necessidades sociais. Um exemplo de uma sociedade extremamente tecnicista é a japonesa. Vemos hoje lá um enorme avanço técnico, mas muitas consequências sociais. O número de idosos é praticamente superior ao número de jovens, o número de suicídios cresce exponencialmente, os quadros de depressão também crescem. Isto acontece graças a uma supervalorização de uma racionalidade instrumental que colocam as pessoas como meio para atingir um fim determinado. Com isso queremos mostrar que quando nos centramos muito nos problemas técnicos, esquecemos dos problemas sociais. Um outro exemplo mais próximo, quantos de nós, por estarmos exclusivamente centrados nos estudos, ignoramos os moradores de rua, como se não existissem. Estamos concentrados naquilo que consideramos importante, continuar com o desenvolvimento técnico, e com isso, menosprezamos os moradores de rua. Para este tipo de sociedade, aqueles que não cooperam com o desenvolvimento técnico são como um estorvo, não estão apenas à margem, mas atrapalham o progresso.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. Neste contexto vemos o meio ambiente como matéria-prima a ser explorada. Inclusive movimentos que surgem para salvar a natureza estão dentro dessa lógica. Dizem: é preciso salvar a natureza, ou não conseguiremos produzir mais. O homem age assim porque olha para um mundo com um olhar de utilidade, alguma coisa, ou alguma pessoa ser para isso ou aquilo. Diferente dos índios que se sentem como parte integrante da natureza, nós nos vemos como superior a ela. Isso não é utilitarismo, pois esse visava tirar o melhor bem com o menor sacrifício, tinha uma concepção mais global, essa forma de pensar é fruto de uma racionalidade que coloca o sujeito enquanto centro, o sujeito sozinho, independente da sociedade.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. O Estado pauta suas ações para o desenvolvimento técnico. O Estado tornou-se um arrecadador de dinheiro, e para tanto trata os cidadãos como meio, meros contribuintes. Como uma pequena elite, que é a detentora da maior parte do dinheiro, financia o Estado, as ações dele será em prol dela, porque assim conseguirá estabilizar-se. O pouco que ele faz aos mais pobres é o mínimo necessário para evitar protestos e manter a grande massa controlada. Existem muitos programas de assistência social que não pretendem integrar os mais pobres na sociedade e dar a eles condições de vida melhores, dá-se apenas o mínimo possível para que ele se sinta grato ao governo, mas que o impossibilite de ter uma autonomia de vontade maior. A priorização da esfera técnica não é a toa, quanto mais as pessoas agem segundo a racionalidade instrumental, mais as dimensões políticas e sociais passam despercebidas, a essas pessoas é mais fácil de manipular, pois falta-lhes o senso crítico.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. A filosofia pode ajudar dando nome as coisas. A mera explicitação daquilo que é ideologia já faria com que alguns refletissem com mais atenção sobre até que ponto a relação do Estado com ela esta sendo uma ideologia e manipulando-a. A filosofia teria uma função de auxiliar-nos a interpretar o mundo no qual vivemos. O que importa não é estabelecer um consenso, uma verdade universalmente válida, mas estarmos sempre investigando criticamente através do diálogo os conceitos que são impostos a nós. O que isso implica para nós enquanto indivíduos, e o que isso implica para nós enquanto sociedade, são perguntas que a filosofia nos ajudar a fazer e nos conduz nas muitas possibilidades de respostas. A filosofia não deve apontar para nós o que é certo ou errado, mas nos ajudar a entender reflexivamente os muitos lados que uma coisa pode ter. Por exemplo, a racionalidade instrumental não é 100% má, ela tem muitas potencialidades boas, mas vivemos hoje como que uma intoxicação da razão técnica, consideramos-a exclusivamente e por isso surgem os efeitos negativos. Quando associarmos a técnica com a racionalidade comunicativa conseguiremos produzir desenvolvimento real para as pessoas.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. A filosofia nos ajuda sobretudo no nosso relacionamento com os outros. Considerando a racionalidade comunicativa que Habermas fala, podemos dialogar

com as pessoas respeitando seus pontos de vistas e opiniões, tentando estabelecer um diálogo saudável que chegue em consenso bom para o nosso trabalho. Aqui não é simplesmente aceitar que cada um tem a sua opinião e deve ficar com ela, isolando todo mundo em uma bolha. Não é assim, você deve debater, não para convencer o outro, mas para chegar junto com o outro em um argumento que seja capaz de justificar a si mesmo. Para nós, que pretendemos trabalhar na área técnica nos ajuda a não concentrar toda a nossa vida nessa dimensão, sendo com isso fáceis massas de manobra. Também nos ajudaria com o conhecimento sobre a ética. Poderíamos medir se uma determinada ação, uma determinada ordem que recebemos, tem mais impactos negativos do que positivos sobre a população, e com isso decidirmos fazer ou não. Em suma, nos dá mais autonomia sobre as nossas escolhas.

Reações do grupo 02 à segunda entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. Percebemos que a sociedade desenvolveu-se dentro de um horizonte positivista, que privilegia o conhecimento técnico. Aí são estabelecidas relações entre os homens, de forma a construir uma hierarquia, estratificando cada vez mais as classes sociais. Por exemplo, existe o Phd. que faria parte do topo, depois o mestre, o graduado, o técnico e por último aqueles que detêm um conhecimento fruto do senso comum. Há hoje em dia cada vez mais uma diferenciação do conhecimento, isso tem por efeito um alargamento das diferenças entre as classes sociais. Aqueles que são os detentores do conhecimento direcionam o desenvolvimento e inovações tecnológicas para atender às suas necessidades, enquanto a miséria aumenta. Com isso, há uma separação entre o que é o progresso tecnológico daquele que deveria ser entendido como progresso humano. Os interesses que guiam o progresso, nesses moldes, são exclusivamente monetários.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. Ao nascermos já estamos inseridos em uma sociedade, com seus interesses e ideologias. Por tabela somos influenciados a seguir o ritmo da sociedade, a se adaptar ao modelo existente. Nesse modelo, aqueles que nascem numa classe social mais baixa, tendem a permanecer nela, pois são privados do acesso ao conhecimento necessário para progredirem. Segundo Durkheim, as sociedades vêm se tornando mais complexas. Antigamente haviam menos pessoas nas cidades, o que tornava mais fácil a tomada de medidas que pudessem atender aos anseios da maioria, que a maioria pudesse ser ouvida. As pessoas tinham, com raras exceções, o mesmo pensamento político e religioso, havia uma certa homogeneidade social. Em pouco tempo a população saltou de 1 bilhão para 7 bilhões de pessoas, com isso aumentou a complexidade das relações sociais, junto a isso o avanço tecnológico ganhou protagonismo. Em consequência, cada vez menos vínculos são estabelecidos entre as pessoas e com isso vão fechando-se mais em si-mesmas, tornando-se individualistas. Por exemplo, muitas pessoas trabalham produzindo material para a internet sem terem a mínima ideia de quem é a pessoa que esta do outro lado consumindo. A lógica do consumo desempenha também um papel importante nesse cenário, somos pressionados a nos qualificarmos muito, para assim ganharmos mais dinheiro, e “comprarmos” o nosso status social. Percebemos que quando um grupo tem mais acesso ao conhecimento que o outro, é quase que natural que as diferenças entre ambos cresçam, e torne suas relações mais polarizadas. Nisto surge um ambiente de competição, todos se enxergam como oponentes. Tem um outro aspecto que poderíamos destacar que tem forte influência nesse comportamento, que é a diminuição da papel da religião nas sociedade. As máximas religiosas, sobretudo do catolicismo, pregam fazer o bem aos demais, porque só entrará no céu aqueles que forem bons em vida. Com a diminuição dessa consciência, o homem passa a ver a vida como finita e, por isso, deve ser aproveitada ao máximo, extraindo tudo quanto for possível da natureza e dos outros. Isto estimula um comportamento centrado em si mesmo, se não há vida após a morte, se depois de morrer virarei apenas matéria orgânica enterrada, não haverá consequências futuras, e não haverá nenhuma punição e nenhum juiz depois. A gente percebe essa lógica já no calvinismo, com a teologia da retribuição, os interesses monetários entram na esfera religiosa. Aqui não se fala que sem religião podemos fazer o mal, mas que sem ela não medimos as consequências das nossas ações na vida dos outros, e da sociedade em geral, essa

ação não precisa ser necessariamente má, ou um crime, basta ser egoísta e voltada apenas aos meus interesses.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. Como comentamos nas respostas anteriores, o homem relaciona-se com a natureza orientado pelo lucro e com os outros da igual forma, reforçando as hierarquias sociais. Esse interesse de obter mais lucros e conseqüentemente mais poder tornou-se, na sociedade atual, como uma ideologia, somos condicionados a persegui-lo. Na sociedade que é estabelecida assim, até aqueles que mostram uma certa consciência ambiental, são movidos por interesses subjetivos, fazem isso porque assim se sentem bem ou para serem olhados como bons pelos outros. Mas claro que existem pessoas que têm convicções, que refletiram criticamente sobre os impactos da exploração predatória da natureza e viram que desse jeito a coisa não se sustenta. Não preservam por interesse próprio, nem dos seus filhos e netos, podem nem ter filhos e netos, mas porque têm uma convicção fundamentada que essa forma de ação esta equivocada.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. O Estado age para responder aos interesses daqueles que o colocaram no poder, e aqui não nos referimos à população, mas a alguns grupos detentores de muita influência financeira. O Estado não está mais no topo da hierarquia, ele responde aos interesses do Mercado. Por exemplo, na década de 30 houve um grande investimento em rodovias no Brasil, para atender a uma demanda nova e em ascensão que era a produção de carros pelo mercado externo. Apesar de ser o pior meio de transporte, hoje é responsável pela quase totalidade do escoamento de mercadorias no Brasil, tudo isso para atender as pressões externas do Mercado. Quando falamos do Estado não nos referimos diretamente aos governantes, mas o Sistema de administração. Numa sociedade que age conforme interesses, o Estado surge como uma figura que garante o interesse de uma pequena minoria. Como mecanismo para amenizar essas desigualdades deveriam ser criados ambientes que favorecessem uma maior participação popular na administração pública, como os plebiscitos. Claro que isso depende de uma mudança considerável da sociedade. O sistema pautado pelos interesses de uma pequena minoria é substituído, em grande parte, por mais autonomia dos cidadãos diante das medidas de administração.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. A filosofia teria o papel de “pôr a pulga atrás da orelha” diante do sistema de interesses que rege a sociedade, diante da indústria cultural e de toda a ideologia que nos cega e manipula. Seria a responsável por iniciar um processo no qual ambientes que privilegiam o diálogo se tornariam possíveis. Neste novo modelo, a filosofia também ajudaria as pessoas a perceberem criticamente as tentativas de influência de votos e de decisões. Por outro lado, a filosofia pode reforçar nos sujeito um caráter subjetivista, centrado em si mesmo. É difícil falar das contribuições que a filosofia em sentido amplo pode trazer, porque existem muitas formas de filosofia, e muitas delas são também responsáveis por estabelecerem o sistema como está.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. Com a visão mais ampla que a filosofia pode nos proporcionar nos auxiliará em nossos postos de trabalhos a medirmos os impactos que as nossas ideias, os projetos por nós desenvolvidos têm diante da sociedade. O contato com as doutrinas filosóficas nos ajudam a forma o nosso senso crítico e a ter cada mais mais consciência das nossas ações, nos dando também uma maior habilidade argumentativa. Isto para nós, que pretendemos ser profissionais da área técnica é de grande valia, para não nos limitarmos apenas a um horizonte restrito. Claro que fazendo as ressalvas que fizemos antes, a filosofia é muita vezes a responsável por reforçar em nós os interesses egoístas, quando nos coloca como o centro do mundo. Para que ela possa nos ajudar como profissionais, ela também tem que se reinventar e passar a considerar a comunidade como um todo.

Reações do grupo 03 à segunda entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. Nem sempre um está relacionado ao outro, e em muitos casos o progresso científico agrava os problemas sociais. Ao longo da história recente vimos muitos exemplos disso, como é o caso da bomba atômica. Diante destes potenciais destrutivos, deve fazer parte do processo científico uma análise dos efeitos da pesquisa no contexto social.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. A associação quase que imediata entre o progresso técnico e o progresso humano, não seria, como se supõe, um efeito de uma determinada forma de pensar da sociedade, mas um sintoma, que revela uma lógica utilitarista⁹⁴ e instrumental que rege a sociedade. Em consequência disso há também uma supervalorização do conhecimento técnico, criando uma verdadeira hierarquia que exclui aqueles que estão alheios a ele. O desenvolvimento de tecnologias, desde as primeiras formas de organização sociais, sempre foi muito importante e estava associada à preservação da espécie. Com a Revolução Industrial, a criação dos sistemas de produção, há uma prevalência de uma racionalidade de tipo instrumental, que coloca o aprimoramento técnico como fim e as pessoas como meios, muitas vezes com a ingenuidade de acreditar que quanto maior for o desenvolvimento técnico, maior será o progresso humano.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. A relação é essencialmente de dominação tanto sobre a natureza, quanto sobre o homem. Gostaríamos de destacar que isso surge não apenas por causa de uma racionalidade que busca criar novos aparelhos tecnológicos a todo custo, mas que também, valendo-se da razão instrumental, cria teorias que intensificam a discriminação⁹⁵ e a exploração do homem pelo homem. Um exemplo disso é o darwinismo social, que influenciou o imperialismo e movimentos como o nazismo e o fascismo, afirmando a superioridade de algumas pessoas sobre outras de acordo com os seus grupos étnicos e sociais. Percebemos o ímpeto pela dominação como algo intrínseco ao ser humano, e a tecnologia surge como uma ferramenta de dominação mais eficaz. Quando o sistema de dominação aproxima-se de um colapso, o próprio sistema reinventa-se, sofisticando a forma de dominação. Existem, é claro, episódios

⁹⁴ Aqui não se trata, propriamente, da corrente do pensamento ético, político e econômico inglês dos sécs. XVIII e XIX, que teve por um dos grandes expoentes o filósofo e economista britânico John Stuart Mill. Aqui se trata muito mais de pessoas, que pautam seus interesses pessoais pela utilidade, sem um dimensão coletiva.

⁹⁵ A racionalidade instrumental, ao reduzir todas as dimensões da vida humana ao plano do dinheiro, possibilita a criação de teorias, ou mecanismos que reforcem ou até acentuem a dominação do homem sobre o homem. Assistimos ao longo da história recente um exemplo crasso disso na ideologia nazista.

históricos, como a Revolução Francesa, que revelam a derrocada de um sistema de dominação, mas que tão logo infiltrou-se no novo sistema de governo surgido da revolução, de uma forma mais discreta, mas não menos eficaz.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. É o Estado, responsável pela administração pública, que gere o mecanismo de dominação sobre as pessoas e sobre a natureza. Apesar da figura do Estado democrático ter surgido como forma de evitar a concentração de poder nas mãos de uma minoria, ele não cumpre o seu papel. Afim de amenizarmos ao máximos as relações de poder e de dominação, deveria se estabelecer uma sociedade o mais horizontal possível, uma comunidade que delibera as medidas que irá tomar através do diálogo, mas reconhecemos que para que isso acontecesse o Estado deveria assumir um papel de mediador. Essa seria a proposta, ao menos em teoria, de uma democracia, evitar a concentração de poderes e dar ao povo, por meio dos seus representantes eleitos, a escolha sobre os rumos que irão tomar. Infelizmente esses representantes orientam suas ações segundo os seus próprios interesses, e não os do povo que os elegeu, reforçando uma lógica de dominação. Acaba se tornando uma democracia entre aspas⁹⁶. Nesta estrutura não há uma dominação completa e explícita, como acontecia em tempos de escravidão, mas é muito mais sutil e eficiente. Sob o pretexto de melhorar sempre mais a segurança o Estado nos monitora em tudo o que fazemos, tem acesso a tudo aquilo que pesquisamos na internet, a toda a nossa movimentação bancária, aos lugares que vamos, acabamos aceitando isso passivamente simplesmente para nos sentirmos mais seguros. A dominação acaba sendo um subproduto do sistema que estabeleceu. Esse poder de dominação não é exercido exclusivamente pelo Estado, muitas empresas multinacionais, grandes conglomerados também exercem forte influência na sociedade, influenciando as pessoas a aderirem a sua lógica de trabalho. A dominação quanto mais se sofisticava mais fica difícil percebê-la e combatê-la, em comparação com a dominação em períodos de escravidão por exemplo, apesar desta ser mais chocante, a dominação dos tempos atuais mostra-se mais eficiente, pois é imperceptível para a maioria das pessoas. Promover um ambiente que possibilite um diálogo entre as pessoas na sociedade, seria uma maneira de conscientizar as pessoas desse processo de dominação e ao mesmo tempo um modo de resistência.

⁹⁶ Uma democracia aparente, mas não de fato.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. A filosofia nos ajudaria a perceber as relações de dominação estabelecidas na sociedade, bem como ver o outro como pessoa, dotada dos mesmos direitos e deveres que eu, e não mais como um objeto. Com isso, entendendo a sociedade como um comunidade de iguais, as relações de dominação diminuiriam muito, e poderiam ser mais facilmente combatidas. A filosofia também contribui para a formação de um senso crítico, que seria capaz, através da comunicação e do dialogo, ser uma força de resistência contra o sistema, e mais até, por dele poderíamos fazer dar certo a democracia, como foi concebida.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. Em nossa área de atuação, que é o desenvolvimento de tecnologias e produtos, a filosofia nos ajuda a ter mais empatia pelas pessoas, a vê-las, não como meios para se atingir um fim, mas como fim em si mesmo. Com isso poderemos contribuir para diminuir as barreiras sociais, sobretudo no campo da acessibilidade. Aqui surge também uma contribuição importante da razão comunicativa, enquanto na racionalidade instrumental o que importa é o resultado, o objeto produzido, com a racionalidade comunicativa poderemos dialogar e questionar o processo, para que consigamos aproximar o processo técnico da vida prática das pessoas.

Reações do grupo 04 à segunda entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. Percebemos que na sociedade atualmente o desenvolvimento tecnológico ocorre em detrimento ao desenvolvimento humano. Isso ocorre porque a racionalidade que orienta a sociedade esta voltada ao interesse dos sistemas, para manter o poder daqueles que já o detém, enquanto ignora o interesse prático das pessoas. As grandes empresas manipulam de várias formas as necessidades das grandes massas, sobretudo através de uma lógica de consumo, para aparecer diante da população como aqueles que suprem uma necessidade importante do povo, mas que foi criada artificialmente por eles. O desenvolvimento tecnológico não só é buscado em detrimento ao desenvolvimento humano, mas como justificativa para os males que afligem a sociedade. Pouco importa se uma grande parcela da população submete-

se às condições degradantes de trabalho, ou até mesmo submeterem-se à regimes de trabalho escravo, porque tudo isto é em prol de um maior desenvolvimento tecnológico. Isso reforça o caráter desumano da razão teleológica. Acreditamos que o Habermas propõe uma razão comunicativa como alternativa a este modelo que guia a sociedade atual, porque se continuarmos nesse ritmo as diferenças tendem a se acentuarem cada vez mais.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. A sociedade organizada dessa forma vê o mundo em função da utilidade. Transforma as relações em relações de mercado. Muitas vezes nós, necessariamente, não queremos pensar e agir dessa forma, guiados apenas pela praticidade e utilidade das coisas. Como exemplo banal, muitas vezes não queremos pensar nas recompensas que teríamos caso desenvolvêssemos mais esse aparelho tecnológico, do que gostaríamos de pensar no nosso namorado, namorada e da forma que imaginamos nossa vida a dois. Mas somos quase como obrigados a entrarmos nessa lógica de ver vantagens e desvantagens em tudo. Somos diariamente estimulados a abdicar das nossas individualidades em prol do desenvolvimento técnico, em prol dos resultados que obteremos com uma melhor adequação ao sistema. Com isso abandonados a nossa vida privada, sentimental e reduzimos a nossa existência à lógica da razão técnica. Esse desenvolvimento é orientado pela comunidade científica, sendo a maioria dos progressos relevantes apenas para eles, enquanto para a maioria da sociedade, que financia indiretamente as pesquisas, passa despercebido, como o caso emblemático da foto do buraco negro. Não que isso deva ser ignorado, mas deve andar junto com investimentos e desenvolvimento científicos que tenham maior impacto na vida social das pessoas.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. O ser humano é visto em função da força de trabalho e a terra como uma fonte de recursos. Esta forma de ver o mundo gera um ambiente no qual os homens vêm-se como oponentes que devem disputar uma vaga no mercado de trabalho, e para isso se submetem a todo tipo de exploração e baixa. A vida gira em torno de estudo, para qualificar-se o máximo possível, para conseguir um bom trabalho, e trabalhar o

máximo possível. Você tem que estudar mais, para colocar-se numa procissão de superioridade e dominar aqueles que estão abaixo de você.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. O Estado aparece alinhado ao sistema que opera a partir da racionalidade teleológica. Não importa os meios utilizados para alavancar o desenvolvimento técnico, que beneficia uma pequena parcela da população, mesmo que tenha pesados custos ambientais ou humanos. Isto se intensifica graças a razão iluminista, que confia a libertação do homem ao próprio desenvolvimento da razão e, posteriormente, da ciência, com o positivismo. Um evento histórico que marca fortemente essa forma de pensar e agir é a Revolução Industrial, com a qual os resultados, os produtos produzidos tiveram mais valor que o próprio homem. A partir daí a lógica de mercado começou a coordenar as relações segundo os seus interesses. Hoje em dia as relações de dominação não estão mais restritas à burguesia e operários, a sociedade tornou-se mais complexa do que isso, e assim, as relações de dominação também tornaram-se mais sofisticadas. Claro que ao longo da história existiram pessoas que denunciaram esse tipo de relação de dominação, mas que foram silenciadas pelo sistema de uma forma ou de outra. Essa sociedade capitalista cria pessoas cada vez mais egoístas, voltadas para si, e com isso, mantém-se o sistema estável.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. A filosofia, sobretudo aquela que prioriza a dimensão comunicativa da vida, tem um papel importante não só na sociedade de agora, mas na do amanhã. Com ela somos cada vez mais estimularmos ao diálogo, a tomadas de decisão a partir de um diálogo sincero com os outros. Isso é de fundamental importância, pois os jovens de hoje, que estão tendo acesso a esse tipo de filosofia, serão os governantes de amanhã. Agindo a partir desse modelo de filosofia baseado no diálogo, poderão tomar decisões que levem em conta as necessidades reais das pessoas, dando mais voz a todos através do diálogo. A filosofia é o espaço no qual colocamos em pauta coisas que julgávamos que não deveriam ser questionadas, coisas do nosso dia a dia, nossas ações do cotidiano que passam despercebidas. Muitas vezes o conforto que o conhecimento fruto do senso comum, aquele conhecimento irrefletido que nós temos, nos impede de procurarmos questionar as nossas certezas para tentarmos fundamentá-las racionalmente. É muito difícil esse movimento nesse tipo de racionalidade instrumental, em que as pessoas cada vez mais encontram-se fechadas

em si mesmas, e julgam que aquilo que sabem é o suficiente. Apenas com a mudança para uma racionalidade comunicativa é que, com o contato com o outro, descobriremos que temos mais o que aprender do que certezas e conhecimentos prontos. A filosofia não nos impõe uma ideologia, saber, por exemplo, o que Marx pensava não vai me fazer comunista, mas vai me dar mais uma possibilidade de visão de mundo, que eu posso criticar ou aceitar.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. O contato com outras formas de pensar, outras possibilidades de agir nos ajuda a contrastar com a realidade na qual estamos vivendo e formar o nosso pensamento crítico, nos dando maior autonomia da vontade. Uma experiência durante o estágio foi um tanto que inusitada e mostrou o poder que a filosofia pode nos dar. Muitas coisas que eram impostas a nós, como uma jornada de trabalho exaustiva e uma disponibilidade integral ao trabalho, não concordava, mas sabia que precisava do estágio para concluir o curso técnico e por isso não poderia “bater de frente”. Foram dilemas reais que já pude experimentar nesse experiência enquanto assistente técnica de aparelhos hospitalares. A filosofia nos dá consciência sobre as injustiças que sofremos, uma consciência sobre a exploração do trabalho. Sobretudo aqueles que trabalham na assistência técnica, têm que dedicar sua vida, em tempo integral para o trabalho. Completamente alienante. As máquinas não podem parar, não importa o quanto isso custe na vida dos trabalhadores. Pensar filosoficamente nos ajuda a equilibrar esse paradoxo de ter que colocar comida na mesa e não se contentar com a exploração do seu trabalho. Nos ajudar a ter consciência do que se passa conosco, independente se em um dado momento eu opto por me submeter a isso, para depois denunciar esta relação desumana, ter noção daquilo que estão fazendo comigo. E na esfera privada, a filosofia nos auxilia a abrir espaços de diálogos com os amigos, familiares para ampliar minha visão de mundo sobre aquilo que nos cerca.

Reações do grupo 05 à segunda entrevista

E. Vocês concordam que, normalmente o progresso técnico está associado ao desenvolvimento humano? Como vocês avaliam essa associação?

En. A associação de um ao outro aparece como algo natural, pois o avanço de determinadas tecnologias esta diretamente associado a uma maior expectativa de

vida, ou de bem-estar social. Por outro lado há um inegável uso de tecnologias para aumentar a dominação do homem sobre o homem. A tecnologia que inicialmente foi apresentada para ajudar a desenvolver a humanidade hoje é usada como uma caverna⁹⁷, recorrendo ao exemplo famoso de Platão. Cada vez mais o homem se isola e fecha-se em si mesmo, com a ajuda da tecnologia.

E. Vocês acreditam que esta visão de mundo tem alguma interferência na vida cotidiana das pessoas? Em outras palavras, acreditar que o progresso técnico representa o desenvolvimento humano traz alguma consequência para a vida em sociedade?

En. A sociedade organizada dessa forma leva as pessoas a agirem segundo uma lógica matemática, racional. Em consequência disso se distanciam cada vez mais das outras, importando-se somente consigo. Dentre outras coisas, esse isolamento social é causado pela forma desigual que o avanço tecnológico é oferecido à sociedade. Um grupo de poucas pessoas controla o desenvolvimento tecnológico. Isso pode ser explicado de acordo com os dois modelos de racionalidades que estudamos, a instrumental e a comunicativa. Ao equiparar progresso técnico com o humano há um claro privilégio da razão instrumental. Esse tipo de racionalidade está tão forte em nossa sociedade, que as pessoas acreditam que agir assim é natural. A fala daqueles que têm um conhecimento tecnológico maior tem maior prestígio, pelo simples fato dele ser visto como um representante da tecnologia. Isso tem um efeito de dominação e controle social muito grande. O que importa é quem fala e não o que se fala. Como consequência prática esta a divulgação de notícias falsas. Veículos de comunicação, pessoas e sites que têm prestígio social, se valem disso para construir as suas narrativas. Tornam o falso como verdadeiro e o verdadeiro por falso. A maioria da população, por não ter um conhecimento específico, técnico, acaba deixando-se levar por esses especialistas, sem procurarem refletir ou investigar a veracidade das informações.

E. Como vocês veem a relação do sujeito com a natureza e com os demais nesse cenário?

En. A sociedade em geral vê o mundo como números em uma planilha, e as pessoas como folhas de pagamento. A lógica de mercado rege as relações trabalhistas e relações entre as pessoas. As pessoas são como engrenagens, são preparadas ao

⁹⁷ Aqui recorre-se à analogia feita por Adorno e Horkheimer na obra “A Dialética do esclarecimento”, a razão científica que surgiu para libertar o homem do mito, acabou convertendo-se ela mesma em mito.

longo da vida, pela sociedade, para desempenharem cada vez melhor a sua função nessa máquina. O modelo capitalista reduz todos os níveis das relações sociais ao dinheiro. Isso afeta todas as dimensões da vida do homem, inclusive a lúdica. Os jogos são desenvolvidos hoje com o interesse de causar dependência do jogador, e não o seu divertimento, e com isso, fazer com que ele pague, cada vez mais caro, para avançar de fases em um ciclo vicioso sem fim.

E. Como vocês leem o papel/o comportamento do Estado nisso?

En. O Estado é regido pelos interesses daqueles que têm mais dinheiro, e usa do seu poder em função dessa pequena parcela da população. As pessoas acomodam-se diante de algumas políticas públicas de distribuição de renda, que mais funcionam como uma ferramenta para manter uma grande parte da população desprivilegiada refém, do que para promover o seu desenvolvimento. Dá-se pouquíssimo dinheiro às pessoas, mas não oferta-se a elas oportunidades de saírem dessa situação de miséria. São privadas do acesso às tecnologias e ao conhecimento técnico. Um pequeno grupo dita os rumos da sociedade, enquanto as pessoas aceitam sem nenhum tipo de questionamento. Isso não é uma característica de agora, apesar de que podemos senti-la com maior intensidade hoje. Acontecimentos históricos que marcaram profundamente a história do nosso país, como a independência, abolição da escravidão, proclamação da república, foram eventos que a grande parte da população simplesmente ignorou, nem sabia sequer o que estava acontecendo. Percebemos que hoje esse poder de controle é destinado àqueles que tem mais dinheiro.

E. Como vocês veem o ensino de filosofia em meio a tudo isso? Como ele é hoje e como poderia ser?

En. A filosofia tem a função de abrir o caminho para um diálogo baseado na reflexão crítica sobre as coisas que estão acontecendo. O primeiro passo é tirar as pessoas do senso comum, em que aceitam tudo sem refletir sobre. Quando você tem uma base filosófica, você pode questionar-se sobre as razões que causam tais problemas ou anomalias sociais, e formar uma opinião própria, com argumentos. Naquele exemplo que usamos das notícias falsas, quem tem um base filosófica não se contenta com a notícia dada no noticiário, vai investigar se realmente procede. Sociedades mais bem estruturadas como a Alemanha, privilegiaram a filosofia como parte constituinte da base social. Isto possibilitou que as pessoas tivessem um senso crítico mais apurado, e procurassem, na maior parte das vezes, resolver os problemas através de um

diálogo voltado para um consenso. Agindo assim, a dominação do Estado sobre as pessoas diminui.

E. Como você vê a sua futura prática profissional inserida nesse cenário?

En. A filosofia nos ajuda a sempre reexaminar as nossas crenças e posturas, ninguém tem 100% de razão. Devemos, claro, acreditar em nós mesmos, confiar em nossos pontos de vista, mas estar sempre abertos às contribuições dos outros. Para nós enquanto técnicos, a filosofia pode aumentar a nossa sensibilidade social e usar o nosso conhecimento técnico para um benefício maior da sociedade.